

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

RODRIGO CÉSAR PAES FUMES

**O QUE QUEREM OS JOVENS?
DEMANDAS DA JUVENTUDE RURAL PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS**

**VIÇOSA – MINAS GERAIS
2011**

RODRIGO CÉSAR PAES FUMES

**O QUE QUEREM OS JOVENS?
DEMANDAS DA JUVENTUDE RURAL PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS**

Monografia, apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Sheila Maria Doula

**VIÇOSA – MINAS GERAIS
2011**

RODRIGO CÉSAR PAES FUMES

**O QUE QUEREM OS JOVENS?
DEMANDAS DA JUVENTUDE RURAL PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS**

Monografia, apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovada dia 1 de dezembro de 2011

Professora Dra. Sheila Maria Doula (orientadora)
Universidade Federal de Viçosa

Professor Dr. Edson Soares Fialho
Universidade Federal de Viçosa

Professor Dr. Nilo Américo Rodrigues Lima de Almeida
Universidade Federal de Viçosa

CONCEITO FINAL: _____

DEDICATÓRIA

À três grandes homens, que apesar de não estarem mais presentes, foram grandes exemplos de ética e humanidade. Vô Antônio, Vô Jaime e Tio Paulo.

AGRADECIMENTOS

Considerando que toda materialidade espacial é constituída ao longo de um processo histórico, esta monografia é resultado de algo além da minha existência. O que necessariamente passa a incluir pessoas que não fizeram parte da minha trajetória pessoal, o que faz de qualquer agradecimento uma tarefa injusta por natureza. Visando minimizar isso, agradeço de antemão a todos que, de alguma forma, contribuíram ao progresso da sociedade e ao do que nós entendemos enquanto conhecimento.

E agradeço, particularmente, a algumas pessoas que tiveram contribuição direta em minha trajetória acadêmica:

À professora e orientadora Sheila Maria Doula, que sempre me motivou a ir além de pressupostos básicos, de resultados parciais e conclusões preliminares. Mostrou que a verdadeira ciência é baseada em fatos e não em predisposições ideológicas e morais. Mais que um grande exemplo profissional e pessoal, que já seria motivo suficiente para minha admiração, levo dela grande amizade que pretendo cultivar apesar da distância. Diria até que a adotei enquanto segunda mãe (mas sei que ela não é mãe de marmanjo!).

À professora Ana Maria Dietrich, grande amiga que me ajudou muito durante os primeiros anos em Viçosa, pelo projeto de sucesso que compartilhamos e que hoje se tornou um periódico com excelente projeção. Pela oportunidade de ser monitor de suas disciplinas e por me tornar expert em “nazismo tropical”.

Aos professores Eloy Alves, Evonir Pontes de Oliveira, Jeferson Boechat e Paulo Shikazu Toma que, apesar dos breves contatos de disciplinas optativas e cafezinhos, sempre me motivaram a questionar o que se apresentava enquanto ciência e enquanto realidade.

Aos técnicos administrativos que sempre estiveram dispostos a auxiliar e garantir o funcionamento da infraestrutura física e tecnológica da Universidade.

Ao Zé do Carmo, Miltinho, Preguinho e Izabel, pessoas maravilhosas com que tive a oportunidade de trabalhar na Biblioteca Central de UFV.

Aos professores Eduardo Maia, Ronan Eustáquio Borges, Leonardo Civale, Isabel Chrysostomo, André Faria e Klemens Laschefski pelo conhecimento compartilhado, pelos debates e pelo incentivo.

À professora Lídia Antongiovanni pelo apoio dado a concretização desse trabalho e a predisposição em colaborar com qualquer iniciativa.

Ao professor Nilo Américo pelas provocações em aula, e principalmente pela colaboração com a fase final desse trabalho.

Ao professor Ulysses Baggio pela amizade, pelo conhecimento compartilhado e pelos embates conceituais que me propiciaram grande amadurecimento conceitual e pessoal.

Ao professor Edson Fialho, pela amizade, sinceridade e pelo exemplo pragmático que sempre demonstrou em suas disciplinas, viagens de campo e conversas informais.

As festas, bares e repúblicas de Viçosa por propiciarem inspiração e abrandarem a saudade de casa.

Ao pessoal do Geraes, pela amizade, pelas peladas, pelos papos no cafezinho, e pelos pratos que vão me obrigar a voltar a Viçosa.

Aos amigos que nem me atrevo a citar porque provavelmente esqueceria alguém, pelos momentos incríveis e inesquecíveis que foram compartilhados.

Ao Léo, companheiro de república e irmão adotivo, pelos debates, pelos duelos de CS, pelas noites viradas, cafezinhos, amizade, correções e conversas infrutíferas de madrugada.

À turma do cursinho de 2006, os vagabundos confessos.

Aos irmãos adotivos, Tchuguéder, Mala, Mattosinho, Ratão, Salsicha, Cacá, Jão, Farofa e Brunão.

À Tati, pela compreensão, apoio, carinho e paciência. Pelas conversas (ou tentativas) em inglês, discussões por skype na calada da noite, e pela parceria em artigos e na vida.

À minha família pelo apoio e incentivo. E principalmente à minha mãe pelo amor, carinho, financiamento e exemplo de vida.

EPÍGRAFE

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
“Navegar é preciso; viver não é preciso”.

Quero para mim o espírito desta frase, transformada
a forma para a casar como eu sou: Viver não é
necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la
penso. Só quero torná-la grande, ainda que para
isso tenha de ser o meu corpo e a minha alma a
lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que
para isso tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho
da essência anímica do meu sangue o propósito
impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para
a evolução da humanidade.

O QUE QUEREM OS JOVENS? DEMANDAS DA JUVENTUDE RURAL PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS

RESUMO

Na zona rural da microrregião de Viçosa há um predomínio da agricultura familiar. Em geral, mesmo havendo essa predominância, ela persiste em meio a uma situação desfavorável, apesar da precariedade das condições de acesso aos bens e serviços básicos; ao empobrecimento ou escassez de recursos naturais disponíveis e as dificuldades relacionadas ao parcelamento e acesso a terra. Ao mesmo tempo, a ausência de perspectivas industriais e um inexpressivo mercado de serviços têm pouco a fornecer enquanto alternativa de ocupação e renda, ou complementação da renda, à população rural. Com isso, tem se estimulado a saída de parcela significativa desta população rural, especialmente dos jovens. E, sobre esse público em específico que a presente pesquisa buscou atuar. Foram levantados os seguintes questionamentos: quais os valores atribuídos pelo jovem a sua localidade; quais são as concepções sobre as políticas públicas direcionadas para o seu segmento social; e quais são suas demandas mais importantes para o poder público. Como metodologia, este estudo descritivo e exploratório utilizou a revisão bibliográfica e a pesquisa documental bem como a coleta de dados em duas comunidades rurais (São José do Triunfo e Córrego Fundo) da Zona da Mata Mineira. Na pesquisa de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas e observação não participante. Como resultados esse estudo constatou que, diferentemente do que pesquisas no tema apresentam atualmente, a tendência emigratória dos jovens não está aliada à busca por oportunidades profissionais, mas sim, relacionada a problemas de saúde na família. Apesar de reclamarem das deficiências infraestruturais, os entrevistados demonstram o desejo de permanecer nas comunidades rurais, mas, para isso, demandam instrumentos eficazes para a melhoramento e diversificação de suas atividades. A pesquisa demonstrou também a deficiência no que se refere à divulgação e acesso aos programas federais voltados para a juventude rural, já que a totalidade dos jovens afirmou desconhecer as políticas públicas a eles direcionadas. Conclui-se que as políticas públicas direcionadas ao público juvenil deveriam conter propostas contingenciais a fim de captar diferentes demandas, criar meios de divulgação e instrumentos de acesso a tais políticas, além de fomentar o trabalho de mediadores sociais que atuem com vistas à garantia dos direitos de uma cidadania plena para os jovens rurais.

Palavras-chave: Políticas públicas; Planejamento territorial; juventude rural; desenvolvimento rural; Sociologia rural.

WHAT YOUNG PEOPLE WANT? DEMANDS FROM RURAL YOUTH FOR PUBLIC POLICIES

ABSTRACT

In the rural microregion of Viçosa there is a predominance of family farming. In general, even with this dominance, it persists in between a disadvantage situation, despite the precarious conditions of access to basic goods and services; the impoverishment and shortages of the available natural resources and the difficulties related to the subdivision and access to land. At the same time, the lack of industrial perspectives and an unimpressive services market have little to provide for a occupation and income alternative, or complementation of the income, to the rural population. Thus has stimulated a output of significant portion of this rural population, especially young people. So, about this particular public that this research sought to act. Were raised the following questions: which are the values assigned to its location by the young people; what are the concepts about the public policies directed to their social segment; and which are their most important demands to the government power. As a methodology, this descriptive and exploratory study used a literature review and documental research as well as a data collection in two rural communities (São José do Triunfo e Córrego Fundo) from Zona da Mata Mineira. In the field research was realized semi-structured interviews and non-participant observation. As results the survey found that, contrary to what researches show currently, the emigration trend of young people is not allied to the search for job opportunities, but related to health problems in the family. Despite complaining of infrastructural deficiencies, the respondents shows the desire of remain in the rural communities, but, for that, they demand efficient tools for the improvement and diversification of theirs activities. The survey also showed the deficiency in respect to the advertising and access to federal programs aimed at rural youth, as all the young people said being unaware of public policies directed to them. So we conclude that public policies directed at youth public should contain contingency proposals in order to capture different demands, create ways of dissemination and access tools to such policies, besides to promote the work of social mediators acting with a view to guaranteeing the rights of a full citizenship for rural youth.

Keywords: Public policies; Territorial planning; Rural youth; Rural development; Rural sociology.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	10
INTRODUÇÃO	13
1. REVISÃO DE LITERATURA	19
1.1 A juventude na contemporaneidade	19
1.2 Juventude Rural e Políticas Públicas	23
2. OBJETIVOS	27
3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS	28
2.1 Coleta de dados	28
2.2 Universo empírico	29
2.3 Análise de dados	31
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
4.1 Perfil dos entrevistados	32
4.2 Juventude rural e suas famílias	32
4.3 Jovens rurais e sua localidade	33
4.4 Jovens rurais e educação	36
4.5 Juventude rural e internet	39
4.6 Juventude, trabalho e renda	40
4.7 Democracia e cidadania	42
4.8 Valores éticos e percepções	44
4.9 Juventude e sexualidade	48
4.10 Lazer e cultura	49
4.11 Juventude e política	50
CONCLUSÕES	52
GRÁFICOS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
ANEXO	119

PREFÁCIO

Antes de qualquer explanação teórica e conceitual, é importante esclarecer as motivações e as intenções com este trabalho científico. Coloco a Geografia como uma das ciências que podem e devem atuar no planejamento e uso do território. O planejamento pode ser realizado sob duas óticas: “remédio” e “vacina”. O planejamento “remédio”, que também pode ser chamado de *post factum*, visa analisar as origens e causa dos problemas e propor soluções ou ações paliativas. O planejamento “vacina”, ou *ante factum*, procura projetar futuros cenários e organizar ações para que estes sejam contidos ou tenham menor impacto.

Nas ciências humanas e sociais em geral, a maior parte dos questionamentos e problemas de pesquisa surgem a partir da observação da realidade. Um dos problemas que ressurgiram nos últimos anos foi o êxodo rural (que gera demandas aos planejadores tanto do rural, quanto do urbano). O êxodo em si mesmo, já ocasiona problemas urbanos que envolvem moradia, saúde, saneamento, educação, entre outros. Ao mesmo tempo, mostra as deficiências do “mundo rural”, uma vez que a causas de migração geralmente estão relacionadas à renda, infraestrutura e educação. Como se não bastasse, o êxodo também se torna um problema econômico e de Estado, já que coloca em xeque a produção de alimentos básicos, e, automaticamente, a segurança alimentar: afinal, quem produzirá alimentos se todos morarem na cidade?

“No meio da dificuldade reside a oportunidade”. Talvez esta célebre frase de Albert Einstein possa ilustrar nossa sociedade contemporânea, e, conseqüentemente o “mundo rural”. Hoje, ao mesmo tempo em que se desafiam todos os limites de manipulação da natureza, proporcionalmente, se valorizam os elementos “naturais” existentes. Neste cenário contraditório, surgem proposições e conceitos igualmente contraditórios como, por exemplo, desenvolvimento sustentável. Duas palavras que antes, raramente eram mencionadas em uma mesma frase, hoje, passam a permear documentos e ações de todas as esferas da sociedade. Com isso, o rural experimenta uma revalorização, sua rede de ação e modo de produção passam a ser tidos como respostas à crise que enfrentamos. A natureza foi redescoberta, tanto como recurso, quanto necessidade.

Neste ponto, reaparece o papel da agricultura familiar enquanto conciliadora de duas demandas atuais: alimentos mais saudáveis e sustentabilidade ambiental. Apesar de ser uma resposta imediata aos questionamentos atuais, a própria agricultura familiar também é refém desta situação, ainda convive com os problemas históricos do rural brasileiro, que vão da má distribuição de terras a infraestruturas precárias.

Na microrregião de Viçosa, realidade que convivo, há um predomínio da agricultura familiar. Em geral, mesmo havendo essa predominância, ela persiste em meio a uma situação desfavorável, apesar da precariedade das condições de acesso aos bens e serviços básicos; ao empobrecimento ou escassez de recursos naturais disponíveis e as dificuldades relacionadas ao parcelamento e acesso a terra. Ao mesmo tempo, a ausência de perspectivas industriais e um inexpressivo mercado de serviços têm pouco a fornecer enquanto alternativa de ocupação e renda, ou complementação da renda, à população rural. Com isso, tem se estimulado a saída de parcela significativa desta população rural, especialmente dos jovens.

É justamente sobre essa população jovem do meio rural que se impõem as demandas da atual sociedade; são para esses jovens que as políticas públicas passaram, pelo menos nos últimos cinco anos, a atuar na promoção de programas de desenvolvimento territorial.

Frente a esse cenário a presente pesquisa buscou atuar ao levantar as seguintes problemáticas: Quais as concepções positivas e negativas que os jovens elaboram sobre o em que vivem? Em que esferas de sua vida (educação, trabalho, lazer, cultura, sexualidade, religiosidade e comunicação) o campo e a cidade são valorizados ou desvalorizados? Que conhecimento o jovem rural tem das políticas públicas que são a eles direcionadas? Qual tipo de políticas públicas os jovens rurais desejam para si? Que esferas da vida social desses jovens as políticas públicas deveriam intervir?

Visando responder a estes questionamentos de uma maneira mais completa possível, o trabalho foi organizado da seguinte maneira: num primeiro momento, busquei estabelecer uma problematização que abarcasse historicamente a construção da juventude rural como um ator social, isto é,

visualizar quando os jovens rurais passaram a ganhar espaço na agenda política e nas pesquisas científicas.

Na segunda parte, realizei uma breve revisão de literatura sobre as categorias analíticas da pesquisa, a saber: juventude na contemporaneidade; juventude rural e políticas públicas. Na terceira parte, pontuo os objetivos geral e específicos da pesquisa. Em seguida, discorro sobre a metodologia utilizada na pesquisa. Na quinta parte faço uma análise dos dados obtidos e, por fim, aponto algumas conclusões que a pesquisa trouxe.

Busquei com esse trabalho exercitar a função de planejador, ou seja, captar demandas frente a um cenário futuro desfavorável a esses jovens e propor ações e propostas que promovam o desenvolvimento em seu sentido amplo através da ampliação das liberdades instrumentais e substantivas (SEN, 2000). Para isso, tive de abrir mão do conforto conceitual da minha área de formação para dialogar com as demais ciências sociais. Assumo, e antecipadamente peço desculpa, a eventuais erros.

INTRODUÇÃO

O temor de uma explosão demográfica fez com que a juventude entrasse na agenda política do país. Esse processo foi resultado de uma característica peculiar da dinâmica demográfica brasileira dos anos 70 e 80, a chamada “onda jovem”¹, que, aliada ao aumento da taxa de fecundidade das jovens neste mesmo período, fez com que este segmento ganhasse destaque no cenário político a partir dos anos 90 (CAMARANO, 1998; BRANDÃO 2006; CAMARANO, LEITÃO E MELLO, 2006).

Um ponto referencial nesse processo é a publicação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)², que, mesmo abrangendo apenas parte da classe jovem, passa a considerar crianças e adolescentes como cidadãos em desenvolvimento, ancorados numa concepção plena de direitos. Apesar disso,

[...] a juventude não surge, nesse contexto, como protagonista com identidade própria, uma vez que parece reforçar a imagem do jovem como um problema, especialmente em questões relacionadas à violência, ao crime, à exploração sexual, à “drogadição”, à saúde e ao desemprego. A partir dessa concepção limitada, os programas governamentais procuraram apenas – e nem sempre com sucesso – minimizar a potencial ameaça que os jovens parecem representar para a sociedade” (KERBAUY, 2005, p.193).

No entanto, ao observar a recente história democrática do país, poucas eram as políticas públicas que visaram esse público específico. Ao analisar as políticas públicas federais para os jovens nos anos 90, Maria das Graças Rua (1998) constata que nenhuma delas era essencialmente destinada para este público. Com isso, os jovens seriam “beneficiados” por essas políticas sociais indiretamente, ou seja, eram abrangidos por políticas generalizantes (sem público específico), ou por políticas que os incluíssem por faixa etária (é o caso de

¹ Bercovich e Madeira (1992) foram os primeiros autores a conceituar esse processo.

² Promulgado através da Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 (BRASIL, 1990).

políticas públicas para a criança, para a família e de capacitação profissional)³. No entanto, não necessariamente tais políticas estariam sendo orientadas somente a esse público que, para a autora, “representariam o futuro em uma perspectiva de formação de valores e atitudes das novas gerações” (p. 731).

Esse cenário passa a se alterar somente no início deste século, com iniciativas públicas em parceria com a sociedade civil. No entanto, é válido lembrar que esse reconhecimento em torno da relevância dos jovens para a sociedade brasileira, assim como no reconhecimento de “novas minorias”, não deixa de obscurecer as diversas orientações e pressupostos que alimentam esses projetos.

[...] a conformação das ações e programas públicos não sofre apenas os efeitos de concepções, mas pode, ao contrário, provocar modulações nas imagens dominantes que a sociedade constrói sobre seus sujeitos jovens. Assim, as políticas públicas de juventude não seriam apenas o retrato passivo de formas dominantes de conceber a condição juvenil, mas poderiam agir, ativamente, na produção de novas representações (SPOSITO e CARRANO, 2003, p. 18).

Os autores ainda ressaltam que “as decisões envolvendo a implementação de políticas são amplamente produto de conflitos em torno do destino de recursos e de bens públicos limitados, ocupando um espectro amplo de negociações e de formação de consensos, mesmo que provisórios” (p. 18). Problema esse, desencadeado justamente por esses projetos levarem em suas considerações normativas parâmetros etários pré-determinados, exprimindo uma imagem de vida cíclica e comum a todos os jovens, o que, na prática, não é válido.

No âmbito científico, apesar de haverem trabalhos pontuais nos anos 70 e 80, onde destaco principalmente o trabalho da professora Marialice Foracchi (1972), somente no presente século é que se observa um crescente interesse

³ A título de exemplo, destaco a formulação dos clubes de trabalho “4-S” (saber, sentir, saúde e servir) que foi o instrumento extensionista importado do sistema americano (*4-H - head, heart, hands, and health*) que objetivava, através da juventude, socializar valores da Revolução Verde. Apesar de praticamente extintos no Brasil, estes grupos ainda possuem grande expressão nos Estados Unidos (SILVA, 2001).

nesta temática⁴. Tais pesquisas, em sua maior parte, prestigiam temas relacionados a jovens em situação de risco e a movimentos culturais urbanos como Funk e Hip-hop (BRANCO, 2005; UNESCO, 2006; URNAU, 2008).

No entanto, é recente, e ainda inexpressiva, a atuação sobre o universo cultural e político dos jovens rurais (ABRAMOVAY et alli, 1998; CARNEIRO, 1998; SILVESTRO et alli, 2001) “[...] O que não acontece no que se refere à população jovem dos grandes centros urbanos, que tem atraído a atenção de um número muito mais amplo de estudiosos sobre temas variados (CARNEIRO, 2005, P. 243). Além disso,

Quando se focaliza a juventude rural, apesar de haver estudos sobre diferentes aspectos, dois temas são recorrentes: a tendência emigratória dos jovens, em grande parte justificada por uma visão relativamente negativa da atividade agrícola e dos benefícios que ela propicia; e as características ou problemas existentes na transferência dos estabelecimentos agrícolas familiares à nova geração (BRUMER, 2007, p. 36).

Maria José Carneiro (2005) complementa ao relatar que, geralmente, as pesquisas relacionadas à organização social do campo, colocam esse jovem em uma condição inferior, isto é, apenas como componente da equipe de trabalho familiar, “[...] seja como aprendiz de agricultor, nos processos de socialização e de divisão social do trabalho no interior de unidade familiar, seja como trabalhador fora do estabelecimento familiar complementando a renda da família” (p. 244).

Não somente na esfera do trabalho essa classe vem sendo negligenciada, mas também, nos demais processos da vida social. As próprias políticas públicas de/para/com a juventude privilegiam jovens urbanos e em situação de risco.

Ao se observar esses programas federais para os jovens, observa-se que somente três programas, de um total de sessenta e nove, visam diretamente o

⁴ É interessante destacar dois excelentes levantamentos de pesquisas que foram realizados nesta temática: o primeiro, realizado por Ruth Cardoso e Helena Sampaio (1995) que incluí estudos nacionais e internacionais, e, mais recentemente, um que foi coordenado por Marília Pontes Sposito (2009) que se limita a produção de pós-graduação brasileira.

jovem rural (Nossa Primeira Terra, Pronaf Jovem e Saberes da Terra)⁵. Além disso, é válido ressaltar que esses programas promovem, de certa maneira, a permanência dos jovens rurais no campo através da agricultura, invalidando outras possibilidades de atuação profissional no meio rural.

Maria José Carneiro e Renato Maluf (2003) constataram, em uma de suas pesquisas, que os pais de alguns jovens apontam certo pessimismo a respeito da atividade agrícola, o que, simultaneamente resulta no desejo de diferentes alternativas profissionais para os sucessores que não seja na agricultura. Isso ilustra a divergência, e até mesmo, a possível ineficácia das políticas públicas atualmente promovidas.

Em pesquisas recentes que abordam os desejos dos jovens e a confluência entre as condições para realização deste desejo e as suas aspirações profissionais, nota-se a proeminência de dois temas: educação e emprego⁶. Tais dados não apresentam praticamente uma divergência entre os interesses dos jovens rurais quando comparados aos dos “jovens urbanos”.

Ao mesmo tempo, ainda que se reconheça a enorme diversidade existente entre os jovens – traduzida, como vimos, pelas diferenças de gênero, faixa etária, classe social, raça/cor, local de moradia, condição econômica, entre diversas outras –, com base nos cruzamentos de dados realizados, percebe-se a existência de vários aspectos comuns às juventudes como um todo. Isto porque, em várias situações, observou-se uma constância bastante acentuada na marcação dos itens propostos, quando esses foram desagregados em função das variáveis adotadas, mantendo níveis praticamente estáveis não importando o sexo, a escolaridade, a classe social etc. (ESTEVEZ E ABRAMOVAY, 2007, p. 32)⁷.

⁵ Outros programas que podem atingir esse público não visam a capacitação a outras atividades no meio rural, no máximo, colocam-nos como promotores de atividades culturais sazonais. Ver: BRASIL. **Guia de Políticas Públicas de Juventude**. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República, 2006.

⁶ Destas pesquisas, pode-se destacar: ABRAMOVAY e CASTRO, 2006; BRANCO, 2005; PROJETO JUVENTUDE e INSTITUTO CIDADANIA, 2005; ESTEVES e ABRAMOVAY, 2007; BAJOIT e FRANSSEN, 2007; RODRÍGUEZ, 2010.

⁷ Os autores se referem aos dados apresentados pela pesquisa oficial da UNESCO coordenada por Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro (2005).

Mas, ao se limitar ao universo rural, e as conclusões apontadas por pesquisas qualitativas⁸, observa-se o caráter instrumental dado à educação escolar, já que ela carrega a possibilidade de novas alternativas ao “trabalho pesado” do campo, que, além do pequeno retorno monetário que gera, é repleto de incertezas e condicionantes. O que, conseqüentemente, leva a esses agricultores a desejarem a “cidade” como uma alternativa desejável para seus descendentes. “Mesmo entre os que se consideram bem-sucedidos na atividade agrícola, são poucos os que desejam que os filhos deem continuidade à lavoura familiar” (CARNEIRO, 2005, p. 248).

O jovem rural, neste cenário, está preso a uma dualidade: “sair ou ficar?”. O mundo rural, antes considerado o mundo das atividades e ocupações agrícolas (realizadas em um ambiente predominantemente natural, com baixa densidade populacional e uma menor divisão do trabalho), hoje experimenta outro cenário face à comunicabilidade e interação existente com o meio urbano. Principalmente a partir da ampliação da malha rodoviária e da maior facilidade de acesso as Novas Tecnologias da Comunicação e da Informação (NTCI's), ocorre uma maior integração entre o meio rural e urbano, e, simultaneamente reforça mudanças culturais e econômicas a ambos os meios⁹.

A juventude rural ao longo da história e em muitos países foi uma categoria ordenadora de organizações de representação social – hoje estamos testemunhando uma reordenação desta categoria. [...] Esse jovem rural se apresenta longe do isolamento, dialoga com o mundo globalizado e reafirma sua identidade como trabalhador, camponês, agricultor familiar, acionando diversas estratégias de disputa por terra e por seus direitos como trabalhadores e cidadãos (CASTRO, 2009, p. 183).

⁸ Destaca-se principalmente: ABRAMOVAY *et alli*, 1998; CARNEIRO, 1998; SILVESTRO *et alli*, 2001; CASTRO, 2005, 2009, 2010; CASTRO *et alli*, 2009; PAULO, 2008, 2009; FRANCA-BEGNAMI e MENEZES NETO, 2009; WANDERLEY, 2000a, 2000b, 2003, 2006.

⁹ Embora as manifestações técnicas se expressem de maneira pontual e contraditória nas localidades rurais, essa maior comunicabilidade trazida pela internet, mesmo quando pontualmente nas *lan houses*, acaba por reconfigurar hábitos de consumo em seu sentido amplo. Ou seja, não somente os bens de consumo passam a dialogar com o “global”, mas também, os consumos culturais, ao ponto em que se observam uma crescente diversidade nos consumos culturais, e a hibridização cultural, em localidades concebidas como “tradicionais”. Ver mais a respeito em Néstor Garcia Canclini (1995 e 2004).

Essas mudanças também são evidenciadas através da flexibilização das atividades da agricultura familiar; na diversificação da economia no meio rural, manifestada através do crescimento das ocupações rurais não agrícolas (ORNA's) e da pluriatividade; e, no surgimento de novos atores sociais no meio rural, os "neorrurais"¹⁰ que vão viver ou explorar atividades turísticas e de prestação de serviço na área de alimentação e lazer (DOULA *et alli*, 2010).

A partir deste cenário, a presente pesquisa procurou investigar: Que concepções positivas e negativas os jovens rurais elaboram sobre o em que vivem; Em que esferas de sua vida (educação, trabalho, lazer, cultura, sexualidade, religiosidade e comunicação) o campo e a cidade são valorizados ou desvalorizados? ; Que conhecimento o jovem rural tem das políticas públicas que são a eles direcionadas? Qual tipo de políticas públicas os jovens rurais desejam para si?; Que esferas da vida social desses jovens as políticas públicas deveriam intervir?

¹⁰ Destacam-se os trabalhos de: NOGUÉ e FONT, 1988; STROPASOLAS, 2002; SOARES, FAGNANI, BERGAMASCO, 2009; SOARES, 2009; HAAS *et alli*, 2010; SCHNEIDER, 2001, 2003, 2009.

1. REVISÃO DE LITERATURA

1.1 A juventude na contemporaneidade

Desde a antiguidade há, nas culturas ocidentais, a preocupação com a divisão da vida humana em fases. Os primeiros esboços, mais tradicionalistas, dividiam-na em apenas três fases fundamentais: a primeira idade, constituída por o que conhecemos hoje como infância e adolescência; a segunda idade, que se refere à fase adulta ou madura; e a terceira idade, atribuída à senilidade (BOURDIEU, 1983; SHEEHY, 1997).

Essa classificação designa, em linhas gerais, a participação dos indivíduos no mercado de trabalho, e, no contexto do Estado moderno, essa classificação é reafirmada pela institucionalização da escola e da aposentadoria, que marcam, respectivamente, a inserção e retirada do mercado de trabalho, ou seja, o início e fim da fase adulta.

As primeiras pesquisas que problematizaram, mesmo que marginalmente, esta divisão das fases da vida humana relacionavam-se ao desenvolvimento do intelecto humano e foram elaboradas por teóricos da psicologia e a psicanálise. Tais estudos se concentravam principalmente na infância e na adolescência, no entanto, a maior parte das pesquisas sobre as demais “fases” da vida que vieram a seguir se utilizaram e foram muito influenciadas por essas teorias¹¹.

Mais recentemente, a partir de pesquisas a respeito do desenvolvimento social, psicológico, biológico e cultural dos indivíduos, e do surgimento de ações políticas direcionadas a certas faixas etárias, as fases da vida passaram a ser subdivididas em sete fases principais¹²: infância, adolescência, juventude, idade adulta, meia idade, terceira e quarta idade (CÂMARA E CRUZ, 1999; DEBERT, 1997; CAMARANO, LEITÃO E MELLO, KANSO, 2006).

¹¹ Dentre os primeiros teóricos destacam-se, principalmente: Sigismund Schlomo Freud (1856-1939); Burrhus Frederic Skinner (1904-1990); Sir Jean William Fritz Piaget (1896-1980); Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934) e Alexei Nikolaevich Leontiev (1903-1979).

¹² Lembra-se que, apesar dessa divisão não ser consensual, ela é atualmente adotada por agências internacionais como a UNESCO, e pelas políticas públicas governamentais. Além disso, é válido ressaltar que as nomenclaturas são comumente alteradas, mas não alteram o sentido. A título de exemplo, atualmente se menciona a terceira e quarta idade como “melhor idade” ou “idade da sabedoria”.

Essa divisão em ciclos ou fases, leva em conta experiências que podem ter certa previsibilidade de acordo com a idade em que a pessoa está. São marcadas principalmente por eventos biológicos (puberdade, menarca, reprodução, menopausa, senilidade, *et cetera*) e sociais (formatura, primeiro emprego, saída da casa dos pais, casamento, aposentadoria, *et cetera*).

Embora socialmente reconhecidos e estabelecidos, esse eventos que marcam a passagem de uma fase a outra, não são, necessariamente, uma *conditio sine qua non*, já que, hoje, estes não estão relacionados diretamente a uma idade.

Na verdade, em sociedades de outrora existiam ritos de passagem que demarcavam, de modo preciso, a transição dos jovens para a idade adulta, como os ritos de circuncisão. Mais recentemente, o casamento e a obtenção de um trabalho constituíam momentos-chave para a aquisição do estatuto de adulto. [...] Hoje em dia, são mais fluidos e descontínuos os traços que delimitam as fronteiras entre as diferentes fases de vida. [...] Assistimos, deste modo, a um prolongamento das fases de vida: hoje pode ser-se jovem aos 29 anos ou mais enquanto que, em contrapartida, uns 60 anos, bem conservados, não são necessariamente um atributo de velhice (PAIS, 2009, p. 373).

O ponto central dessa discussão debruça-se, assim, sobre a juventude, já que, em nossa sociedade, a ideia de liberdade social difundida pelo sistema capitalista está marcada por valores associados à mocidade (RIBEIRO, 2004). “Ser jovem virou slogan, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico – condição para se pertencer a uma certa elite atualizada e vitoriosa” (KEHL, 2004, p. 92). Assim, “os indivíduos acabam por recorrer a manipulações da representação da idade através de investimentos corporais: cirurgias estéticas, vestuário, consumos culturais” (PAIS, 2009, p. 372)¹³.

A valorização da juventude como uma etapa da vida marcada pelo dinamismo e criatividade é muito mais recente, da mesma forma que a construção do jovem como símbolo da rebeldia e da insurreição contra a

¹³ É válido lembrar que é relativamente recente esse prestígio pela joviedade. Até pouco tempo, valorizava-se muito mais o ingresso na fase produtiva/reprodutiva (fase adulta), não sendo incomum, entre os jovens a adoção de hábitos “maduros” como o uso de bigodes, roupas formais, chapéus e demais comportamentos que sugerem um semblante de respeito/solenidade (KEHL, 2004; GONZALES E GUARESCHI, 2008; PAIS, 2009).

hipocrisia só pode ser plenamente compreendida como um produto do contexto do pós-guerra (DEBERT, 2010, p. 51).

Aliado a isso, ocorre o que José Machado Pais (2005) chama de “yoyogeneização” visando caracterizar a atual reversibilidade dos eventos que marcam a transição para a vida adulta (emprego/desemprego; casamento/divórcio; abandono/retorno à escola ou família de origem).

Essa reversibilidade também vem contribuindo para o prolongamento da condição juvenil, ocasionada principalmente pela elevação progressiva do tempo de formação escolar e pela dificuldade de inserção no mercado de trabalho (UNESCO, 2004; LECCARDI, 2005).

Em meio a esse contexto antagônico onde os adultos querem se tornar jovens e os jovens não conseguem efetivamente se tornar adultos é que se encontra atualmente a juventude brasileira, e, até mesmo mundial. Não diferente disso são as representações que se fazem sobre os jovens, que são, muitas vezes, opostas entre si.

Embora os jovens sejam vistos como uma promessa para o futuro; como responsáveis pelo progresso do país, como símbolos da modernidade, da inovação e da beleza, também são, em contrapartida, responsabilizados por grande parte dos problemas sociais como a violência, a “drogatização” e a criminalidade¹⁴.

Os jovens encontram-se em uma etapa de construção de sua identidade, buscando sua autonomia. São gregários, procuram galeras, turmas, gangues e mesmo a incorporação no tráfico de drogas. Vivem momentos de encantamento e desencanto com a nossa sociedade, vivenciando hostilidades, falta de compreensão, ambientes rípidos. Necessitam de segurança, estímulo, sentimentos de confiança na sociedade, conhecimento, pertencimento e, principalmente, fazer-se escutar (ESTEVEES, 2005, p. 35).

Neste contexto também se encontra o que aqui chamamos de juventude rural. Até pouco tempo, boa parte da literatura sociológica questionava a

¹⁴ Essa problematização se faz presente na maioria das publicações recentes. Pode-se destacar Luis Carlos Gil Esteves (2005) como uma boa síntese no assunto.

existência dessa categoria uma vez que levavam em consideração “as exigências da vida agrícola e a pobreza obrigarem a maioria da população rural a assumir responsabilidades adultas muito cedo, inclusive a partir da meninice” (DURSTON, 1994, p. 15); no entanto, não se pode determinar o fim da juventude somente através do trabalho, já que a juventude, quase que consensualmente, é uma fase de “transição” da vida humana até a assunção de todos os papéis da vida adulta.

Assim, é necessário assumir a existência de uma juventude rural, e que esta, como qualquer grupo social, tem as suas peculiaridades. John Durston (1994) ressalta essas peculiaridades em basicamente quatro aspectos:

1. Os jovens rurais não são necessariamente camponeses, mais da metade dos que trabalham na agricultura são assalariados, e, entre 20 e 40 % dos economicamente ativos nem sequer trabalham na agricultura, mas numa ampla gama de ocupações (construção civil, educação, artesanato, et cetera);

2. A necessidade de entender as visões de futuro, necessidades de ações estratégicas individuais, sendo que, somente há a necessidade de abri-lhes as possíveis opções;

3. Valorar o conhecimento e a capacitação existente dos jovens rurais hoje e compreender que eles têm capacidade suficiente para se constituírem como força motriz do desenvolvimento rural;

4. Finalmente, há a necessidade de reconhecê-los como atores sociais em potencial. Apesar de não terem muita organização formal bem estruturada¹⁵, é necessária a participação desses para a tomada de decisões políticas acerca do desenvolvimento local (lembra-se que apesar de não existir, na maioria das vezes, essa “organização formal”, as redes informais formadas por parentesco ou vizinhança trazem um grande potencial ao protagonismo social desses jovens).

Esses pressupostos passam a negar (em parte) as ideias de Paul Singer (1993), que ressaltou fatores de expulsão e atração como explicação ao fluxo migratório campo-cidade, e Ricardo Abramovay (2003) e Giralda Sayferth (1993) que justificam a migração campo-cidade pela recusa dos filhos em suceder os pais no que se refere ao seu modo de vida agrícola, e até mesmo, pela busca por

¹⁵ A maior parte dos movimentos da juventude rural vincula-se a Movimentos Sociais e Sindicais e Religiosos

um emprego assalariado ou impossibilidade de partilha efetiva da propriedade. E concordam com a visão de Maria de Nazareth Baudel Wanderley (2006), que em seu trabalho observa que a cidade é representada pelos jovens de forma negativa (devido à violência, drogas, miséria, relações sociais limitadas) e ao mesmo tempo positiva (por se caracterizar como um centro de serviços, cultura e educação).

Em sua pesquisa Maria José Carneiro (1998) também constatou que os jovens rurais não desejam rompimento com seu local de origem, mas almejam “a possibilidade de conjugar o melhor dos dois mundos”.

Para eles [os jovens rurais], [a melhor opção] seria a possibilidade de conjugar o melhor dos dois mundos: a "tradição" - representada pela família, altamente valorizada como universo afetivo além de expressão e condição do pertencimento à localidade e à cultura de origem - e a "modernidade", que se traduz na realização de um projeto profissional individualizante, autônomo, representado na figura de um profissional liberal ou de um pequeno empresário (CARNEIRO, 1998, p. 106).

O grande dilema que vemos hoje, quando tratamos de juventude rural, é que os jovens querem conjugar mais que simplesmente o rural e o urbano, mas sim, o local e o global. A grande questão da juventude é dialogar com o mundo sem sair de casa; conseguir realizar suas aspirações profissionais sem grandes deslocamentos; viver próximo à natureza com todo o conforto urbano. O jovem rural quer mais que “o melhor dos dois mundos”, hoje, o jovem rural quer se globalizar.

Juventude rural e políticas públicas

Apenas nos últimos dez anos se pode observar o surgimento de ações/programas com grande expressão geográfica (programas estaduais e federais) que se destinam exclusivamente à juventude rural.

Raramente consideradas até recentemente, as expectativas e reivindicações dos jovens rurais começam a constar nas agendas de instituições oficiais, universidades, entidades representativas, movimentos sociais e ONGs. A omissão dessas demandas, aliás, está

se tornando desconfortável para os profissionais que trabalham diretamente com esta população, pela falta de oportunidades e perspectivas nos marcos dos modelos de desenvolvimento e dos sistemas culturais e políticos vigentes nos diferentes espaços da sociedade contemporânea. Dessas constatações nascem questões instigantes e abrangentes sobre o significado das mudanças vivenciadas e expressas pela juventude e suas implicações na construção de novas identidades sociais no mundo rural (STROPASOLAS, 2005, p. 2).

As referências básicas acerca do desenvolvimento das políticas públicas federais para a juventude são encontradas nos documentos: Políticas públicas de/para/com as juventudes (UNESCO, 2004), Guia de Políticas Públicas de Juventude (BRASIL, 2006) e Reflexões sobre a Política Nacional de Juventude (CONJUVE, 2011). O primeiro tem como objetivo contribuir para a constituição do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve)¹⁶ e da Política Nacional para a Juventude (PNJ). O segundo é uma espécie de resumo (ou catálogo) das políticas públicas desenvolvidas a partir dessas orientações e a sua abrangência. O último propõe um quadro de análise a respeito da Política Nacional de Juventude no período 2003 à 2010, realizada principalmente pelos promotores de políticas públicas, representantes de órgãos e pesquisadores da área.

Em ambas as publicações são ressaltadas duas áreas de investimento prioritário: educação e saúde. Destaca-se aqui, a posição da UNESCO que além de ser a precursora, acaba por influenciar as ações dos programas:

A partir da lógica em que estão estruturadas estas considerações, essas prioridades deveriam estar fixadas em torno do acesso a serviços como educação e saúde – incluindo qualidade de vida e questões de violência, além de emprego e rede de proteção social. No entanto, deve ser levado em conta que o acesso a bens culturais, de esporte e de lazer são também direitos básicos de cidadania dos jovens, que merecem destaque nas políticas públicas (UNESCO, 2004, p. 162).

O documento apresentado pela UNESCO também demonstra os projetos e programas aprovados, seu orçamento e suas diretrizes. No total são 69 programas e projetos sendo que 48 atingem indiretamente e 21 diretamente o público jovem, com um orçamento total maior que um trilhão e meio de reais. No

¹⁶ Criado por meio da Lei nº 11.129, de 30 de junho de 2005, e regulamentado pelo Decreto nº 5.490, de 14 de julho de 2007.

entanto, dentre esses programas e projetos, somente três atingem diretamente o jovem rural (Programas Nossa Primeira Terra, Programa Pronaf Jovem, Programa Saberes da Terra que foi substituído em 2008 pelo PROJOVEM Campo).

Estes três programas são, de certa maneira, propostas e iniciativas que visam à permanência dos jovens rurais no campo através da atividade agrícola, e, outros programas que podem atingir esse público não abordam a capacitação para outras atividades no meio rural, no máximo, colocam-nos como promotores em atividades culturais sazonais. Esse fato é ilustrado, por exemplo, nas reflexões a respeito dos limites das iniciativas de educação para a juventude.

[...] um dos limites no campo das políticas educacionais para a juventude encontra-se nas iniciativas para a população do campo. Nota-se um baixo índice de escolaridade, onde a maioria dos jovens não ultrapassa o primeiro ciclo do ensino fundamental e também inadequação e insuficiência na disponibilidade de instalações, materiais e equipamentos no meio rural. [...] Como consequência, o jovem do meio rural ao invés de ser preparado para a vida em seu ambiente de origem, forma-se com a concepção da cidade como opção ideal (PROJOVEM, 2010, p. 34).

Primeiramente, é preciso lembrar que, por mais que se garantam ações de educação no campo, é preciso garantir a acessibilidade dos jovens a essa modalidade de educação (no caso, trata-se de escolas agrotécnicas), e, o êxodo rural tratado acima, é na verdade ocasionado em grande medida pela dificuldade de acesso a essas iniciativas¹⁷.

Também, a elaboração da cidade como um modelo ideal não é necessariamente uma realidade, uma vez que pesquisas qualitativas na área¹⁸ apresentam em suas conclusões, que os jovens rurais não veem a cidade como opção ideal e demonstram o desejo em permanecer em seu local de origem, o que confirma, mais uma vez, que o real problema das iniciativas de educação no campo refere-se às dificuldades de transporte.

¹⁷ “Em uma análise separada sobre educação no campo, o levantamento aponta que menos de dois terços dos recursos autorizados para o programa Educação no Campo (PRONERA) foram liquidados no período entre 2005 e 2010” (CONJUVE, 2011, p. 35).

¹⁸ Destaca-se principalmente: CARNEIRO, 1998; STROPASOLAS, 2002; CASTRO, 2005, 2009, 2010; CASTRO et alli, 2009; PAULO, 2008 e 2009.

Em contrapartida, o insucesso dos programas de educação do campo leva automaticamente, a não difusão dos demais programas (Nossa Primeira Terra e Pronaf Jovem) de crédito fundiário, que, em seus pré-requisitos, exige algum tipo de formação agrotécnica.

Além disso, vale ressaltar que o acesso ao crédito é mediado por entidades que atualmente não possuem uma dispersão geográfica adequada a distribuição populacional, o que faz com que algumas regiões sejam mais beneficiadas que outras. Com isso, as regiões do país que relativamente apresentam maiores demandas, não são, necessariamente, as mais atendidas pelo Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF) que inclui os demais programas mencionados acima.

Quando observamos o número de operações aprovadas pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (SECRETARIA DE REORDENAMENTO AGRÁRIO, 2011) no período 2002-2011, nota-se uma concentração na Região Sul do país. Ao cruzar esses dados com o do Censo 2010 (IBGE, 2010), vemos que o percentual de população rural está entre 14,4 e 16,6 em todos os Estados da região. Quando comparado aos demais o índice só é superior aos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Amapá e ao Distrito Federal; é equivalente aos índices dos Estados do Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Espírito Santo e inferior a todos os demais.

Não cabe a essa pesquisa se aprofundar em aspectos referentes ao acesso ao crédito¹⁹, mas é válido ressaltar que a abrangência dos programas direcionados à juventude rural está diretamente relacionada ao número de instituições credenciadas a concessão de crédito na região.

¹⁹ Foram consultados diversos relatórios que trazem informações pertinentes ao debate, destacamos aqui: MDA, 2007a, 2007b, 2007c, 2007d, 2007e, 2007f, 2011 e SRA, 2011.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar os valores atribuídos pelo jovem rural aos espaços rural e urbano e suas concepções sobre as políticas públicas atuais direcionadas para o seu segmento social.

Objetivos Específicos

- Investigar as condições negativas e positivas que os jovens rurais atribuem aos meios rural e urbano; quais características de cada meio dificultam ou facilitam seu desenvolvimento individual e coletivo;
- Verificar o conhecimento que os jovens rurais possuem sobre as políticas públicas elaboradas para o seu segmento social;
- Elaborar um quadro de proposições e demandas dos jovens rurais a serem atendidas pelas políticas públicas.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

31. Coleta de dados

A pesquisa utilizou como metodologia a pesquisa documental, bibliográfica e de campo. Na pesquisa documental, foram analisados os documentos referentes às políticas públicas voltadas para a juventude, para o mundo rural e para a juventude rural. Essa pesquisa foi realizada em documentos impressos, principalmente os disponibilizados pelo acervo da UNESCO na Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa; em sites²⁰; além de entrevistas com representantes do governo municipal, a saber: Francisco Assis de Souza Castro - “Jeremias” (Assessor de Comunicação e Imprensa da Prefeitura Municipal de Viçosa); Antônio Elias Cardoso – “Toim” (Vereador do Município). Também foram procurados representantes das Secretarias Municipais, mas, nenhum dado foi fornecido. Segundo justificativa dos mesmos, a transição de governo ocorrida no município no ano de 2010 impossibilitou-os de apresentar dados substanciais e/ou relatórios de atuação nas comunidades pesquisadas.

A pesquisa bibliográfica foi realizada de maneira interdisciplinar visando aprofundar as categorias analíticas utilizadas nesta pesquisa, a saber: juventude, juventude rural e políticas públicas. Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica a fim de complementar a aplicação de questionários em campo, nas modalidades de observação não participativa, elementos de descrição densa e representações sociais (GEERTZ, 1978; LÉVY, 1995; JADELET, 2001; MOSCOVICI, 2001).

A pesquisa de campo foi realizada através de entrevistas semiestruturadas (o questionário pode ser conferido no anexo I) que buscou

²⁰ Os sites pesquisados eram principalmente de entidades governamentais, de universidades e do terceiro setor. Destaco os principais: Prefeitura Municipal de Viçosa (www.vicosa.mg.gov.br), Governo do Estado de Minas Gerais (www.mg.gov.br), Ministério do Desenvolvimento Agrário (www.mda.gov.br), Ministério da Cultura (www.cultura.gov.br), Ministério do Trabalho e Emprego (<http://www.mte.gov.br>), Secretaria Nacional de Juventude (www.juventude.gov.br), Universidade Federal de Viçosa (www.ufv.br), Universidade Federal de Juiz de Fora (www.ufjf.br), Universidade Federal de Ouro Preto (www.ufop.br), e algumas entidades como o da Pastoral de Juventude (www.pj.org.br), Rede Jovem Rural (www.jovemrural.com.br), Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (www.contag.org.br) entre outros.

captar as representações dos jovens rurais sobre o meio rural e o urbano e sobre as políticas públicas. O questionário contou com questões diversas, pois,

[...] para se entenderem os processos sociais em que os jovens se envolvem, é necessário recorrer à forma como expressam seus comportamentos, gostos, opções de vida, esperanças e desesperanças. As condições econômicas, políticas e sociais determinam características peculiares para se entenderem não só os comportamentos individuais, mas, especialmente, os processos sociais em que os jovens estão envolvidos. A história, a tradição e a cultura contribuem para a expressão de seus valores (MINAYO et alli, 1999, p. 12).

A confecção do questionário foi acompanhada de um pré-teste em universo reduzido visando aperfeiçoar as técnicas de entrevista, bem como, corrigir possíveis lacunas. Esse procedimento foi realizado na comunidade de São José do Triunfo com três jovens escolhidos ao acaso. Nas entrevistas se buscou calcular o tempo médio utilizado, que perguntas os jovens sentiam maiores dificuldades para responder e quais temas demonstravam maior interesse.

A definição do número de questionários teve como base a população jovem da comunidade de Córrego Fundo, onde moram aproximadamente 28 jovens (15-29 anos). Com isso, foram realizadas 40 entrevistas semiestruturadas (20 em cada comunidade). Os questionários foram aplicados sem distinções de sexo ou idade devido ao baixo contingente populacional de uma das comunidades. Também busquei um público disperso espacialmente na tentativa de evitar homogeneizações presentes em organizações juvenis, e assim, garantir uma maior diversidade e riqueza nas respostas.

3.2 Universo Empírico

A pesquisa de campo foi realizada em duas etapas, respectivamente nas comunidades de: São José do Triunfo e Córrego Fundo. A escolha dessas comunidades teve como justificativa a busca por características distintas e diferentes relações de interdependência com a urbe. Isso possibilitou o estabelecimento de uma análise comparativa entre as relações e percepções sobre o rural e o urbano, como também das convergências e divergências entre as proposições e demandas para as políticas públicas dos jovens entrevistados. A localização aproximada das comunidades pode ser observada na Figura 1.

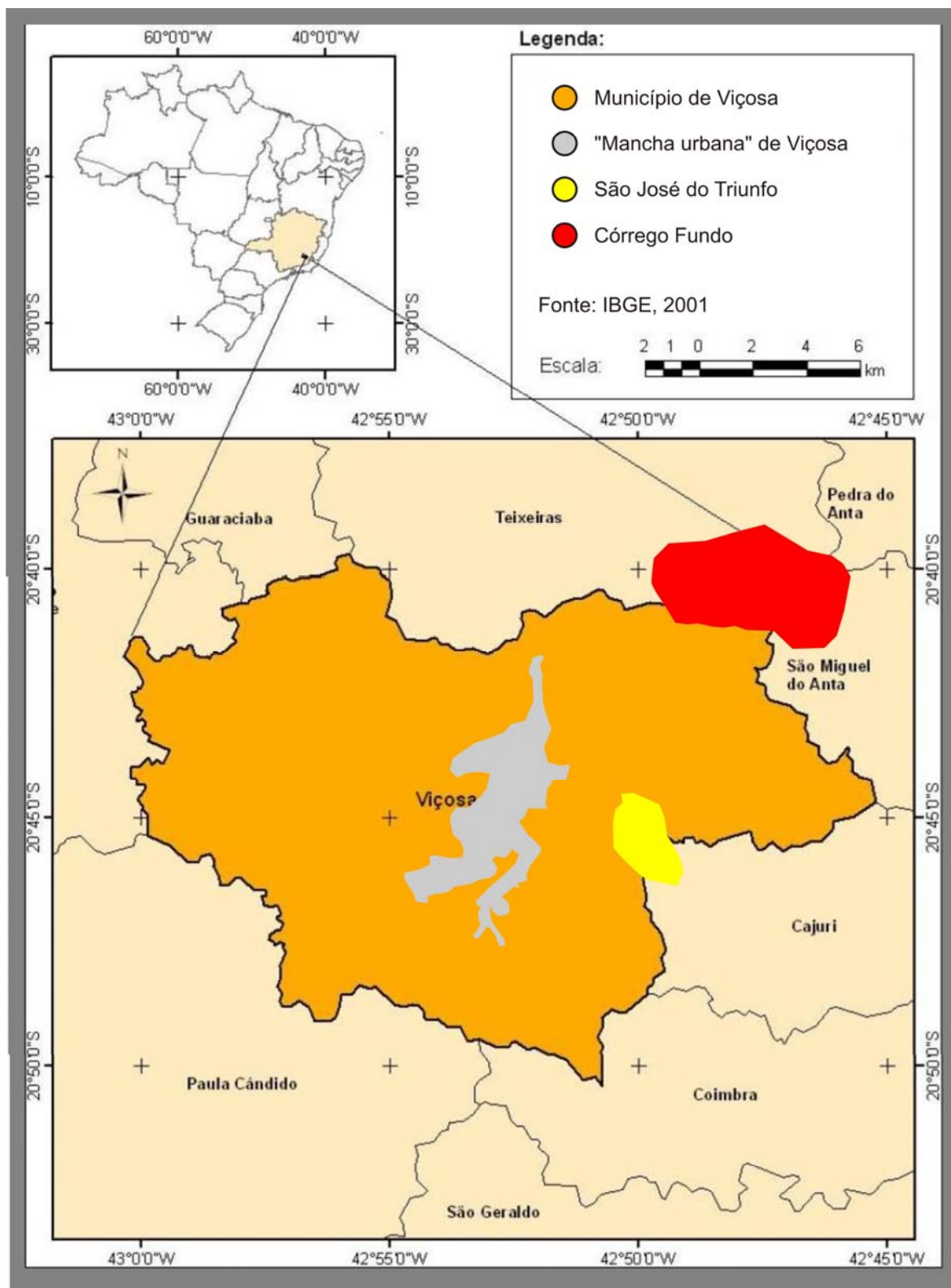


Figura 1. Localização aproximada das comunidades rurais frente zona urbana de Viçosa.

3.3 Análise dos dados

Os dados obtidos foram analisados a partir de uma interpretação interdisciplinar, principalmente aos teóricos contemporâneos da Sociologia e da Antropologia, que, em seus estudos, lançaram luzes a respeito das categorias analíticas selecionadas para a pesquisa.

Especificamente sobre a juventude rural utilizamos os trabalhos de: Elisa Guaraná de Castro (2009), Maria Elibath Baudel Wanderley (2006), Maria José Carneiro (1998), entre outros. Esses autores têm privilegiado em suas análises as modificações socioculturais desencadeadas pela globalização econômica no meio rural brasileiro e situado os conflitos e desafios da juventude nessas transformações em curso.

Sobre a categoria analítica políticas públicas foram utilizados os trabalhos de: Anita Brumer (2007), Maria Teresa Miceli Kerbauy (1995) Luis Carlos Gil Esteves e Miriam Abramovay (2007), Helena Abramo (1997), John Durston (1994) entre outros. Esses autores foram selecionados por aliarem dois temas aqui propostos, ou seja, juventude e políticas públicas. Além disso, esses autores fornecem um panorama crítico sobre incompreensões, desatualização e homogeneização das políticas públicas de juventude no Brasil e na América Latina.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Perfil dos entrevistados

Os jovens foram entrevistados ao acaso, visando compilar uma maior diversidade de opiniões. Dos 40 entrevistados, compostos por 19 homens e 21 mulheres (Gráfico 1), 29 tem atualmente de 15 à 21 anos de idade, enquanto 11 pertencem a faixa de 22 à 29 anos (Gráfico 2). Também foi perguntado aos entrevistados que cor/raça se autoatribuíam. Foi constatado que em São José do Triunfo, nove se consideram “brancos”; três “negros”; e oito “morenos/pardos”, já em Córrego Fundo, doze se consideram “brancos”; dois “negros” e seis “morenos/pardos” (Gráfico 3). A autoatribuição étnica, apesar de em primeiro momento não ter fim prático na pesquisa, foi colocada como mediadora das representações uma vez que, em momento posterior da entrevista perguntou-se sobre a existência de preconceitos étnicos na comunidade, e sobre o conhecimento de políticas públicas que combatem preconceitos.

4.2 Juventude rural e suas famílias

A comunidade que possui maior relação com o meio urbano (São José do Triunfo) apresentou maior número de famílias compostas por cinco ou mais pessoas, enquanto em Córrego Fundo, que é uma localidade mais afastada do município de Viçosa, este quadro apontou menores taxas (Gráfico 4). Em São José do Triunfo, 35% das famílias são compostas por três ou quatro pessoas, e 65% por cinco ou mais pessoas. Enquanto em Córrego Fundo, 10% são compostas por até duas pessoas, 40 % por três ou quatro pessoas e 50% por cinco ou mais pessoas.

Essa configuração obtida em capo se afasta, de certa maneira, da tendência mostrada por Ana Maria Goldani (1993, 1994, 2002). Para a autora, com o avanço da urbanização, evidenciada pelo avanço de infraestruturas urbanas no meio rural, haveria um decréscimo no número de pessoas que compõe o grupo familiar. Na pesquisa realizada o quadro se mostrou inverso, ou

seja, quanto mais “urbanizada” a localidade, maior o número de pessoas na família.

Também pode se notar, em ambas as comunidades, a permanência da estrutura biparental na maior parte das famílias²¹. Em São José do Triunfo 65% eram compostas por arranjos biparentais, enquanto em Córrego Fundo 90% (Gráfico 5). Este tipo de estrutura demonstra a permanência de certa cultura tradicionalista patriarcal²², também evidenciada quando se observa a longevidade dos pais, já que todos os entrevistados possuem mãe/responsável feminino, e somente três dos entrevistados são órfãos de pai (Gráfico 6).

A profissão/ocupação dos pais está diretamente relacionada ao nível de interdependência com o centro urbano. Em São José do Triunfo a ocupação dos pais está relacionada a atividades urbanas, a maior parte está empregada ou realiza atividades relacionadas ao setor de serviços. É quase inexpressivo o número de mães que são apenas responsáveis por atividades domésticas. Já em Córrego Fundo, a maior parte dos pais tem atividade relacionada direta ou indiretamente à agricultura, parte das mães realiza, segundo os jovens, atividades domésticas, no entanto, este dado pode ser desconsiderado uma vez que estas auxiliam na atividade agrícola da família (Gráfico 7 e 9).

4.3 Jovens rurais e sua localidade

Quando perguntados como caracterizam sua comunidade: “urbano e rural”, os jovens se mostram inclinados a percepções historicamente

²¹ Utilizou-se a definição legal presente no Novo Código Civil (BRASIL, 2002). Compreende-se por estrutura familiar biparental arranjos compostos por: pai, mãe e filho(s); companheiro(a) e filho(s) ou companheiro(a).

²² A edição nº 230 da Revista Eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos (IHU Online) traz em seu dossiê uma compilação de artigos e entrevistas pertinentes ao assunto, destaca-se aqui: GROSSI, 2007; MIZRAHI, 2007; MAGALHÃES, 2007; VERDI, 2007; SIGARAN, 2007; MARODIN E POLANCZICK, 2007; ZAMBRANO, 2007.

estabelecidas, ou seja, o rural é caracterizado em seus relatos pelo atraso tecnológico, pela falta de infraestrutura, pela existência de atividades agrícolas²³.

Isso foi verificado ao perceber que, na comunidade de Córrego Fundo, a totalidade dos jovens caracterizou-a enquanto rural (Gráfico 11), enquanto em São José do Triunfo, os jovens apresentaram opiniões diversas, 50% dos entrevistados caracterizaram-na como urbana; 35% como “um pouco dos dois”, e 15% como rural.

É interessante relatar algumas das representações desses jovens: Ao afirmar que São José do Triunfo era “urbano” um jovem relatou: “aqui nós temos asfalto, ônibus, telefone e internet. Isso pra mim é urbano”. Já o que proferiu ser “um pouco dos dois” relatou que: “Difícil falar, aqui nós temos coisas da cidade, mas também temos coisas da roça”. O que defendeu que a comunidade era rural, disse: “Aqui é roça mesmo, o ônibus passa porque um tanto de gente trabalha na universidade, mas o pessoal que trabalha aqui mexe com coisa de roça: faz cesto, planta as coisas, apanha café ou vende coisa pra roça”.

Esse tipo de divergência demonstra as diferentes relações que cada um tem como o centro urbano; para alguns, a comunidade de São José do Triunfo é um bairro da cidade, e está totalmente integrado a ela; enquanto para outros, a comunidade é uma espécie de “cidade dormitório” uma vez que o custo de moradia no local é menor que na urbe. Esse fenômeno de hibridização urbana é pertinentemente analisado por Milton Santos (1993), o autor relata que “[...] mais que a separação tradicional entre um Brasil urbano e um Brasil rural, há, hoje, no país, uma verdadeira distinção entre um Brasil urbano (incluindo áreas agrícolas) e um Brasil agrícola (incluindo áreas urbanas)” (p. 9).

Quanto à mobilidade demográfica dos locais (Gráficos 12, 13 e 14), podem-se observar diferentes processos em que as comunidades estão envolvidas (com exceção dos que moram nas comunidades desde quando nasceram). Enquanto em São José do Triunfo a modalidade de mudança dos jovens e de suas famílias pode ser caracterizada principalmente por

²³ É interessante lembrar que essa discussão no âmbito acadêmico exibe certa complexidade, uma vez que, a caracterização dos espaços envolvem elementos materiais e imateriais que estão em constante transformação e pertencem a diferentes processos históricos (FUMES, 2009).

“periurbanização”, devido ao baixo custo da terra no local, além dos depoimentos obtidos em campo, a cidade de origem também ilustra isso. Já em Córrego Fundo, o fenômeno relatado pode ser caracterizado como “migração de retorno”. Apesar de pesquisas sobre esse fenômeno se concentrarem na região Nordeste do país, os jovens relataram em seus depoimentos que moravam em regiões metropolitanas, mas que os pais voltaram para seu local de origem após perderem o emprego ou se aposentarem. Esse fato mostra um nicho interessante para futuras pesquisas sobre demografia na Zona da Mata Mineira, mais especificamente, na microrregião de Viçosa.

O desejo de mudança dos jovens é praticamente insipiente, grande parte dos jovens de ambas as comunidades pretendem permanecer ali compreendem que suas pretensões profissionais não os impedirão disso. Eles valorizam, sobretudo a proximidade com a família e os amigos como elemento chave para sua permanência. Já os jovens que pretendem sair da comunidade, estão em busca de “melhores” oportunidades profissionais uma vez que veem que a comunidade em que vivem não tem condições de conciliar suas aspirações. Segundo relato dos mesmos, o principal motivo para ainda não terem mudado, está relacionado a dificuldades financeiras (Gráficos 15 e 16).

A esse respeito Silvestro *et alli* (2001) lembram da importância de se viabilizarem garantias de inserção produtiva, uma vez que a dinâmica espontânea da sucessão dos estabelecimentos não garantem oportunidade de integração a todos aqueles que desejam prosseguir na atividade familiar. Com isso, “[...] É necessário uma inovação na política fundiária brasileira que abra o caminho para que milhares de jovens agricultores possam realizar suas vocações e desejos profissionais” (p. 22).

As demandas dos jovens por infraestrutura estão concentradas principalmente na área da saúde (Gráficos 17 e 18). Em ambas as comunidades, a dificuldade de deslocamento em caso de emergência médica, foi relatada como uma das maiores preocupações. Em Córrego Fundo essa preocupação com transporte se estende para o campo da educação; assim, dentre jovens que pararam de estudar, 70% justifica como principal motivo a precariedade das

estradas e dos transportes escolar e coletivo, que não possuem um itinerário satisfatório, e, parte das vezes, não consegue chegar à comunidade.

A sugestão de políticas públicas geralmente envolve gestores Municipais e Estaduais. Regina Novaes (2007) relata que nestes conselhos, são apresentados diferentes objetivos, graus de participação e diferentes segmentos juvenis. Assim, em grande medida, as demandas são levantadas, primeiramente por que os gestores em nível Municipal e Estadual atuam com jovens em situação de risco (no caso de Viçosa, é representado pelo juizado de menores e pela pastoral da juventude) e também, por que nestas assembleias se buscam confeccionar políticas para os jovens exclusivamente, e, como se pode observar nos dados obtidos em campo, a principal demanda dos jovens, é de interesse coletivo.

4.4 Jovens rurais e educação

As taxas de evasão escolar são proporcionais às dificuldades de transporte relatadas pelos jovens. Na comunidade de São José do Triunfo, segundo os dados obtidos, 95% dos jovens estão satisfeitos com sua formação atual; 75% destes estão no nível escolar correspondente a sua faixa etária, 80% estão estudando atualmente e todos os entrevistados pretendem continuar estudando ou voltar a estudar. Já em Córrego Fundo, 60% estão satisfeitos com seu atual nível de formação; somente 40% dos entrevistados estão estudando atualmente, sendo que, 45% destes estão no nível escolar correspondente à idade, e, além disso, 25% dos jovens estão desmotivados, e não pretendem voltar a estudar (Gráficos 19, 20, 21 e 25).

Esses dados estão diretamente relacionados às dificuldades de transporte. No caso de São José do Triunfo, além da comunidade possuir uma escola que atende a todos os níveis, não há maiores dificuldades no transporte; 30% dos entrevistados vão caminhando até a escola; 30% utilizam transporte coletivo e 40% o transporte escolar. Em ambos os casos, o tempo de deslocamento é menor que 30 minutos. Dos jovens que já pararam de estudar uma ou duas vezes, apontam motivos pessoais. Já em Córrego Fundo, 80% dos jovens dependem/dependiam do transporte escolar, os demais utilizam bicicleta,

ou vão caminhando. O tempo de deslocamento até a escola também é diversificado e está relacionado ao local de moradia (mais ou menos próximo ao ponto de ônibus); 25% dos jovens despendem até 30 minutos para ir de sua casa até a escola; 60% de 30 minutos até 1 hora, e 5% mais de uma hora. Isso reflete o número de vezes em que os jovens pararam de estudar. Somente 40% estudam/estudaram de maneira ininterrupta, 60% já pararam de estudar alguma vez, e, segundo justificativa dos mesmos, a interrupção do transporte escolar no período chuvoso é a principal causa (Gráficos 22, 23 e 24).

Além disso, diversas pesquisas relatam que filhos de agricultores que desejam dar continuidade a atividade dos pais estudam no máximo até a 8ª série (hoje 9º ano), o que não se mostra diferente em nossa pesquisa. Vale destacar que esse processo ocorre em diferentes Regiões do Brasil, destacam-se aqui, Silva (2002) na Região do Vale do Jequitinhonha; Silvestro *et alli* (2001) no Estado de Santa Catarina; Castro (2005) no Estado do Rio de Janeiro; Wanderley (2007) no interior de Pernambuco; Seyfert (1993) e Schneider (2003) no Rio Grande do Sul; Silva (2009) no Estado do Amazonas, entre outros.

Ao avaliarem a escola em que estudam/estudaram, foram apresentadas as mais diversas opiniões sobre os aspectos em que foram questionados, não sendo possível estabelecer alguma relação direta entre as representações e as reais demandas (Tabela 1).

Tabela 1.

Avaliação dos jovens segundo características da escola em que estudam/estudavam*

	ÓTIMA	BOA	REGULAR	RUIM	PÉSSIMA	
São José do Triunfo	Ensino	20%	70%	10%	-	-
	Professores	25%	65%	10%	-	-
	Alunos	20%	25%	45%	10%	-
	Instalações	30%	30%	30%	10%	-
	Esportes**	25%	10%	45%	10%	10%
	Bibliotecas e Laboratórios	15%	10%	45%	15%	15%
	Cultura e Lazer***	20%	10%	20%	10%	40%

Córrego Fundo	Ensino	50%	40%	10%	-	-
	Professores	15%	75%	10%	-	-
	Alunos	10%	55%	30%	-	5%
	Instalações	10%	45%	40%	5%	-
	Esportes**	-	30%	25%	35%	10%
	Bibliotecas e Laboratórios	5%	50%	20%	-	25%
	Cultura e Lazer***	-	50%	20%	10%	20%

* Estes dados também estão compilados nos Gráficos 26, 27, 28, 29, 30, 31 e 32.

** A pergunta foi realizada visando captar como avaliavam a qualidade das instalações esportivas

*** A pergunta foi realizada visando captar como avaliavam as atividades de cultura e lazer realizadas na escola, como por exemplo: feira de ciências; festas; teatros, *et cetera*.

Sobre o conhecimento de políticas públicas na área da educação, os jovens de Córrego Fundo afirmaram não conhecem nenhuma ação que não seja o transporte escolar. Também relataram que a escola localizada na comunidade vizinha (“Buieié”), que atendia o ensino fundamental, não está mais em funcionamento e, assim, todos dependem do transporte escolar para ir à escola. Em São José do Triunfo, as políticas públicas são mais evidentes devido à existência de escolas que atendem a todos os ciclos da educação formal. Os jovens relataram apenas a existência da escola, mas não fizeram menção a nenhuma outra política educacional.

Em ambas as comunidades, os entrevistados estudaram/estudam em escolas formais, não há qualquer jovem que participe de alguma modalidade de educação no campo. É válido lembrar que o Programa Federal de Educação no Campo (PROJOVEM Campo), é o principal fomentador das escolas rurais da região, mas, apesar de alguns jovens de Córrego Fundo demonstrar interesse de ingressar nessa modalidade, estes não possuem informação suficiente a respeito das EFA’s (Escola Famílias Agrícolas).

É interessante ressaltar que as estratégias de “pedagogia da alternância”, voltadas exatamente para filhos de produtores rurais, têm apresentado bons resultados (BERGNAMI, 2002; CALIARI, 2002; DAMASCENO, 2003; SILVA,

2003), e, no caso de Córrego Fundo seria uma boa resposta às demandas apresentadas no que se refere à capacitação profissional e a educação. Além disso, possibilitaria combater tanto o problema de deslocamento dos jovens rurais, quanto às deficiências estruturais das escolas do meio rural por meio de “escolas núcleo”, que atendam a um número maior de alunos e possua uma infraestrutura que permita aos alunos plena condição para o desenvolvimento das atividades do currículo normal, bem como, do currículo diferenciado, voltado à prática e ao cotidiano agrícola.

4.5 Juventude rural e internet

Dentre os jovens entrevistados pode-se observar que os que possuem maior proximidade com centro urbano são os que utilizam o computador com maior frequência (Gráfico 33). Em São José do Triunfo, 65% dos jovens utiliza o computador em seu dia-a-dia; 25% utilizam de 2 a 4 vezes por semana e 10% não utilizam. Dos que utilizam, mais de 80% acessam internet de sua própria residência, e pouco mais de 15% em lan house ou na casa de amigos. Já em Córrego Fundo, 20% utilizam de 2 a 4 vezes por semana; 5% 1 vez por semana e 75% não utilizam. Dos que acessam a internet, o fazem em lan house ou no trabalho, como foi o caso de uma das entrevistadas. Esses dados demonstram que a internet, e as TCI's já são objetos de consumo em São José do Triunfo, enquanto em Córrego Fundo esta é uma realidade bem distante, já que apenas dois entrevistados, que são irmãos inclusive, possuem computador em casa (Gráfico 33 e 34).

Quanto aos usos da internet, São José do Triunfo apresenta maior diversidade, mas os principais usos são respectivamente: acessar redes sociais (Orkut, Facebook, Badoo, *et cetera*), ler/escrever e-mail e jogos on-line (Gráfico 35). Em Córrego Fundo o uso se concentra principalmente em ler notícias e como auxílio na realização de atividades escolares (Gráfico 36). No entanto, quando comparamos as comunidades, é possível perceber que quanto maior a facilidade

de acesso ao mundo digital, menos “letrados digitalmente”²⁴ eles são, ou seja, quanto maior a facilidade de acesso à internet, menor é o uso para o desenvolvimento pessoal (capacitação, informação, uso profissional, *et cetera*).

As finalidades de uso não diferem muito de pesquisa realizada pela UNESCO (2004), o que aponta um quadro de uso instrumental da internet. Nesta pesquisa de amplo espectro, os usos ligados a finalidades formativas e/ou complementares a formação é, sobretudo, feito por jovens no ensino superior, o que não contou com nenhum caso em nossa pesquisa.

Em Córrego Fundo, até mesmo pela inexistência de infraestrutura de acesso a internet, os jovens relatam que não conhecem nenhuma política pública de inclusão digital (nem mesmo fora da comunidade). Já em São José do Triunfo, três jovens relataram ter conhecimento de políticas públicas que promovam o acesso ou capacitem digitalmente. O acesso é promovido segundo um dos entrevistados pela escola, quando o uso se destina a complementar às atividades escolares (os demais usos não são permitidos). Os demais relataram que uma ONG que tem sede na comunidade oferece cursos de informática (Linux, Windows, Word, Excel e PowerPoint).

4.6 Juventude, trabalho e renda

No que se refere à renda familiar, em Córrego Fundo, 15% dos entrevistados apontam pai e mãe como os principais responsáveis pela renda familiar; 25% em maior parte o pai; 15% em maior parte a mãe; 15% o entrevistado e outro familiar; 20% o companheiro e 10% o próprio entrevistado. Já em São José do Triunfo, 55% dos entrevistados apontam pai e mãe como os responsáveis pela renda familiar; 20% o pai; 10% a mãe; 10% outro familiar e 5% o companheiro (Gráfico 37).

²⁴ O sentido de letramento digital é amplo, Helena Silva (2005) faz uma analogia entre o que se define por *letramento* para explicar o tema. A autora define letramento como [...] a competência em compreender, assimilar, reelaborar e chegar a um conhecimento que permita uma ação consciente, o que encontra correspondente no letramento digital: saber utilizar as TICs, saber acessar informações por meio delas, compreendê-las, utilizá-las e com isso mudar o estoque cognitivo e a consciência crítica e agir de forma positiva na vida pessoal e coletiva. (SILVA *et alli*, 2005, p.33).

Quanto à renda pessoal, em Córrego Fundo 30% dos entrevistados possuem autonomia em sua renda pessoal; 40% dependem exclusivamente da renda dos outros; 25% dependem da renda dos outros, mas colabora e 5% com renda própria, mas conta com ajuda. A fonte de renda pessoal se distribui em 45% no trabalho regular/agricultura; 5% com bolsa família; 35% não tem renda pessoal; 5% com trabalhos esporádicos e 10% com trabalho sazonal agrícola. Destes, 55% estão trabalhando atualmente; 20% não estão trabalhando, mas já trabalharam e 25% nunca trabalharam (Gráficos 38, 39 e 40). A ocupação de 15% dos jovens está relacionada a alguma atividade urbana, e trabalham com carteira assinada, enquanto 65% se enquadram como trabalhadores familiares por auxiliarem, de alguma forma, o trabalho agrícola (Gráfico 43). Dos que trabalham, oito exercem sua atividade com uma jornada semanal de 31 a 50 horas, enquanto três se dedicam apenas a pequenas atividades que não chegam a somar dez horas semanais, e os demais estipulam uma jornada de dedicação de 11 a 30 horas (Gráfico 44).

Já em São José do Triunfo, 5% dos jovens possuem autonomia em sua renda pessoal; 65% dependem exclusivamente da renda de outros e 30% dependem da renda dos outros, mas colabora. Quanto à fonte de renda, 15% possuem trabalho regular; 60% não têm renda pessoal e 25% através de trabalhos esporádicos. Destes, 30% estão trabalhando atualmente, 20% não estão, mas já trabalharam e 50% nunca trabalharam (Gráficos 38, 39 e 40). Dentre os entrevistados: três trabalham com carteira assinada; quatro trabalham por conta própria ou exercem algum trabalho doméstico remunerado; uma se caracteriza como dona de casa e dois exercem atividades relacionadas à agricultura familiar (Gráfico 43). Dos que trabalham 80% cumprem jornadas de 31 a 50 horas semanais e 20% de até 30 horas semanais (Gráfico 44).

Temas que relacionam juventude com trabalho e emprego são, em geral, controversos. Ao passo que alguns salientam a necessidade de se garantir vagas de emprego (carteira assinada) a uma grande massa de jovens, outras criticam o ingresso precoce no mercado de trabalho. Gaudêncio Frigotto (2004) ao refletir sobre o assunto perpassa o perfil dos jovens entrevistados. Para o autor, esses jovens, filhos de trabalhadores assalariados ou agricultores, e que estão em meio

a particularidades socioculturais, têm, muitas vezes, uma inserção precoce no mundo do emprego ou do subemprego.

[...] do ponto de vista psicossocial e cultural, tendem a sofrer um processo de adultização precoce. A inserção no mercado formal ou “informal” de trabalho é precária em termos de condições e níveis de remuneração. Uma situação, portanto, muito diversa da dos jovens de “classe média” ou filhos dos donos de meios de produção, que estendem a infância e juventude. Nestes casos, a grande maioria inicia sua inserção no mundo do trabalho após os 25 anos e em postos de trabalhos ou atividades de melhor remuneração (p.181).

Quando perguntados se realizam ou auxiliam em alguma atividade agrícola, somente dois entrevistados em São José do Triunfo participam em alguma atividade de agricultura, enquanto em Córrego Fundo esse número é de dezesseis (Gráfico 42).

Em São José do Triunfo, sete dos entrevistados estão procurando emprego atualmente, enquanto em Córrego Fundo apenas quatro. O período de procura relatado em ambas às comunidades é inferior a um ano (Gráfico 45). Os jovens também apontam que o nível de escolaridade é a principal característica para se conseguir um emprego (Gráfico 46). Leon (2006), analisa que, apesar do valor atribuído pelos jovens a escolaridade/capacitação, boa parte dos jovens, principalmente das classes C/D/E vão ingressar modalidades de emprego diferente da que almejam atualmente frente às dificuldades pessoais e familiares na vida pós-escolar.

Os entrevistados de São José do Triunfo relataram que não conhecem nenhuma política pública que promova algum tipo de capacitação profissional; já em Córrego Fundo, três entrevistados manifestaram que são atendidos pela EMATER e, um deles disse que também já realizou cursos durante a Semana do Fazendeiro promovida pela Universidade Federal de Viçosa.

4.7 Democracia e cidadania

Os jovens foram neste tópico questionados sobre os documentos que possuem. Pode ser observado que, neste quesito, os jovens estão sendo bem

atendidos (Gráficos 47 e 48). O único questionamento se refere à obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH), uma vez que, pelo menos em Córrego Fundo, mais da metade dos entrevistados possuem/utilizam carro ou moto. Da totalidade dos jovens, somente 12,5% possui conta ou poupança em algum banco. Apesar de esse dado parecer irrelevante, lembra-se aqui que o acesso às modalidades de crédito rural (Pronaf Jovem e Nossa Primeira Terra) é mediado por agências bancárias (Gráfico 49).

Quanto à participação política, em São José do Triunfo apenas um jovem participa da ONG Móbile, que tem sede na comunidade e sete mostram interesse em participar de alguma forma de organização; quatro se interessam por participar das atividades da ONG, dois gostariam de participar da organização de Bairro e um gostaria de fazer parte de algum grupo cultural. Já em Córrego Fundo, nove jovens participam da organização religiosa local e um faz participa da base comunitária. Além disso, oito jovens mostram interesse em participar de outras formas de organização; três em participar de algum sindicato ou cooperativa da categoria, três em algum grupo cultural e dois de alguma ONG que atue na comunidade (Gráficos 50 e 51).

Quando questionados se concordavam com a afirmação “os jovens se preocupam com política”, em São José do Triunfo, apenas quatro concordaram com a afirmação. Relatam que os jovens se preocupam com a atuação dos políticos e que tentam fazer alguma coisa; já os outros dezesseis discordaram da afirmação e relataram que os jovens, hoje, “não querem nada com nada”; “jovem só quer saber de festa”; “todo mundo sabe que político não liga para o que o jovem pensa”. Já em Córrego Fundo, metade dos entrevistados concorda e metade discorda com a afirmação. Os que concordam relatam que: “se a gente não se preocupar e correr atrás eles [os políticos] não fazem nada”; “os jovens se preocupam sim, mas a maioria não sabe como funciona a política, deve ser uma sujeira”; já os que discordam, pouco diferem das opiniões apresentadas em São José do Triunfo. Em geral pode se notar que, ao passo que alguns jovens se mostram politizados, ou pelo menos, interessados em política, outros atribuem aos políticos a responsabilidade pela satisfação de suas demandas e não se mostram aptos a se organizar, ou participar de alguma organização que promova ações em que o Estado está ausente (Gráfico 52).

Elisa Guaraná de Castro (2003, 2005, 2009, 2010 entre outros), apresenta a ideia do surgimento/fortalecimento de “um novo ator político”, no entanto, a pesquisa que realizamos apresenta um cenário totalmente contrário a este. O primeiro fator que se diferencia das aferições feitas por Castro, é que nem todos os entrevistados (considerados legalmente como jovens rurais) se identificam como “camponeses”; segundo; a maioria não participa e, muitos não têm interesse em participar de qualquer forma de organizações políticas ou culturais. Assim, nos cabem alguns questionamentos: A juventude rural estaria realmente se organizando? Em que medida as organizações juvenis não são seções de organizações maiores? E se são parte dessas organizações, estes têm efetivamente poder de escolha e decisão?²⁵.

As políticas públicas que promovem a cidadania se mostram, segundo os jovens, insipientes em Córrego Fundo. Somente um dos entrevistados relatou que a EMATER já realizou uma campanha para obtenção de documentos e para organizar uma cooperativa, mas que não prosperou. Já em São José do Triunfo, boa parte dos jovens fez menção a uma política anual para se obter documentos, que é realizada na “praça da igreja”, mas, os jovens não sabem ao certo que entidade promove esta campanha. Também foi relatada uma espécie de campanha organizada pela ONG Móbile e pela organização de bairro, chamada de “ajude a nos ajudar”, que promove festas e outras formas de captação de recursos para auxiliar em despesas médicas dos menos favorecidos da comunidade.

4.8 Valores éticos e percepções

Nesse tópico buscou se delinear quais são os hábitos que geram conflitos com os pais ou com as pessoas mais velhas da comunidade (Tabela 2). Enquanto alguns hábitos como namorar, sair de casa com os amigos e dormir com o namorado(a) em casa marcam tradicionalismos na comunidade de Córrego

²⁵ Lembra-se aqui que grande parte das pesquisas na área, as pesquisas de campo são realizadas em organizações juvenis, em assentamentos e em escolas por permitirem maior facilidade na realização de entrevistas e/ou aplicação de questionários. A presente pesquisa entrevistou jovens “desorganizados” um a um, visando evitar ao máximo influencia externa nas respostas.

Fundo, percebe-se que os demais estão relacionados ao nível de autonomia financeira que os jovens possuem (os Gráficos 53 a 63 também ilustram isso). Também é interessante observar que o desejo de se mudar da comunidade se apresenta mais conflituoso em São José do Triunfo, enquanto que em Córrego Fundo, os pais ou pessoas mais velhas compreendem o desejo de alguns em buscar melhores oportunidades em outros lugares.

Tabela 2.

Hábitos que geram conflitos com as pessoas mais velhas*

Hábitos	São José do Triunfo		Córrego Fundo	
	GERAM	NÃO	GERAM	NÃO
Namorar	10%	90%	25%	75%
Fumar	75%	25%	70%	30%
Sair de casa com amigos	30%	70%	85%	15%
Consumir bebidas alcoólicas	50%	50%	65%	35%
Chegar tarde em casa	70%	30%	50%	50%
Dormir com namorado(a) em casa	75%	25%	75%	25%
Ficar muito tempo na TV ou computador	60%	40%	30%	70%
Uso de drogas	95%	5%	80%	20%
Falta de respeito	95%	5%	80%	20%
Não trabalhar	55%	45%	40%	60%
Querer se mudar da comunidade	65%	35%	30%	70%

* Algumas das opiniões a respeito dos conflitos podem ser relativizadas uma vez em que a família pode desconhecer a prática ou não de algum deles. Isto também pode ocorrer em algumas opiniões, pois não necessariamente o conflito por alguma atitude ocorra de maneira apartada aos demais comportamentos.

Sarti (2004) sugere “[...] o lugar do jovem na família como aquele quem introduz o “outro” necessário na família, por meio de novos discursos que abalam seu discurso oficial [...] Reações diversas – de fechamento ou de abertura ante o estranho – serão decisivas para as relações familiares e, particularmente, para o lugar do jovem, em busca de uma identidade própria” (p. 123).

Quanto aos preconceitos que os jovens apontam como mais fortes na comunidade (Gráficos 64 a 71), o preconceito com homossexuais e com outros

grupos étnicos, sobretudo negros, são os que, segundo os entrevistados, são os mais evidentes (Tabela 3).

Tabela 3.

Proporção dos entrevistados que apontaram a existência de preconceito na comunidade em que vivem*

Preconceito	São José do Triunfo	Córrego Fundo
Pessoas com AIDS	15%	35%
Homossexuais	70%	40%
Viciados em drogas	90%	50%
Alcoólatras	30%	20%
Desempregados	30%	15%
Pessoas “de fora”	15%	10%
Negros ou outros grupos étnicos	45%	30%
Religioso	45%	10%

* Como na entrevista foi pedido aos jovens que relatassem o “nível de preconceito” que sentem na comunidade e não exatamente o que possuem, assim, o dado que buscamos captar durante as entrevistas relaciona-se com representações coletivas.

Os jovens de São José do Triunfo em geral, relataram que não conhecem nenhuma política pública que procure combater tais preconceitos, alguns relataram que seus professores procuram tratar do assunto, mas, que em geral não conhecem nenhuma atuação na comunidade. Já em Córrego Fundo, o grupo de jovens da Igreja local recebeu palestrantes que procuraram tratar do assunto.

Ao opinar sobre as transições de início e fim da juventude, os jovens apontaram comportamentos diferenciados em cada comunidade. Em São José do Triunfo, o começo da juventude começa, segundo a percepção da maioria dos jovens, entre 15 e 16 anos de idade (Gráfico 72), e, em Córrego Fundo, 50% dos jovens apontaram que ela ocorre entre 11 e 12 anos, 15% de 13 a 14 anos, 25% 15 a 16 anos e 10% de 17 a 18 anos. Segundo os jovens desta comunidade, a transição ocorre quando a pessoa começa a auxiliar de forma efetiva as atividades familiares na agricultura, e, por conseguinte, possuir parte da renda familiar como uma espécie de “gratificação” pelo trabalho realizado (Gráfico 73). No entanto, os jovens de ambas as comunidades apontam que o ingresso no

mercado de trabalho e/ou o acesso autônomo à terra, é o evento que marca a transição para a idade adulta (Gráficos 74 e 75).

Para os jovens de São José do Triunfo, as características mais marcantes entre as pessoas de sua mesma faixa etária são respectivamente: mesmo gosto (27%), moda e aparência (20%) e o mesmo jeito de se comunicar (20%). Em Córrego Fundo, as características principais são: consciência e responsabilidade (21%), mesmo jeito de se comunicar (20%) e moda e aparência (16%).

Em geral essas percepções concordam com pesquisas qualitativas e quantitativas sobre o assunto. Destaca-se aqui a pesquisa nacional realizada pela UNESCO, “Juventude, Juventudes: o que une e o que separa”, que apontou que “moda e aparência” correspondem a 26,9% das respostas; “consciência, responsabilidade e o compromisso” com 14,6% e “linguagem e música” aparecem com 9,8%. Esses dados não variam muito nos diferentes recortes adotados pela pesquisa mencionada (p. 433-440).

Foi pedido aos jovens que comparassem a sua geração com a dos seus pais sob variados aspectos (Gráficos 78 a 85), buscando captar quais são as concepções de futuro que esses jovens possuem (Tabela 4).

Tabela 4.

Percepção dos jovens a respeito das oportunidades/condições para seu desenvolvimento pessoal comparado a geração dos pais*

	São José do Triunfo			Córrego Fundo		
	MAIOR	MENOR	IGUAL	MAIOR	MENOR	IGUAL
Estudo	100%	-	-	100%	-	-
Trabalho	90%	5%	5%	75%	10%	15%
Diversão	100%	-	-	70%	10%	20%
Segurança	25%	70%	5%	25%	55%	20%
Participação política	30%	65%	5%	45%	25%	30%
Liberdade sexual	100%	-	-	50%	35%	15%
Felicidade	75%	-	25%	55%	-	45%
Estabilidade financeira	90%	10%	-	70%	10%	20%

* Neste aspecto a pesquisa buscou captar a mediação entre as representações pessoais e coletivas. Pessoais por partirem de experiências de sua história pessoal e de sua família, e, coletivas ao serem influenciadas pelas representações dos seus entes e amigos sobre o passado vivido.

Nos aspectos apontados, mostra-se que em geral, os jovens possuem melhores condições para seu desenvolvimento pessoal do que as que seus pais tiveram, no entanto, os jovens das duas comunidades pesquisadas apresentam grande preocupação com a segurança. Com isso concordamos que:

Com base na percepção de nossas juventudes sobre suas vidas podemos dizer que elas nos apontam com otimismo, com a certeza de que pouco ou nada se perdeu, que ainda há muito espaço por onde começar/recomeçar a construção de um novo mundo (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007, p. 52)

4.9 Juventude e sexualidade

O comportamento sexual dos jovens apresenta certa normalidade, menos de 25% do total tiveram mais de dois parceiros nos últimos 12 meses (Gráfico 86). Entre os sexualmente ativos, 12% relataram que tiveram a primeira relação sexual entre 13 e 14 anos; 54% entre 15 e 16 anos; 21% entre 17 e 18 anos e 13% com 19 anos ou mais (Gráfico 87).

Somente dois jovens de São José do Triunfo apresentam histórico de gravidez, sendo que somente um dos entrevistados tem filho, mas nenhum tem atualmente relação estável com o pai ou mãe da criança. Já em Córrego Fundo foram relatados cinco casos em que todos tem filhos(as) fruto de uma relação estável que é mantida atualmente (Gráfico 88).

O uso de métodos contraceptivos entre os jovens sexualmente ativos se configura da seguinte maneira: 10 utilizam camisinha, 6 pílulas anticoncepcionais, 2 hormônio injetável, 1 “tabelinha”, e 5 não utilizam qualquer método contraceptivo (Gráfico 89). Um ponto preocupante nas entrevistas foi o motivo principal pelo qual os jovens utilizam o método apontado. Mais de 90% dos jovens relataram que a preocupação principal para se utilizar o método é evitar gravidez, o que mostra certa despreocupação dos entrevistados quanto às doenças sexualmente transmissíveis, e, além disso, pode mostrar um quadro agravante quando se trata de relações homossexuais²⁶.

²⁶ Este é apenas um apontamento frente às anotações feitas em campo, esse tipo de comportamento pode sugerir pesquisas na área.

Alguns jovens da comunidade de São José do Triunfo relataram que o Posto de Saúde local realiza a distribuição de camisinhas, mas que não tiveram acesso a maiores informações a respeito do assunto saúde e sexualidade. Em Córrego Fundo, os jovens apontaram para a não existência de políticas públicas nesta área que atuem na comunidade. Parte dos jovens relata que obtém camisinhas e pílulas anticoncepcionais no Posto de Saúde quando vai ao centro urbano de Viçosa, mas que nem sempre encontra à disposição.

4.10 Lazer e cultura

Das atividades que os jovens de São José do Triunfo mais gostam de fazer em seu tempo livre quando estão em casa destacam-se: assistir televisão (19%), ouvir música (19%), ficar com amigos (16%) e Jogar videogames. Fora de casa os jovens apontam: ir à festas / dançar (34%), praticar algum esporte (19%) e encontrar amigos (16%) (Gráficos 90 e 92). Os locais de socialização desses jovens são principalmente a casa de algum amigo (60%) ou a rua (25%) (Gráfico 94). O gênero musical predominante na comunidade é sertanejo (45%) acompanhado do funk (20%) (Gráfico 95).

Já em Córrego Fundo, as atividades que os jovens mais gostam de fazer quando estão em casa são: ouvir música (29%), assistir televisão (22%) e dormir/descansar (18%). E fora de casa: ir à festas (39%), praticar esportes (8%), encontrar amigos (8%) e viajar (8%) (Gráficos 91 e 93). Os lugares de encontro dos jovens dividem-se igualmente entre: rua, escola, casa de algum amigo, igreja e bares (Gráfico 94). Os gêneros musicais preferidos na comunidade são o sertanejo (40%) e o forró (40%) (Gráfico 95).

A frequência com que os jovens assistem televisão em ambas as comunidades é muito próxima. Em São José do Triunfo, 80% assistem diariamente e 20% de 2 a 5 vezes por semana. Os programas preferidos são respectivamente: filmes, novelas e jornais (Gráficos 96 e 97). Já em Córrego Fundo 90% dos jovens assistem diariamente e 10% de 2 a 5 vezes por semana. Os programas favoritos são respectivamente: novelas, telejornais e filmes (Gráficos 96 e 98).

Maria Rita Kehl (2004) relata diversos processos psicanalíticos que envolvem os consumos culturais e comportamentos dos jovens e sua influência na família. No que tange nossa pesquisa ressaltamos o que a autora trata como “novos ritos de passagem”, como já trabalhado nas duas primeiras partes desse relatório, vivemos em uma sociedade jovem, assim, os ritos de passagem para a vida adulta são paulatinamente alterados, hoje, segundo a autora, constituem esses ritos “o consumo de drogas leves como a maconha ou a cerveja funciona como prova ou desafio para decidir a entrada de novatos em certos grupos” (p. 95). Outro aspecto interessante também observado em campo é a “identificação dos incluídos” com marginais, filmes que retratam a violência como: ônibus 174, Cidade de Deus, Tropa de Elite, et cetera, passam a influenciar não só a linguagem dos jovens, bem como as próprias atitudes.

A modalidade esportiva mais praticada em ambas as comunidades é o futebol (aproximadamente metade dos entrevistados relataram que praticam esta atividade pelo menos uma vez por semana); no entanto, enquanto os demais jovens de São José do Triunfo praticam atividades como vôlei, musculação e ciclismo, em Córrego Fundo, os demais não praticam qualquer atividade esportiva (Gráfico 99). Dos que não praticam qualquer atividade física entre os jovens, o percentual é maior em Córrego Fundo, onde, segundo os relatos, há pouca ou nenhuma infraestrutura para a prática esportiva, e estes não conhecem nenhuma política pública de incentivo na comunidade. Já em São José do Triunfo, quase todos os entrevistados relataram a existência de uma escola de futebol, que, segundo o relato dos mesmos, é mantida e coordenada pela ONG Móbile e pelo vereador Antônio Elias (Toim).

4.11 Juventude e política

Ao avaliarem a atuação do governo municipal, os jovens de São José do Triunfo relataram que às áreas em que há melhor atuação são a educação, esporte e saúde. Em contrapartida, saúde e educação também são as áreas em que os jovens avaliam que a atuação não é satisfatória, isso ilustra o fato de obras de melhorias que atualmente ocorrem na comunidade ainda estarem em andamento, e, possivelmente não atenderem todas as demandas dos jovens.

Uma área que os jovens destacam que há pouco investimento e demanda maior atenção está relacionada à capacitação profissional, muitos jovens se mostram interessados em realizar cursos que os auxiliem a conseguir um emprego (Gráficos 100 e 101).

Já em Córrego Fundo, apesar das constantes reclamações, a área que destacam a atuação do governo é na área de educação e esporte, mas, ¼ dos jovens relataram que não há atuação do governo, e, segundo relato de um dos entrevistados: “político só vem aqui em época de eleição, prometem que vão consertar as estradas, mas no fim, a gente tem que se reunir e fazer os reparos”. A área que os jovens apontam maior deficiência na localidade e demandam maior atenção está relacionada à saúde. Muitos dos jovens relataram que além de problemas no atendimento rotineiro (pessoal e familiar), enfrentam diversos problemas em caso de emergência uma vez que, além das péssimas condições da estrada, que dificultam a chegada até o local de atendimento, consideram que não são bem atendidos quando lá chegam (Gráficos 102 e 103).

Quando perguntados a respeito do conhecimento dos programas federais destinados à sua faixa etária, os jovens demonstram um total desconhecimento, e, em Córrego Fundo, os que já ouviram algo a respeito do Pronaf Jovem, não possuem maiores informações a respeito desta linha de crédito e não se consideram habilitados para o acesso a ele.

Em São José do Triunfo, os jovens relataram que a promoção de políticas públicas é realizada principalmente pela ONG local (Móbile), pela organização de bairro, pelas igrejas e pelo posto de saúde. Estes realizam principalmente campanhas e desenvolvem projetos. Já em Córrego Fundo, os entrevistados relataram, em geral, certo descaso do poder público, e que, as iniciativas de melhoria são promovidas pela igreja local, pela organização de bairro (que não é formal, mas conta com laços de parentesco e vizinhança) e pela EMATER no que se refere à acessória agrícola.

5. CONCLUSÕES

Ao contrário do que apresentam boa parte das pesquisas na área, a tendência emigratória dos jovens não está necessariamente aliada à busca por oportunidades profissionais. Apesar de reclamarem das deficiências infraestruturais, os entrevistados demonstram o desejo de permanecer nas comunidades rurais e demandam instrumentos para a diversificação de sua atividade ou oportunidades de trabalho no local.

Os motivos que compreendem o possível êxodo estão diretamente relacionados a problemas de saúde na família (alguns relataram a possibilidade de terem que mudar para o centro urbano para garantir melhores condições de atendimento médico aos familiares) e à capacitação profissional, que é limitada frente às dificuldades de locomoção, no caso da comunidade de Córrego Fundo.

Demonstra-se também a deficiência dos programas federais voltados para o jovem rural. O desconhecimento mostra a carência de divulgação e de ações que garantam a acessibilidade a tais programas. Fazendo menção ao Pronaf Jovem, vemos que muitas das exigências²⁷ para ser beneficiado pelo programa, não condizem com a realidade dos jovens rurais, que muitas vezes, têm de sustentar sua família recém-formada através da lavoura.

Em geral, as demandas dos jovens são concentradas em quatro temas básicos: saúde, esporte, capacitação profissional e educação. A preocupação com saúde vem demonstrar algumas características relevantes para estudo da unidade familiar e dos conflitos geracionais. Apesar de algumas concepções apontarem a categoria jovem como egoísta e despolitizada, a preocupação primordial com esse tema mostra uma consciência de coletividade e até, possivelmente, de cidadania.

O esporte é atualmente uma das áreas que recebem maior atenção das políticas públicas para a juventude. A demanda dos jovens rurais nesta área

²⁷ Dentre as exigências, as que demonstram maiores dificuldades estão relacionadas a formação agrotécnica e a obtenção da DAP (Declaração de Aptidão ao Pronaf) que depende de órgãos competentes para a emissão, e que, nem sempre informam como obter e ter acesso aos recursos.

mostra a necessidade de expansão desses programas para a zonal rural ou a garantia de acesso a locais para a prática esportiva, mesmo que seja no centro urbano.

Capacitação profissional e educação são temas muito próximos quando tratamos da juventude rural. Estes em geral, demonstram o interesse em se capacitar na área em que atuam atualmente e os jovens buscam ferramentas para melhorar e diversificar sua atividade. Juntamente a isso está a deficiência nas infraestruturas de transporte, que afetam o estudo regular, bem como a realização de cursos de capacitação. No caso de Córrego Fundo, os próprios entrevistados se mostram conscientes da impossibilidade de existência de escolas na proximidade já que o número de estudantes na comunidade é baixo. No entanto, se mostraram interessados nas propostas de pedagogia da alternância proposto em EFA's; para eles, isso viria a solucionar em parte os problemas de deslocamento que enfrentam diariamente. E, ao mesmo tempo, promoveriam a capacitação para a atividade agrícola em que a família atua.

A deficiência de divulgação e acesso aos programas de crédito rural, como já analisado na revisão teórica, é uma das áreas falhas das políticas públicas federais, já que dependem de organizações e entidades que reúnam os agricultores; quando não há a existência ou uma atuação efetiva desta, o acesso é praticamente nulo. Conclui-se assim que, como as atuais políticas públicas de desenvolvimento territorial, as políticas públicas direcionadas a esse público rural tem que conter propostas contingenciais a fim de captar as diferentes demandas e atender de maneira substancial as dificuldades apresentadas em cada região ou localidade. E que se busquem estratégias que visem garantir o acesso a estas políticas a fim de garantir instrumentos para o desenvolvimento individual e coletivo dos jovens rurais.

QUADRO 1.

Avaliação da atuação das esferas de Governo (Municipal, Estadual e Federal) nas comunidades, principais demandas e propostas

	São José do Triunfo	Córrego Fundo
Educação e Capacitação Profissional	<p>Forte em educação, porém demandam melhorias estruturais na escola e mais atividades de lazer.</p> <p>Fraco em capacitação profissional, jovens demandam oficinas e cursos que possam criar instrumentos para o desenvolvimento pessoal e auxiliar na inserção no mercado de trabalho.</p>	<p>Fraco em ambos. Reclamam em geral da dificuldade de transporte e da irregularidade do transporte escolar e de linha no local.</p>
Sugestão	<p>Realizar campanhas e mutirões para melhoria da estrutura física, principalmente no que se refere à bibliotecas e laboratórios; e junto com a comunidade promover atividades de lazer e cultura. No campo da capacitação profissional, buscar junto a Universidade Federal de Viçosa a promoção de cursos de extensão que atendam as áreas de maior interesse dos jovens.</p>	<p>Realizar campanhas localizadas para a inclusão desses jovens em modalidades de educação do campo EFA's; com isso, amenizar a evasão por problemas de locomoção e, em contrapartida promover a capacitação agrícola desses jovens.</p> <p>No campo da capacitação profissional, buscar junto a Universidade Federal de Viçosa a promoção de cursos de extensão que atendam as áreas de maior interesse dos jovens.</p>
Esporte	<p>Forte, creem que são bem atendidos no que se refere a esporte, no entanto, gostariam que houvesse mais modalidades esportivas.</p>	<p>Fraco, a única atividade desenvolvida no local é o futebol através de um campo comunitário em péssimas condições. Demandam outras modalidades esportivas ou maior facilidade de acesso aos locais de prática no centro urbano.</p>
Sugestão	<p>Garantir acesso a outras modalidades esportivas aos finais de semana no quadra de esportes de escola (bolas, rede e instrutores).</p> <p>Também é possível a realização de projetos de extensão na área de esporte e lazer visando propiciar aos jovens da comunidade atividades durante os finais de semana.</p>	<p>Sugerir a empresa União maior frequência no itinerário, ou que, pelo menos prolongue o existente que vai até a comunidade vizinha ("Buieie") até o Córrego Fundo.</p> <p>Caso houver mudança no itinerário, também é possível a realização de projetos de extensão na área de esporte e lazer visando propiciar aos jovens da comunidade atividades durante os finais de semana.</p>
Saúde	<p>Forte, apenas reclamam da atuação em casos de emergência. Foi constatada na pesquisa a necessidade de campanhas relacionadas à saúde sexual.</p>	<p>Fraco, o deslocamento é o maior problema relatado pelos entrevistados. Foi constatada na pesquisa a necessidade de campanhas relacionadas à saúde sexual.</p>
Sugestão	<p>Promover campanhas nas escolas e no posto de saúde visando à educação sexual e o acesso a camisinhas.</p> <p>A Universidade poderia através de um projeto de extensão ou dos cursos de Enfermagem e Medicina realizar essa campanha nas escolas pelo menos semestralmente.</p>	<p>A alteração do itinerário da viação União poderia vir a melhorar o quadro; a manutenção das vias vicinais nos período chuvoso também colaboraria com as queixas relacionadas à saúde e transporte dos moradores.</p> <p>A Universidade poderia através de um projeto de extensão ou dos cursos de Enfermagem e Medicina realizar uma campanha que visite propriedades rurais pelo menos semestralmente.</p>

Acesso aos programas federais para a juventude

Fraco, os mediadores regionais deveriam atuar melhor no que se refere à divulgação e acesso aos programas.

Fraco, os mediadores regionais deveriam atuar melhor no que se refere à divulgação e acesso aos programas.

Sugestão

O governo municipal poderia assessorar na composição de um representante regional habilitado a promover os programas na localidade.

O governo municipal poderia assessorar na composição de um representante regional habilitado a promover os programas na localidade.

A atuação da EMATER deveria ser maior na comunidade já que grande parte dos entrevistados mostra desconhecimento dos programas de acesso ao crédito, bem como, não sabem como solicitar a visita da entidade caso possuem algum problema na propriedade rural.

Perfil dos jovens

Distribuição dos jovens por sexo

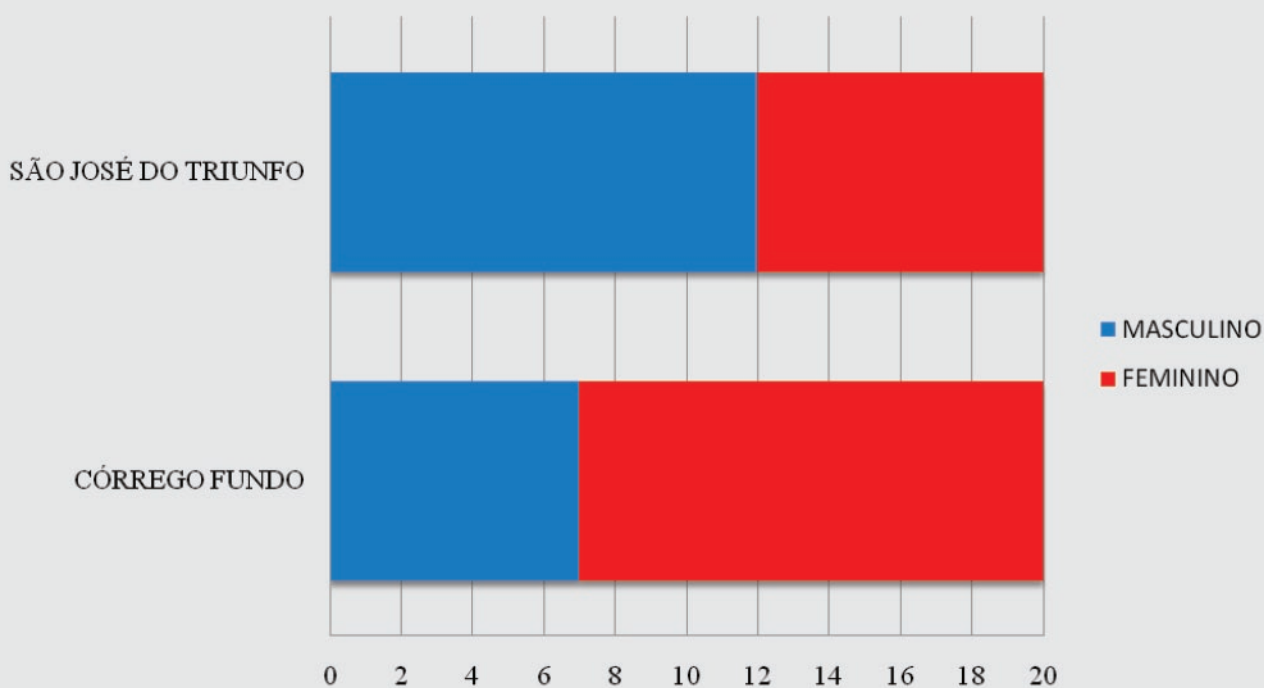


GRÁFICO 1

Distribuição dos jovens por faixa etária

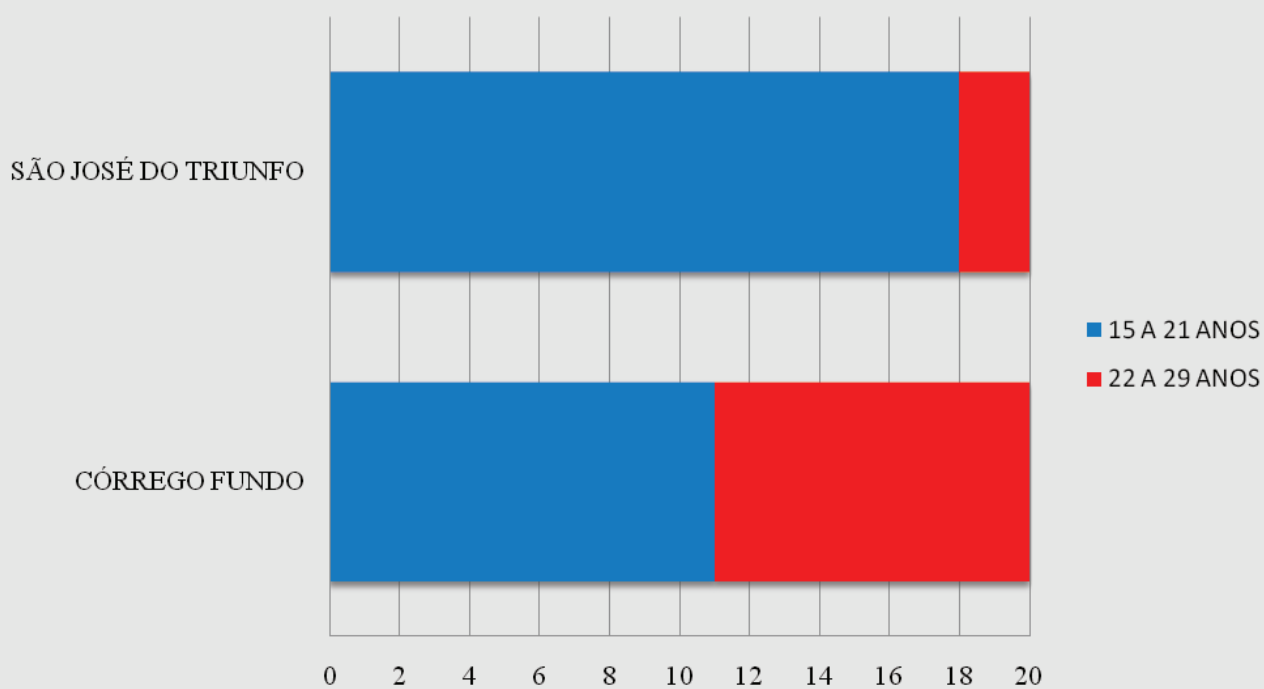
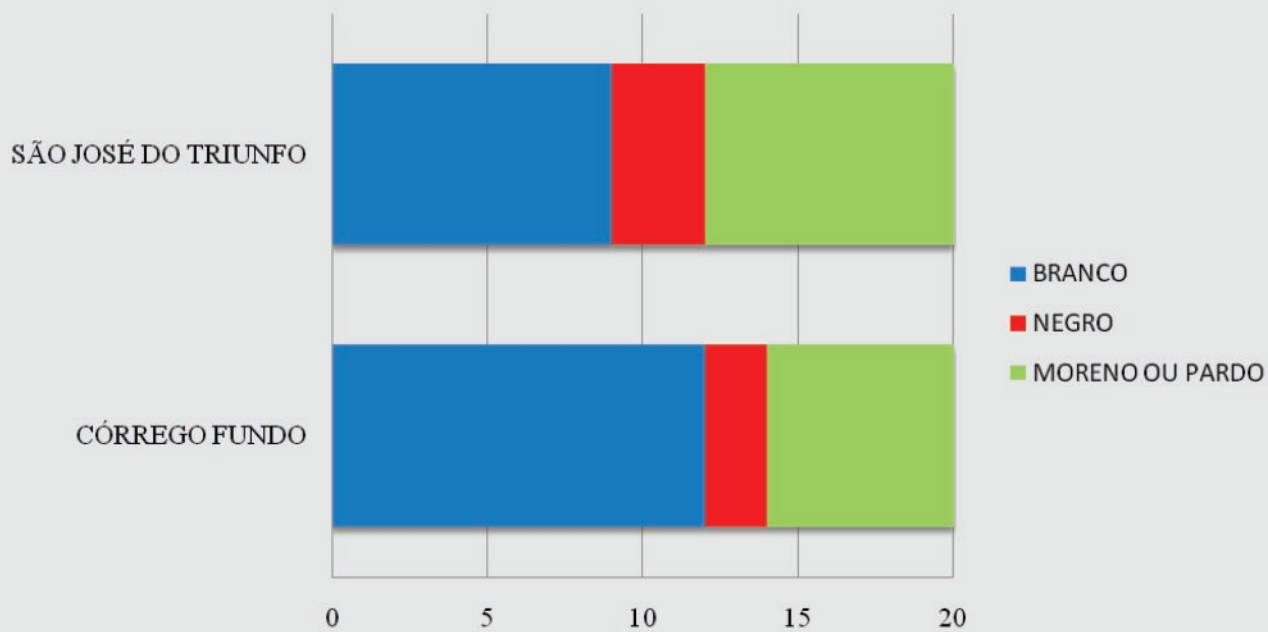


GRÁFICO 2

Pergunta: Qual a sua idade?

Perfil dos jovens

Distribuição dos jovens por cor/raça autoatribuída



Pergunta: Você se considera?

GRÁFICO 3

Jovens e suas famílias

Distribuição dos jovens por número de pessoas na residência

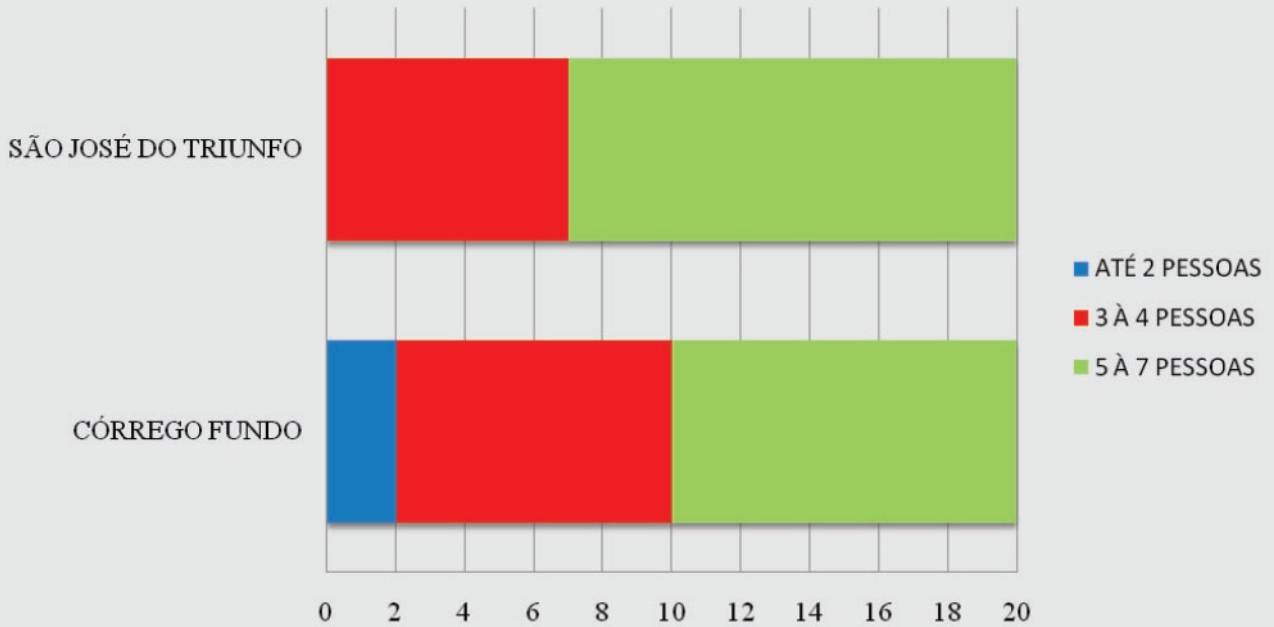


GRÁFICO 4

Pergunta: Atualmente, quantas pessoas moram em sua casa incluindo você?

Estrutura familiar dos jovens

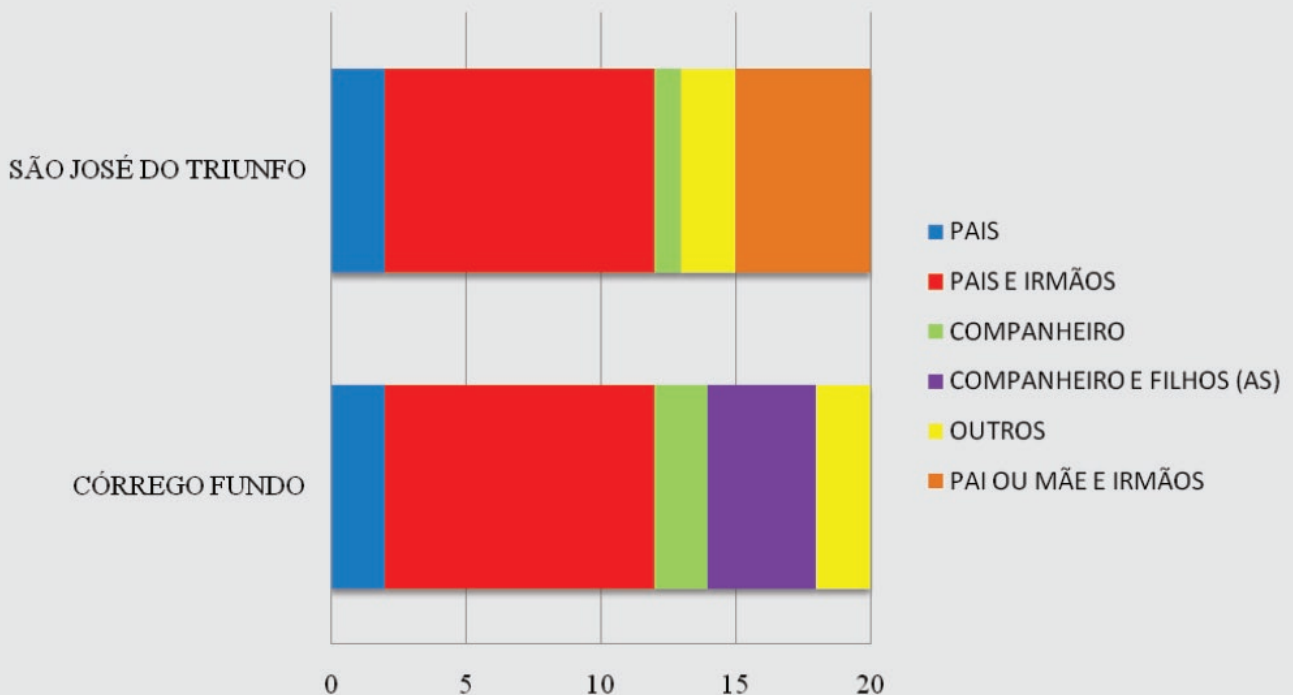


GRÁFICO 5

Pergunta: E quem são essas pessoas que moram com você?

Jovens e suas famílias

Distribuição dos jovens segundo condição de vitalidade dos pais

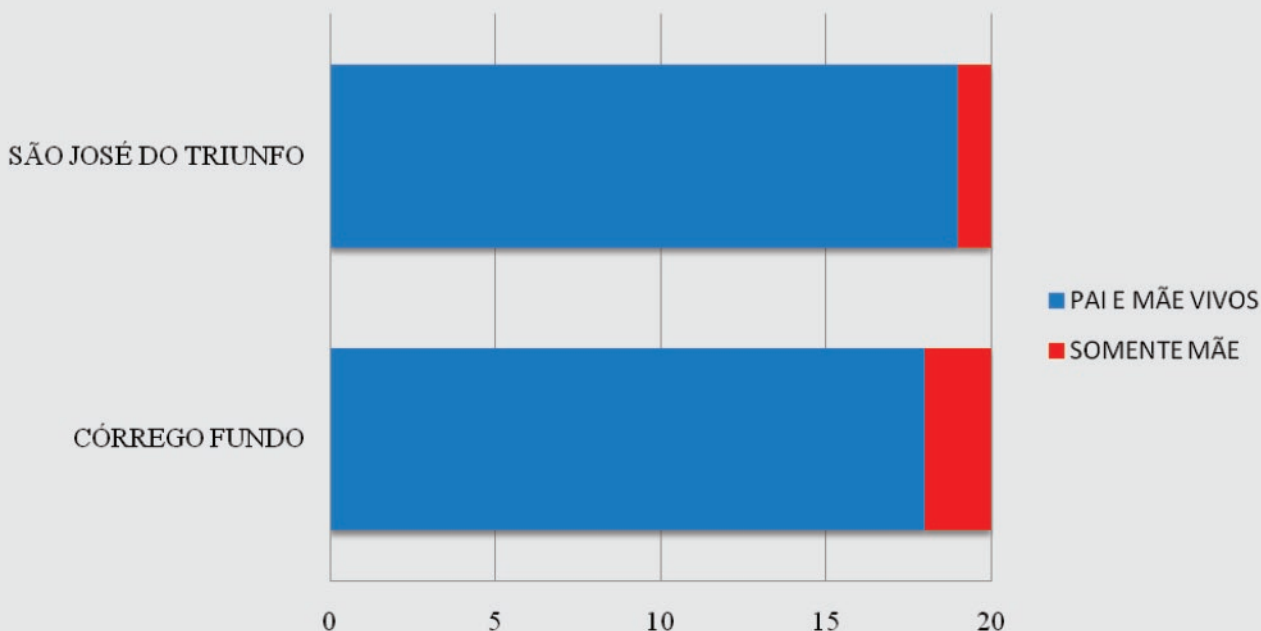


GRÁFICO 6

Pergunta: Seus pais estão vivos? Os dois ou apenas um deles?

Ocupação do pai/responsável masculino dos jovens

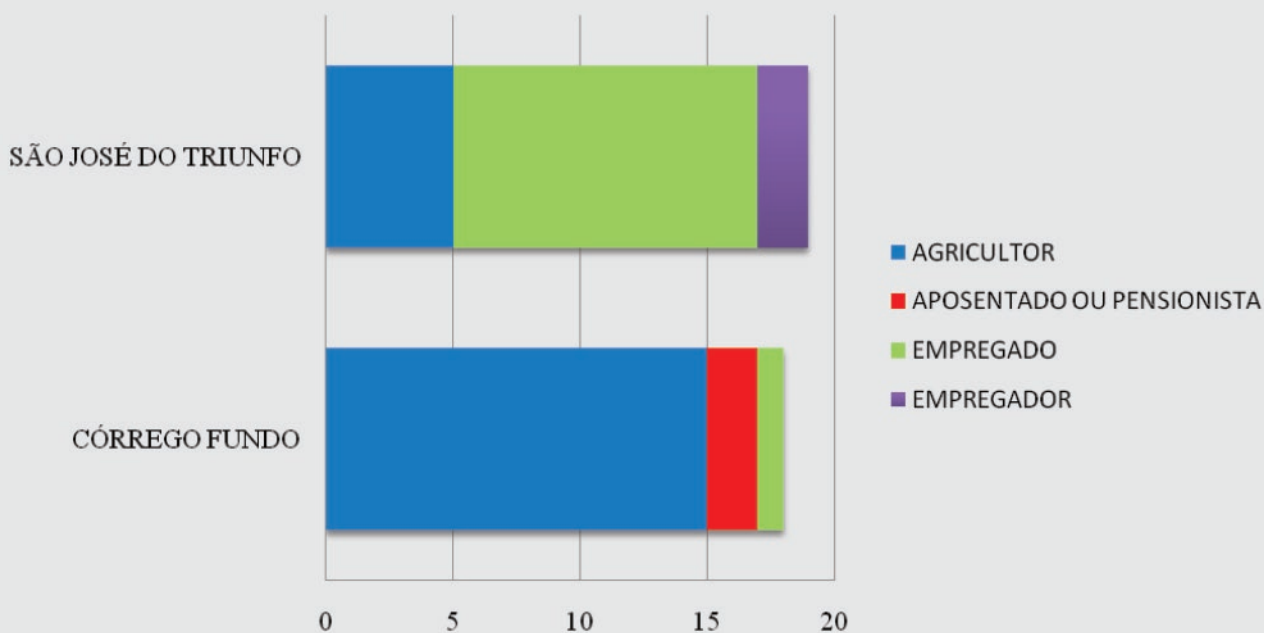


GRÁFICO 7

Pergunta: Qual a principal ocupação do seu pai?

Jovens e suas famílias

Formação do pai/responsável masculino dos jovens

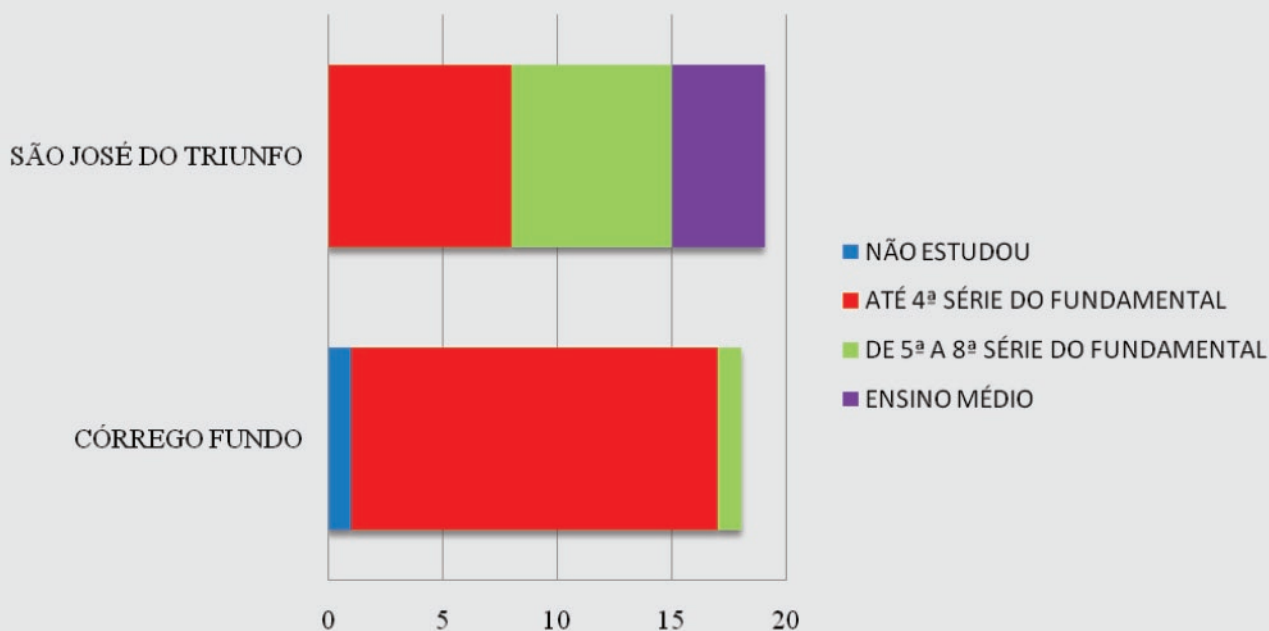


GRÁFICO 8

Pergunta: E qual a última série que seu pai completou?

Ocupação da mãe/responsável feminino dos jovens

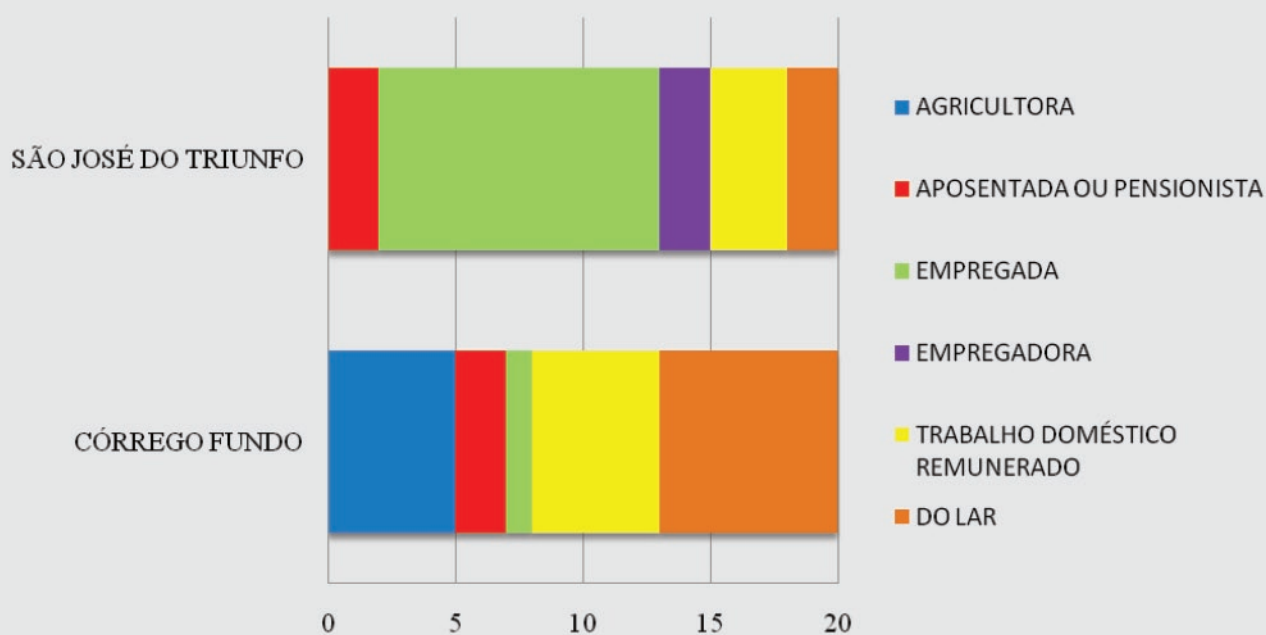


GRÁFICO 9

Pergunta: Qual a principal ocupação do sua mãe?

Jovens e suas famílias

Formação da mãe/responsável feminino dos jovens

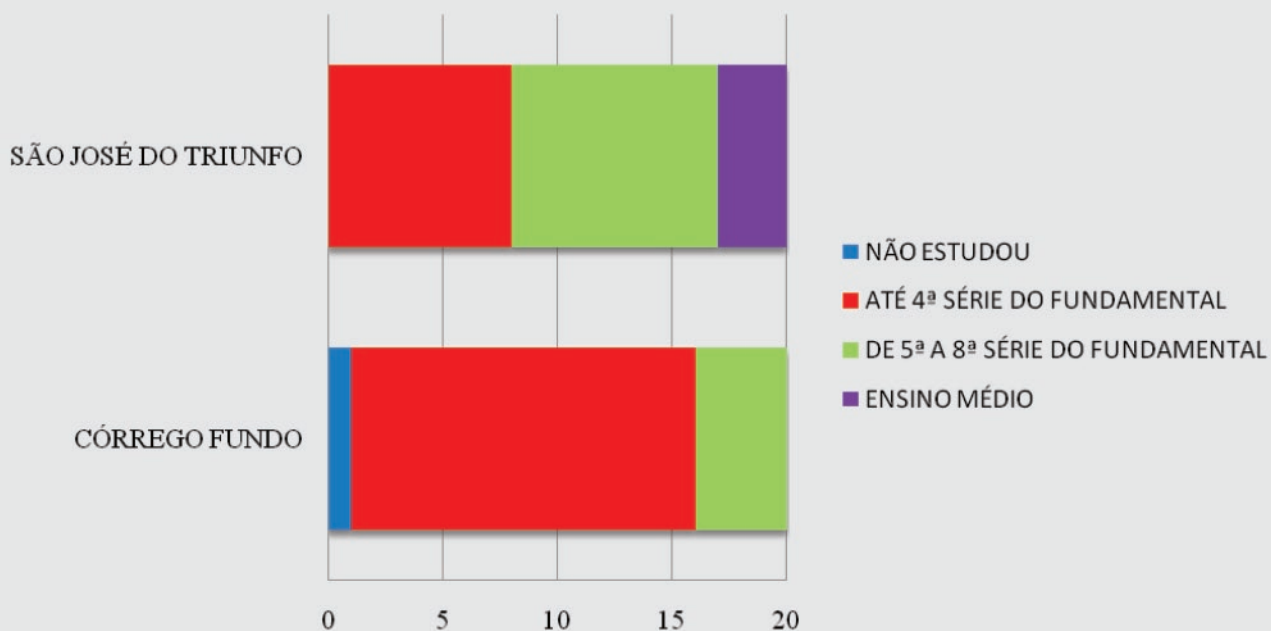


GRÁFICO 10

Pergunta: E qual a última série que sua mãe completou?

Percepção dos jovens a respeito das características da comunidade

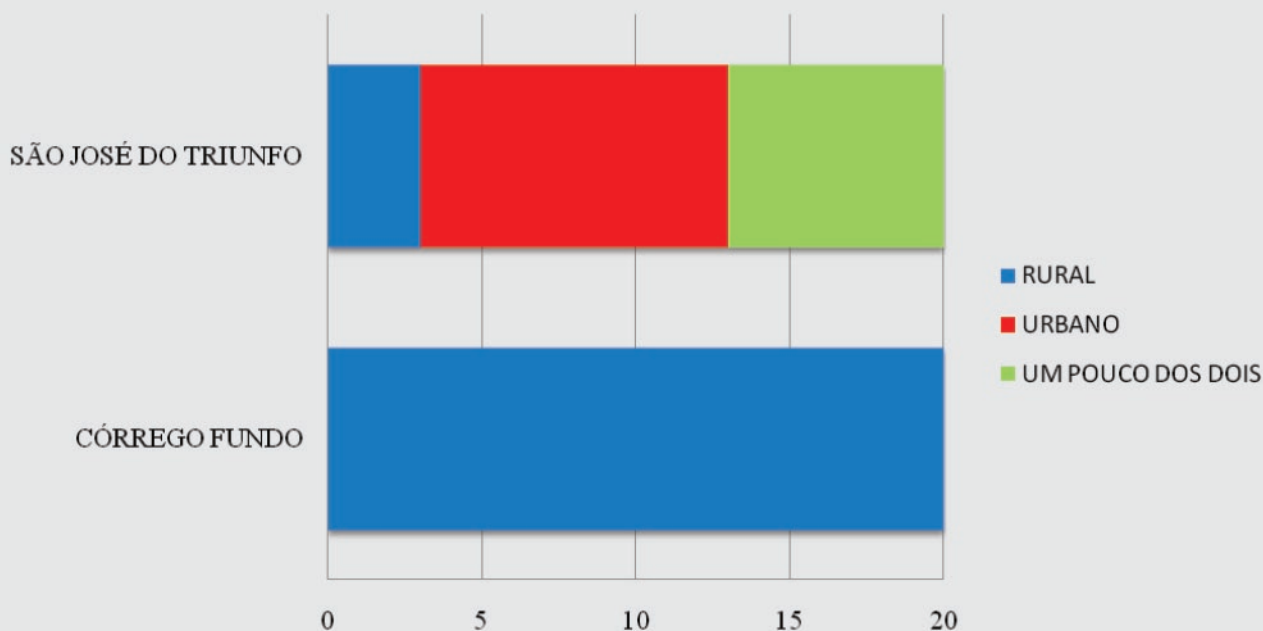


GRÁFICO 11

Pergunta: Você considera esse local como rural ou urbano?

Proporção dos jovens que nasceram na comunidade em que vivem

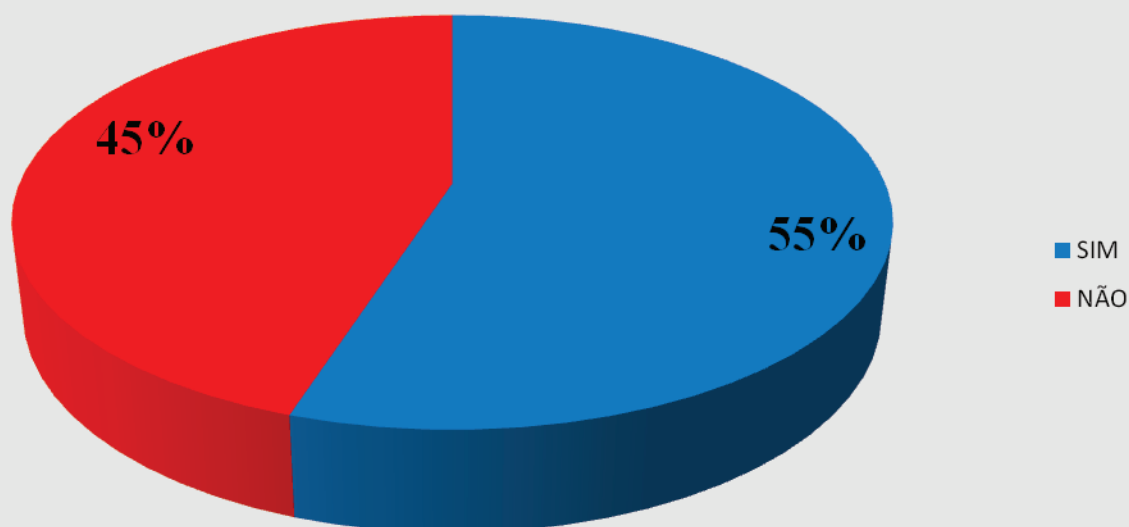


GRÁFICO 12

Pergunta: Você mora aqui desde quando nasceu?

Jovens e sua localidade

Local (is) de residência dos jovens de São José do Triunfo nos últimos quatro anos

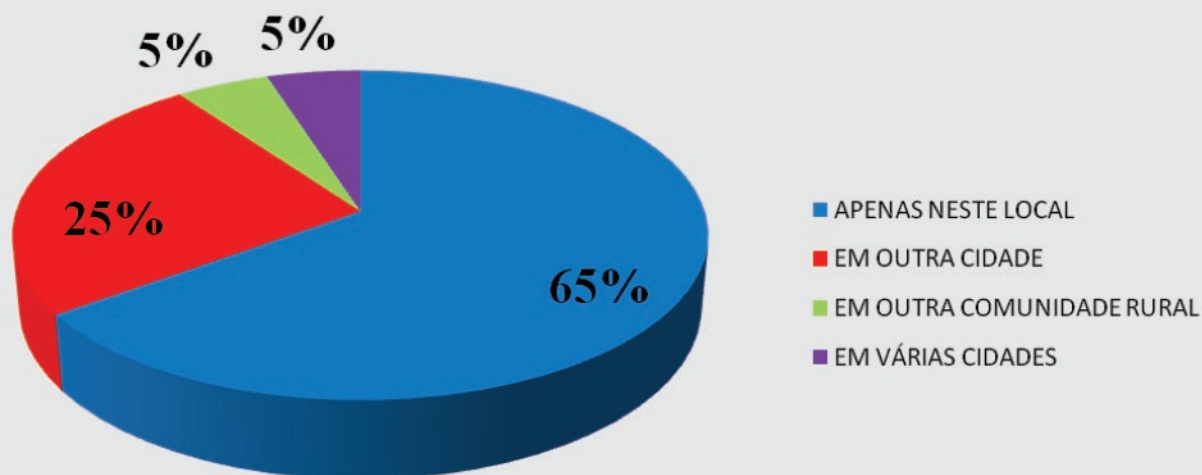


GRÁFICO 13

Pergunta: Pensando nos últimos 4 anos, em que lugares você morou?

Local (is) de residência dos jovens de Córrego Fundo nos últimos quatro anos

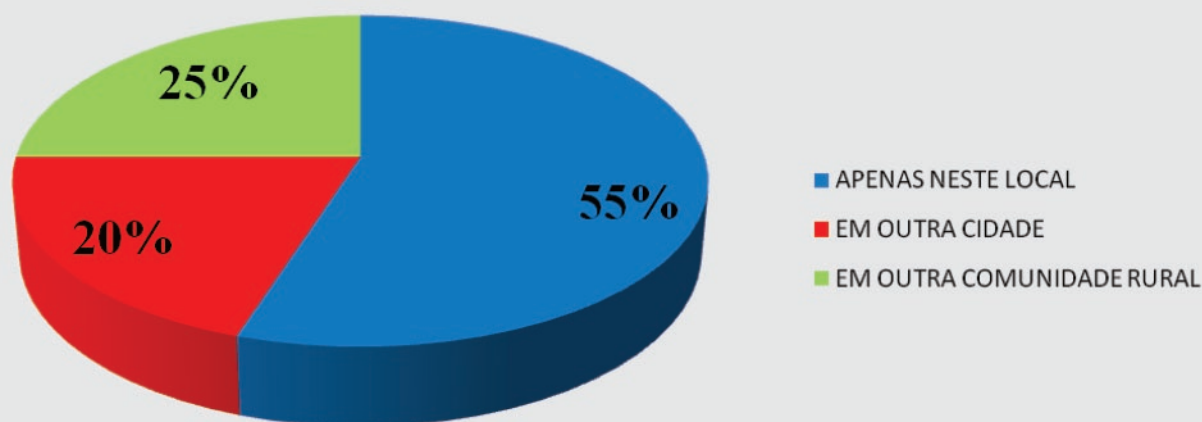


GRÁFICO 14

Pergunta: Pensando nos últimos 4 anos, em que lugares você morou?

Jovens e sua localidade

Desejo de mudança dos jovens

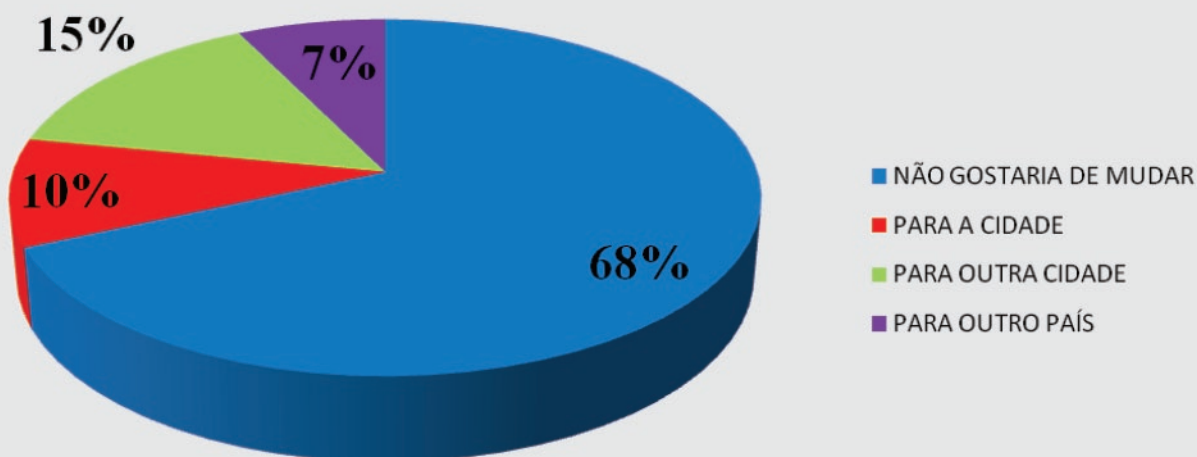


GRÁFICO 15

Pergunta: Atualmente, você gostaria de mudar daqui?

Elementos que os jovens mais valorizam em sua comunidade

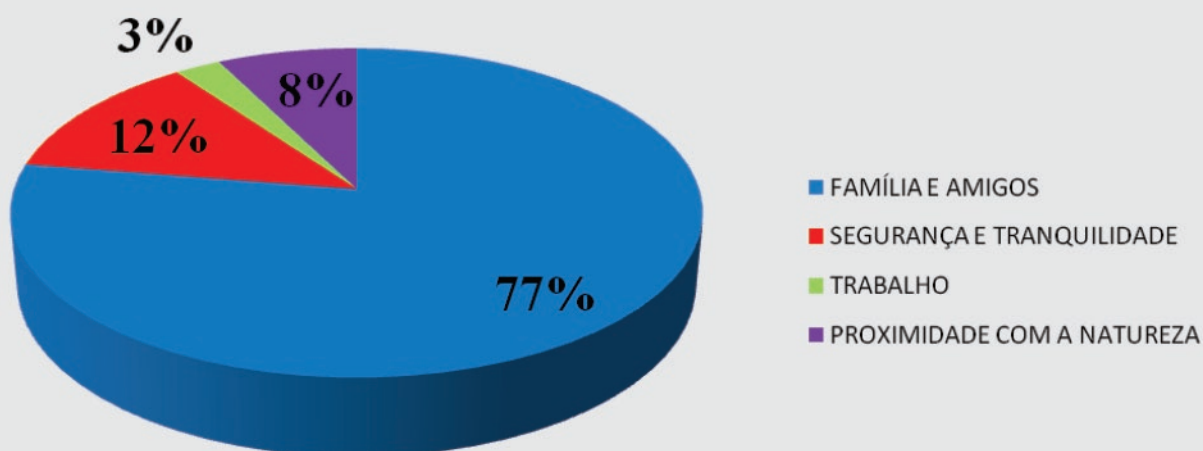


GRÁFICO 16

Pergunta: Que elemento você mais valoriza em sua comunidade?

Jovens e sua localidade

Demandas dos jovens de São José do Triunfo

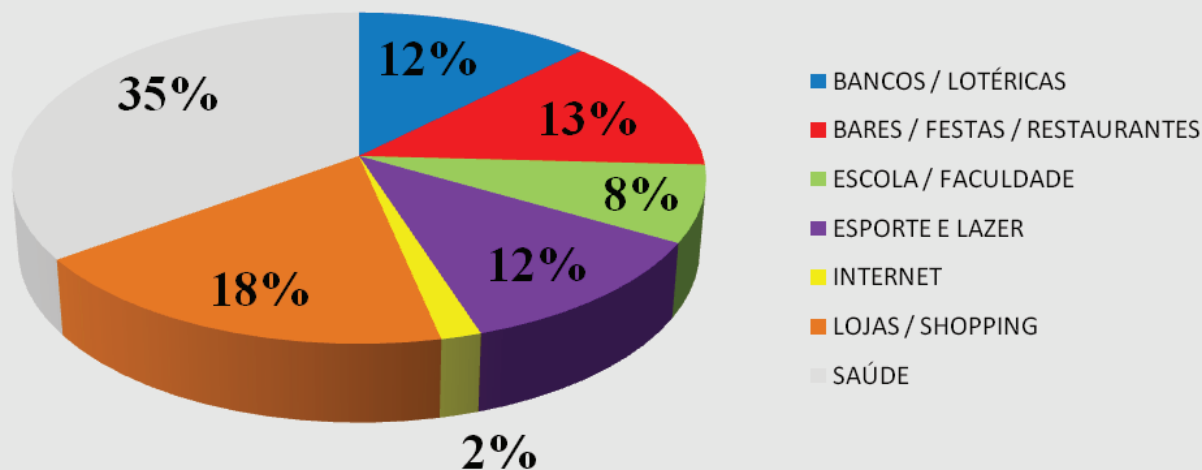


GRÁFICO 17*

Pergunta: Que tipo de serviços ou instalações você encontra no centro urbano e gostaria de ter aqui?

Demandas dos jovens de Córrego Fundo

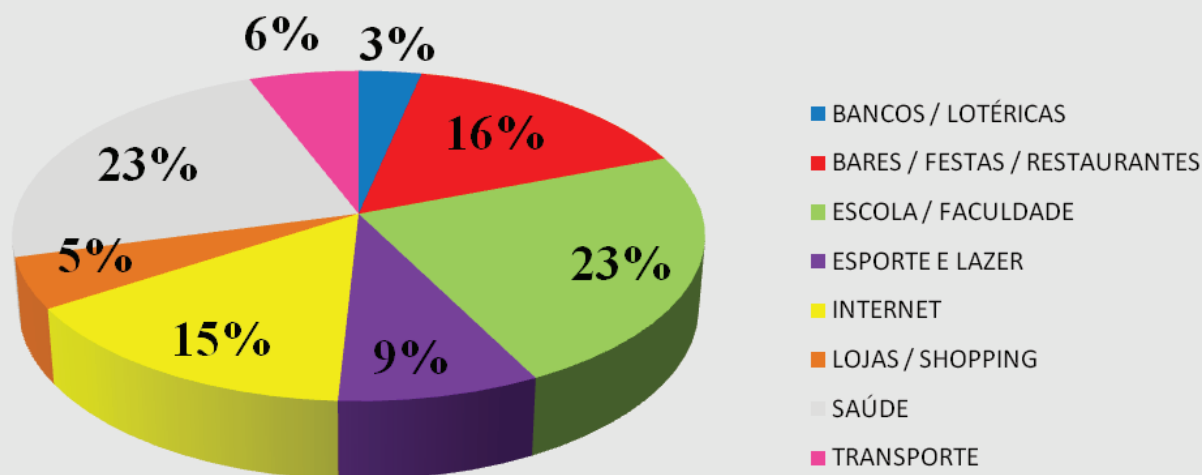


GRÁFICO 18*

Pergunta: Que tipo de serviços ou instalações você encontra no centro urbano e gostaria de ter aqui?

Jovens e educação

Situação atual dos jovens em relação aos estudos

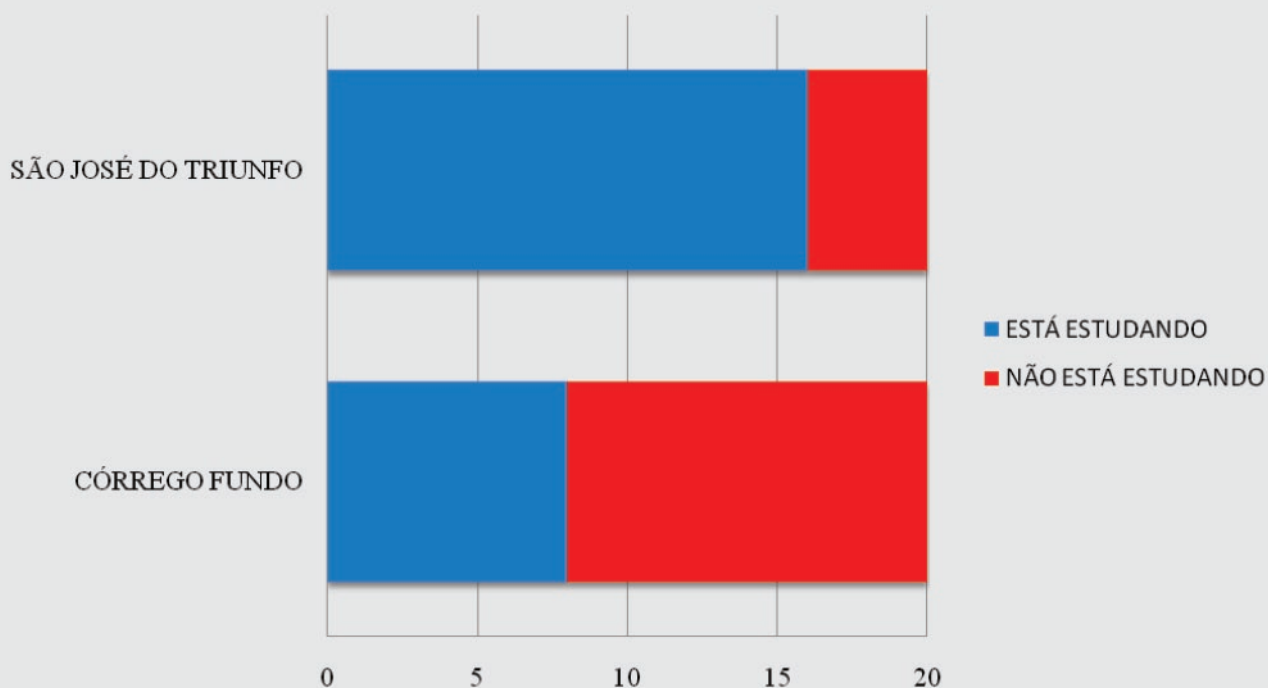


GRÁFICO 19

Pergunta: Atualmente, você está estudando?

Distribuição dos jovens por grau de instrução

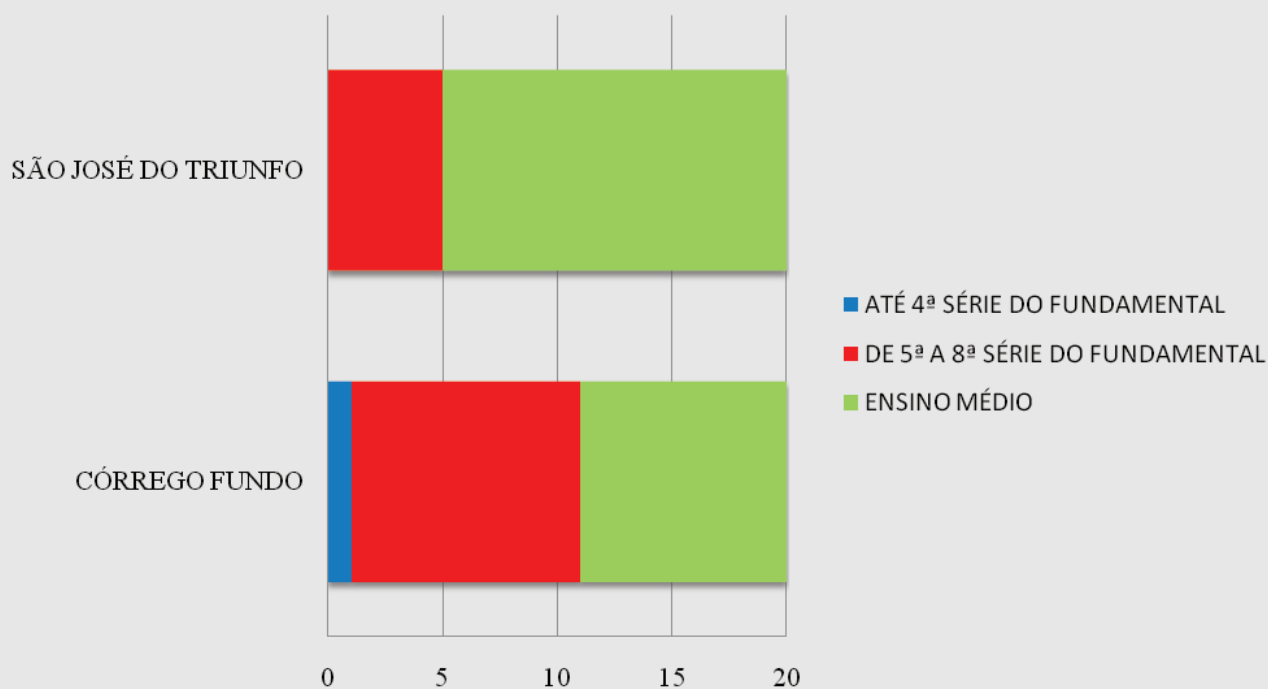


GRÁFICO 20

Pergunta: Qual foi a última série que você concluiu?

Jovens e educação

Satisfação dos jovens com seu grau de instrução atual

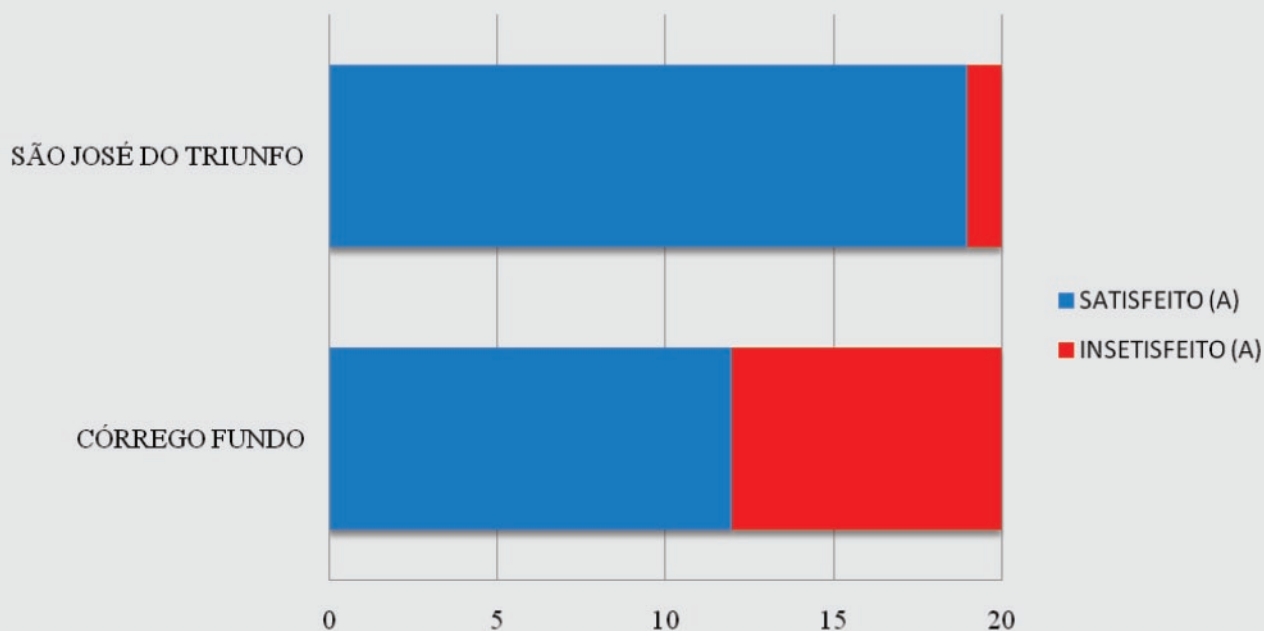


GRÁFICO 21

Pergunta: Independentemente de estar estudando ou não, você está satisfeito(a) com sua formação?

Distribuição dos jovens segundo meio de transporte utilizado para ir à escola

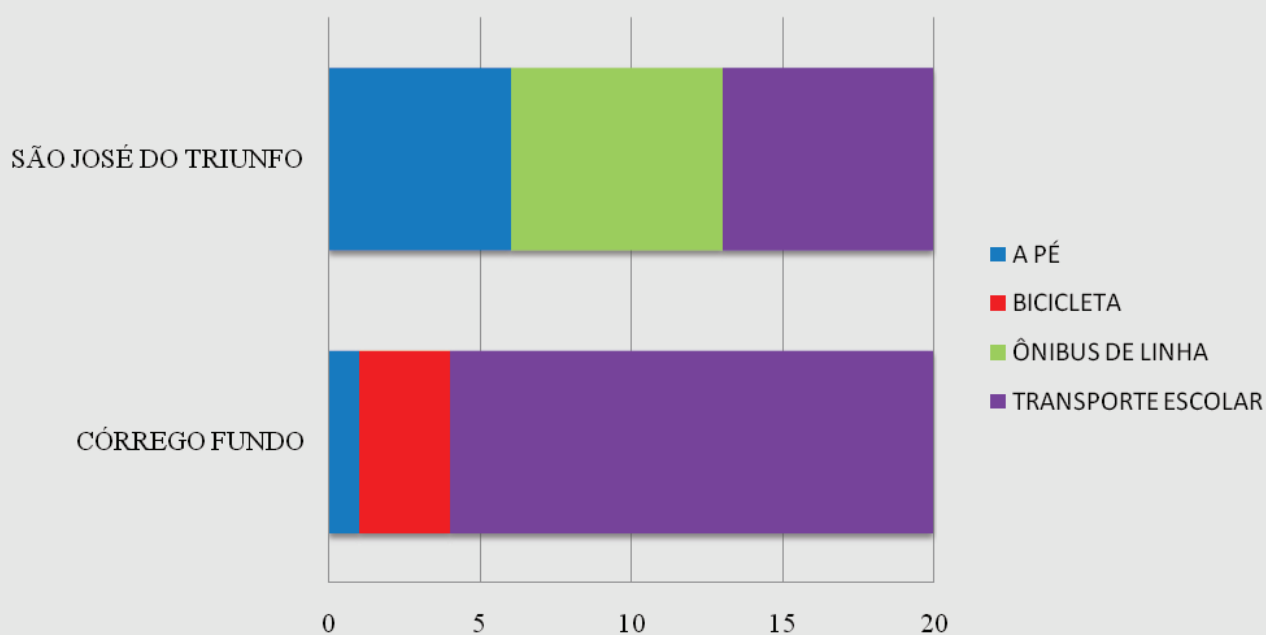
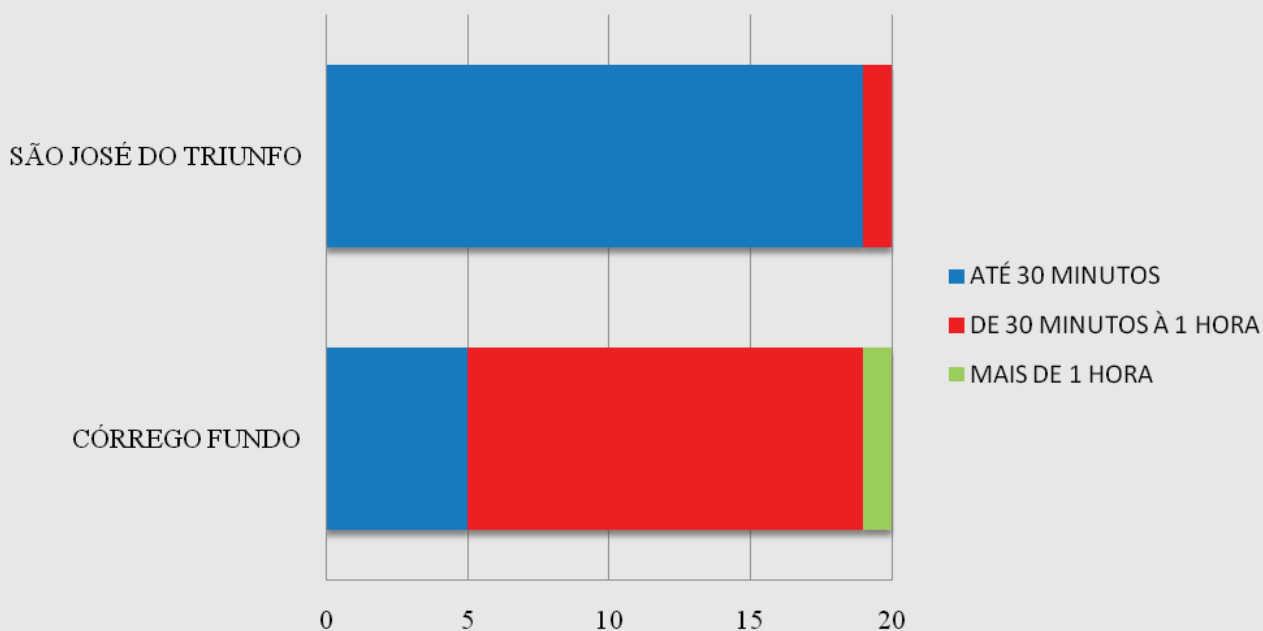


GRÁFICO 22

Pergunta: Que meio de transporte você utiliza (ou utilizava) para ir até a escola?

Jovens e educação

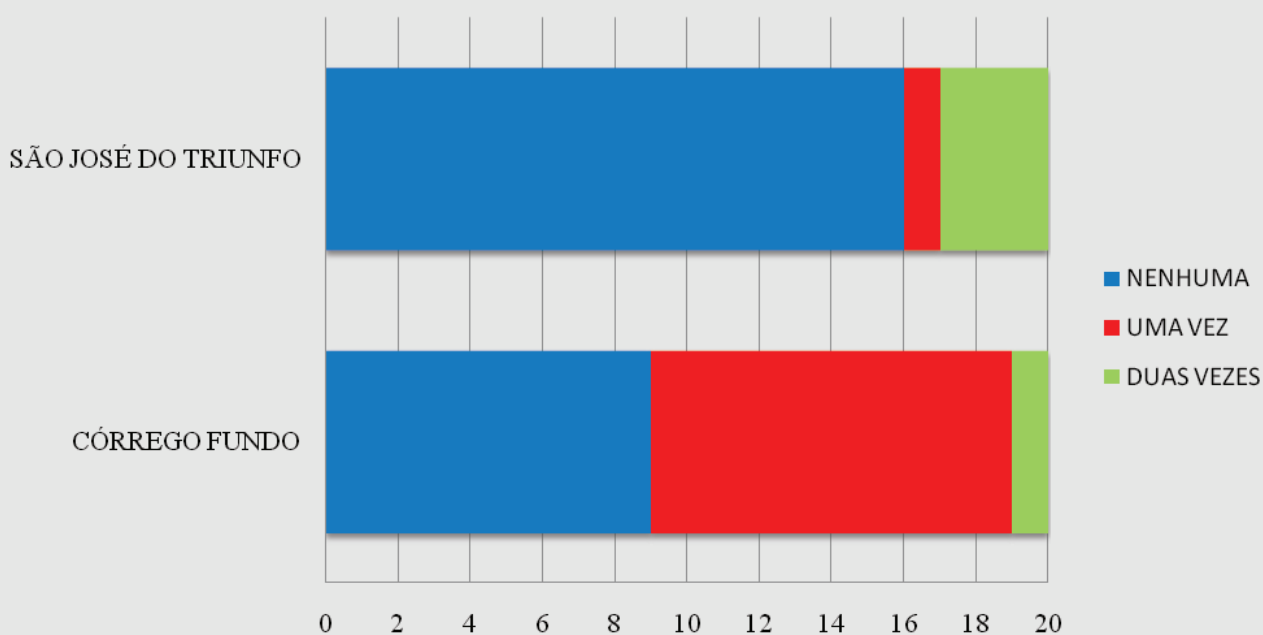
Distribuição dos jovens pelo tempo de deslocamento de casa à escola



Pergunta: E quanto tempo demorava?

GRÁFICO 23

Distribuição dos jovens pelo número de vezes em que pararam de estudar

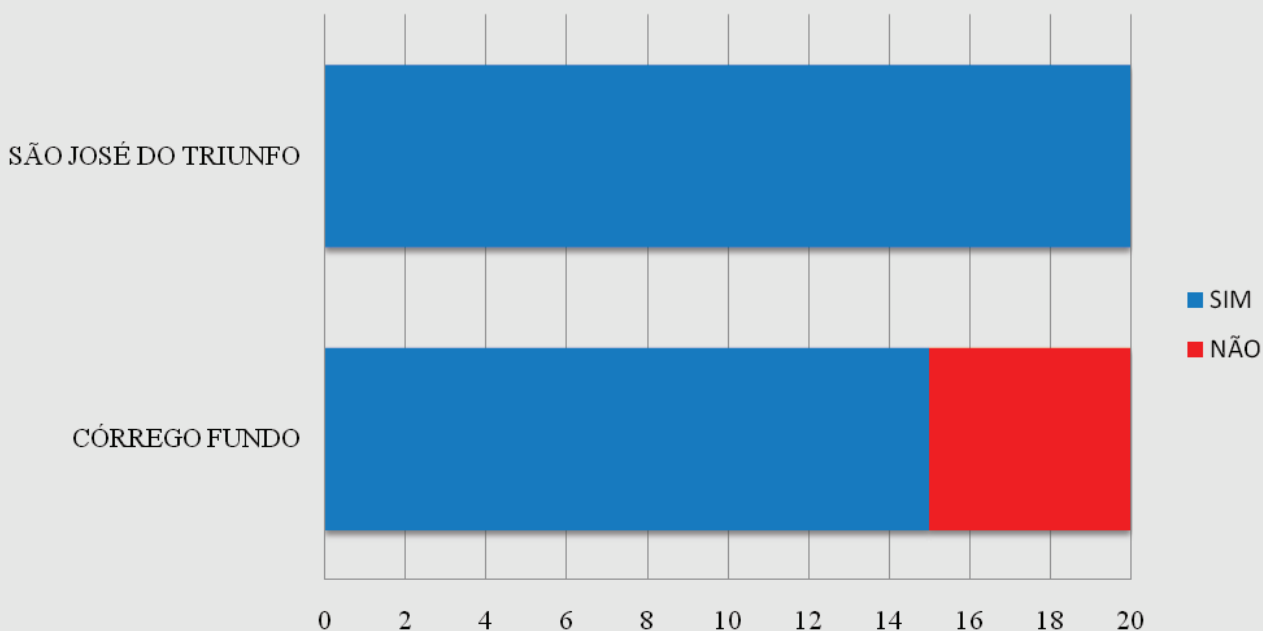


Pergunta: Você já parou de estudar alguma vez? Quantas?

GRÁFICO 24

Jovens e educação

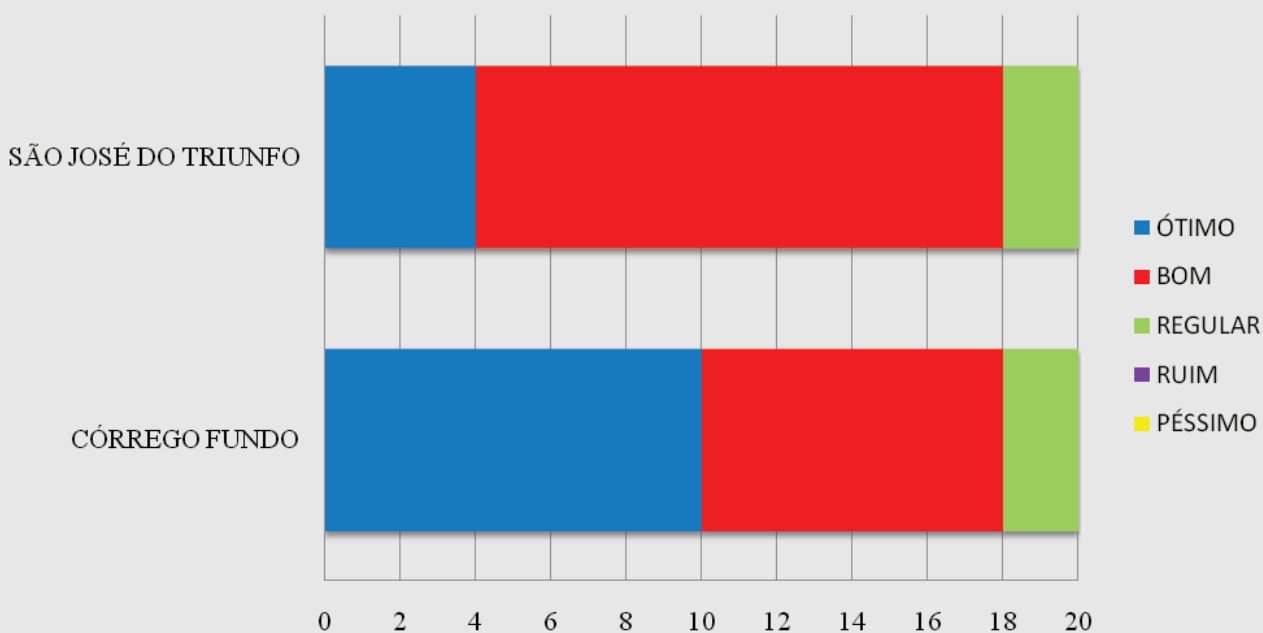
Pretensão dos jovens em continuarem estudando / voltarem a estudar



Pergunta: Você pretende continuar estudando / voltar a estudar?

GRÁFICO 25

Avaliação dos jovens a respeito da qualidade do ensino na escola em que estudaram/estudavam



Pergunta: Agora, gostaria que você avaliasse a última escola em que estudou

GRÁFICO 26

Jovens e educação

Avaliação dos jovens a respeito da qualidade dos professores na escola em que estudaram/estudavam

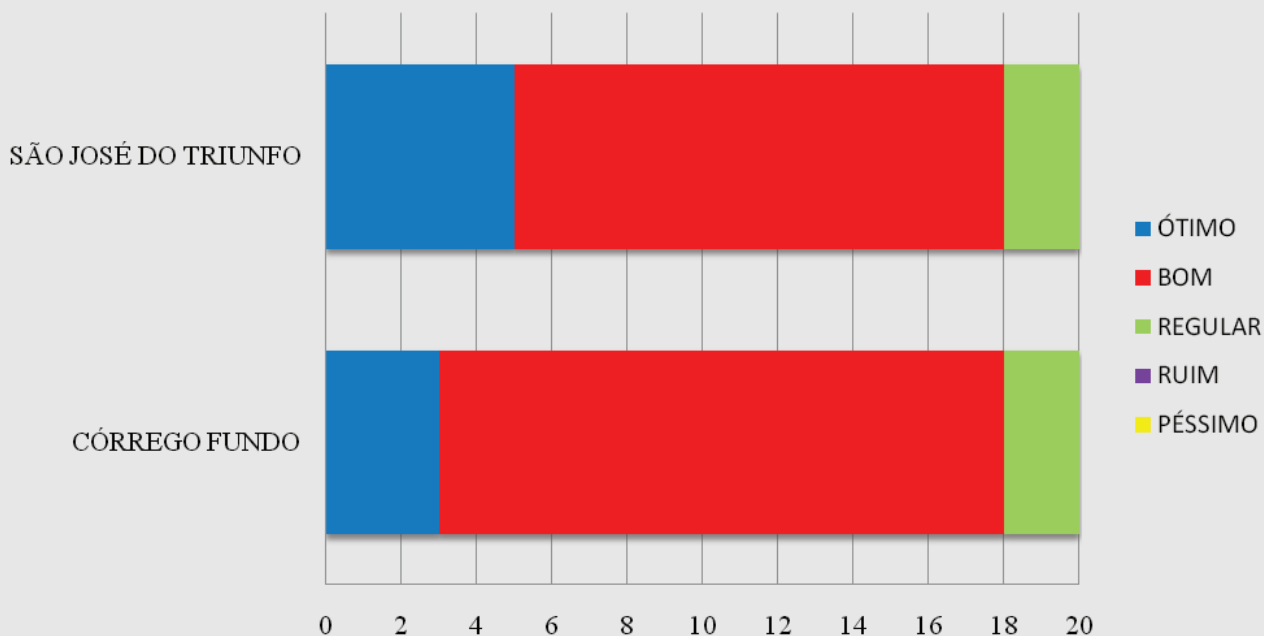


GRÁFICO 27

Pergunta: Agora, gostaria que você avaliasse a última escola em que estudou

Avaliação dos jovens a respeito da qualidade dos alunos na escola em que estudaram/estudavam

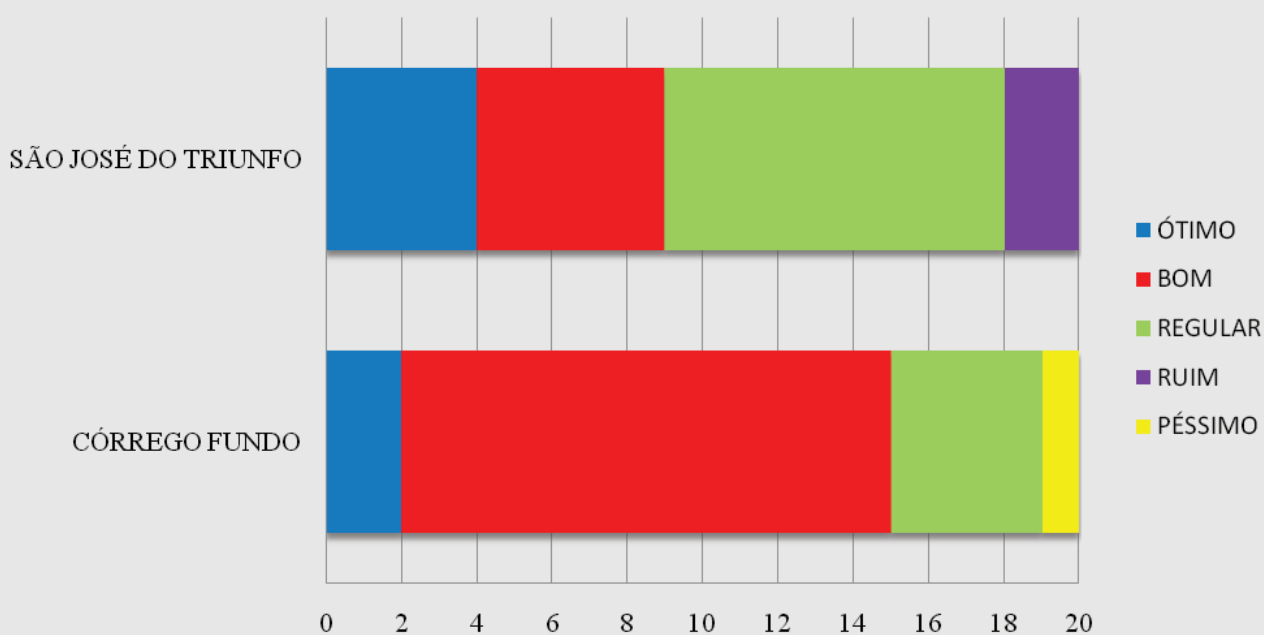


GRÁFICO 28

Pergunta: Agora, gostaria que você avaliasse a última escola em que estudou

Jovens e educação

Avaliação dos jovens a respeito da qualidade das instalações da escola em que estudaram/estudavam

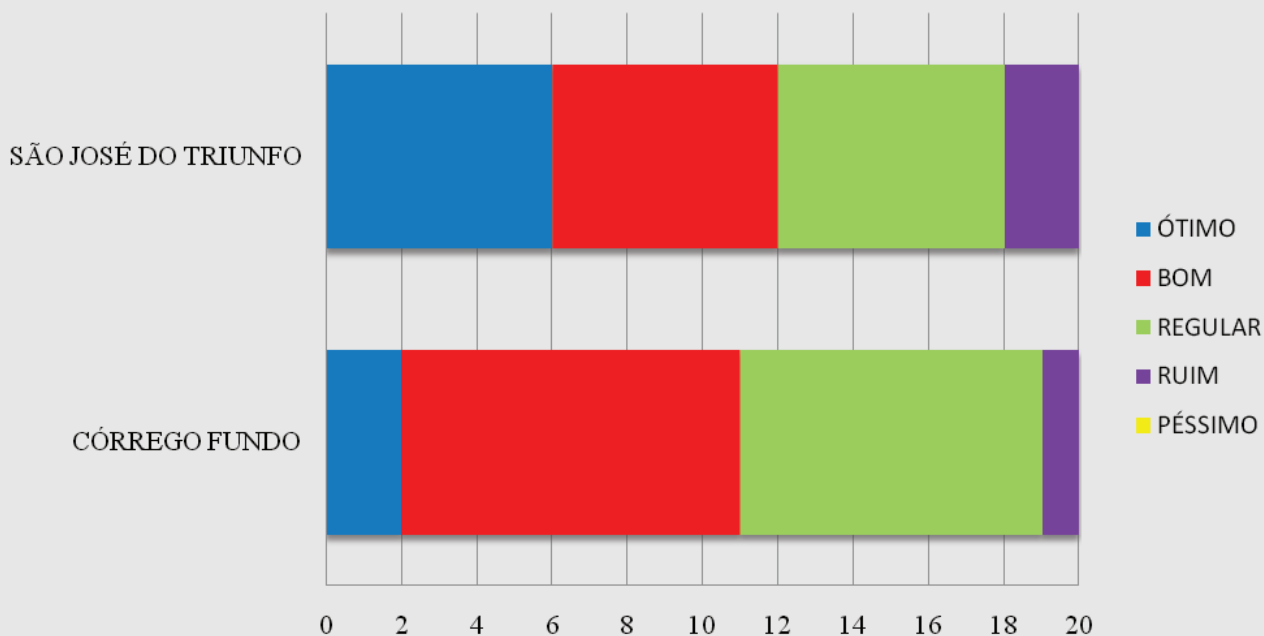


GRÁFICO 29

Pergunta: Agora, gostaria que você avaliasse a última escola em que estudou

Avaliação dos jovens a respeito da qualidade dos locais de prática esportiva da escola em que estudaram/estudavam

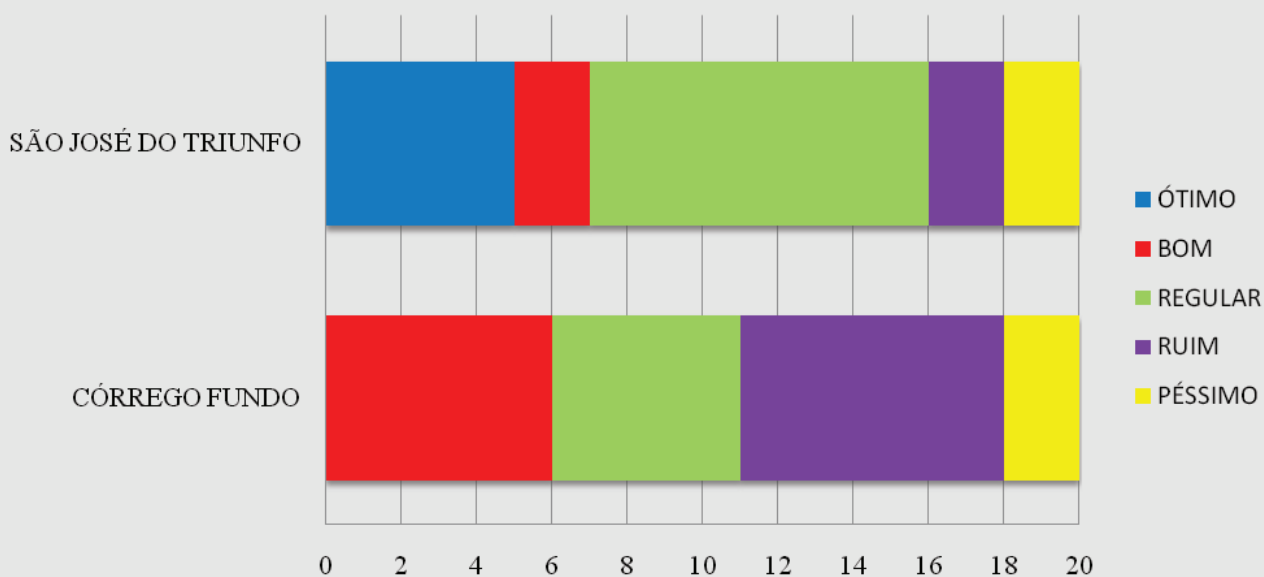


GRÁFICO 30

Pergunta: Agora, gostaria que você avaliasse a última escola em que estudou

Jovens e educação

Avaliação dos jovens a respeito da qualidade das bibliotecas e laboratórios da escola em que estudaram/estudavam



GRÁFICO 31

Pergunta: Agora, gostaria que você avaliasse a última escola em que estudou

Avaliação dos jovens a respeito da qualidade das atividades de cultura e lazer desenvolvidas na escola em que estudaram/estudavam

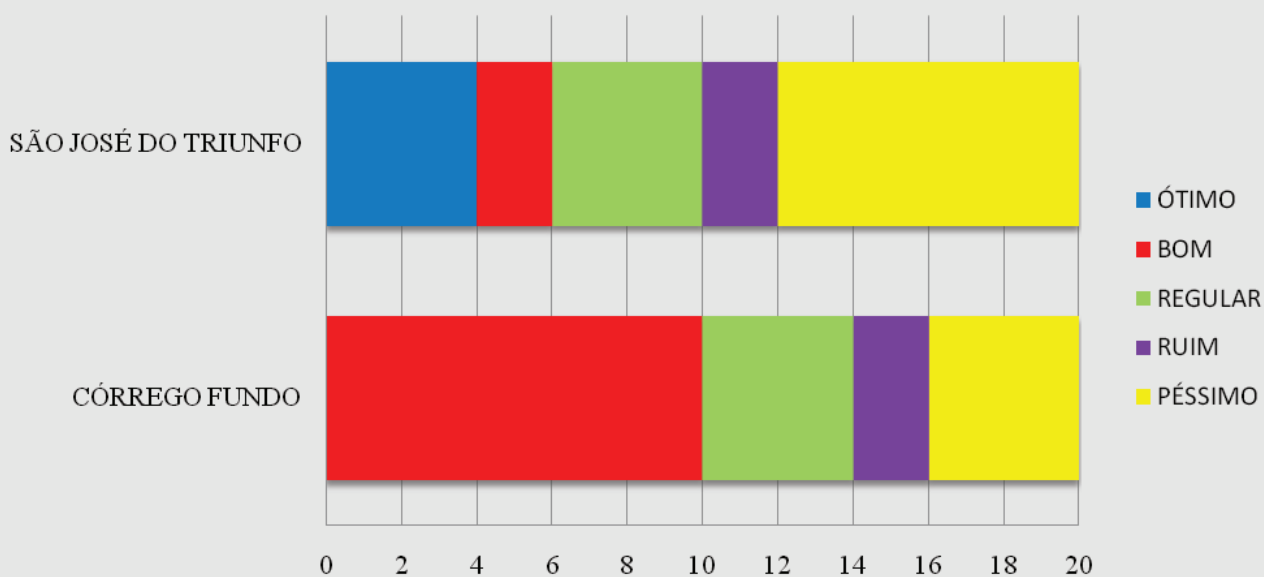


GRÁFICO 32

Pergunta: Agora, gostaria que você avaliasse a última escola em que estudou

Frequência com que os jovens utilizam computador / acessam a internet

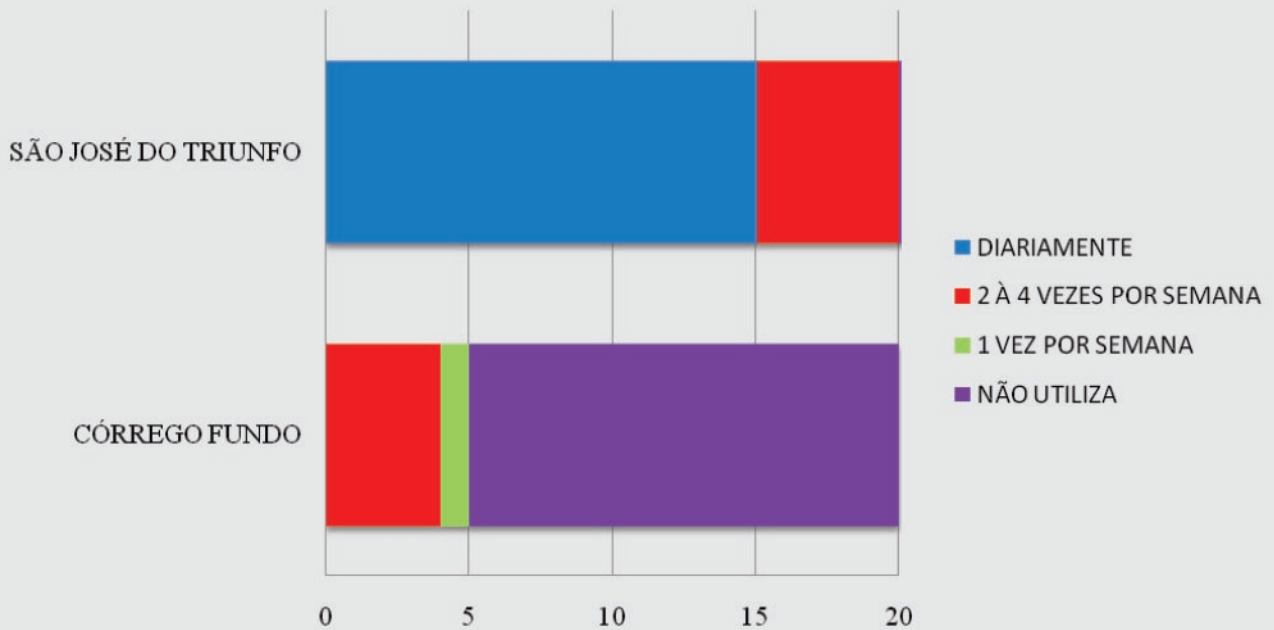


GRÁFICO 33

Pergunta: Você utiliza o computador no seu dia-a-dia? Com que frequência?

Locais em que os jovens utilizam computador / acessam a internet

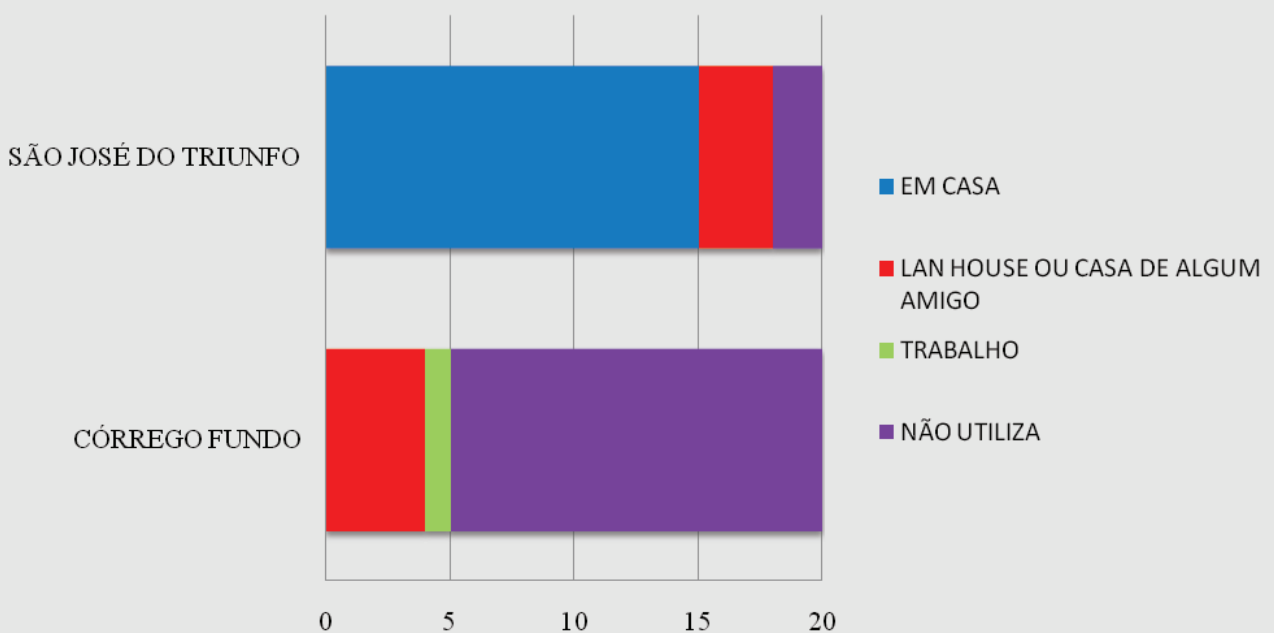


GRÁFICO 34

Pergunta: Em que local você utiliza o computador?

Jovens e internet

Usos da internet pelos jovens de São José do Triunfo

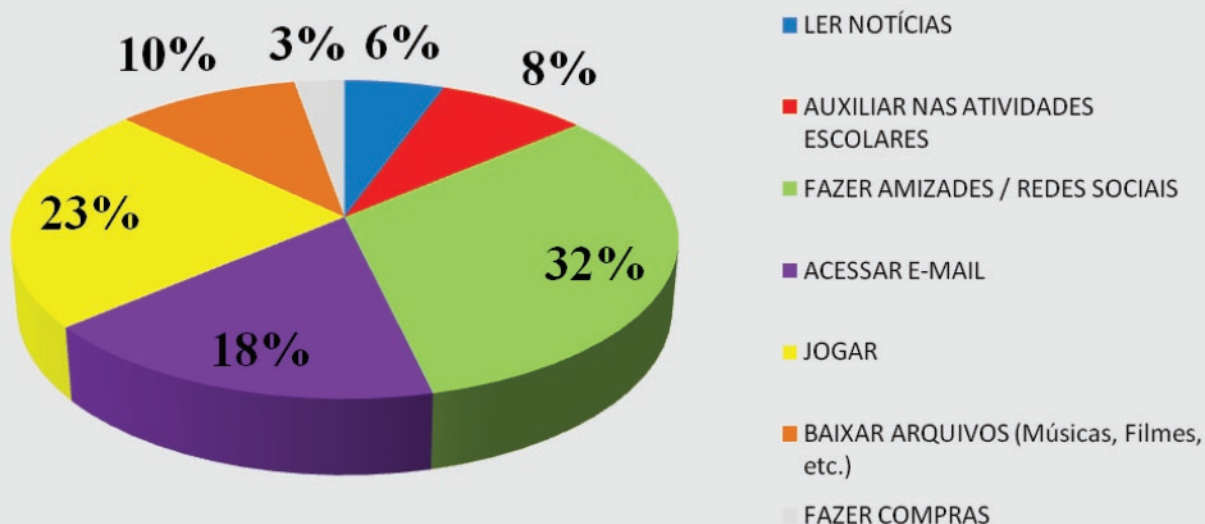


GRÁFICO 35*

Pergunta: Qual as principais finalidades de uso?

Usos da internet pelos jovens de Córrego Fundo

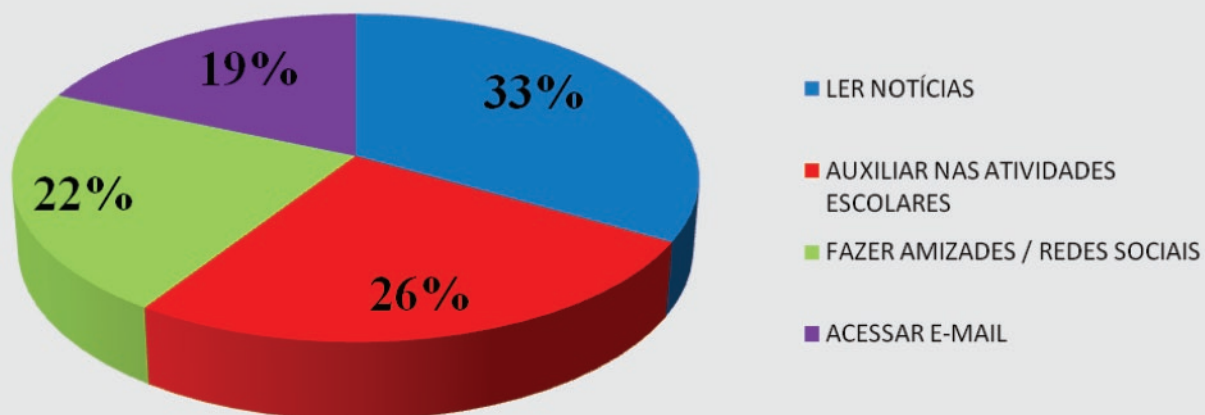
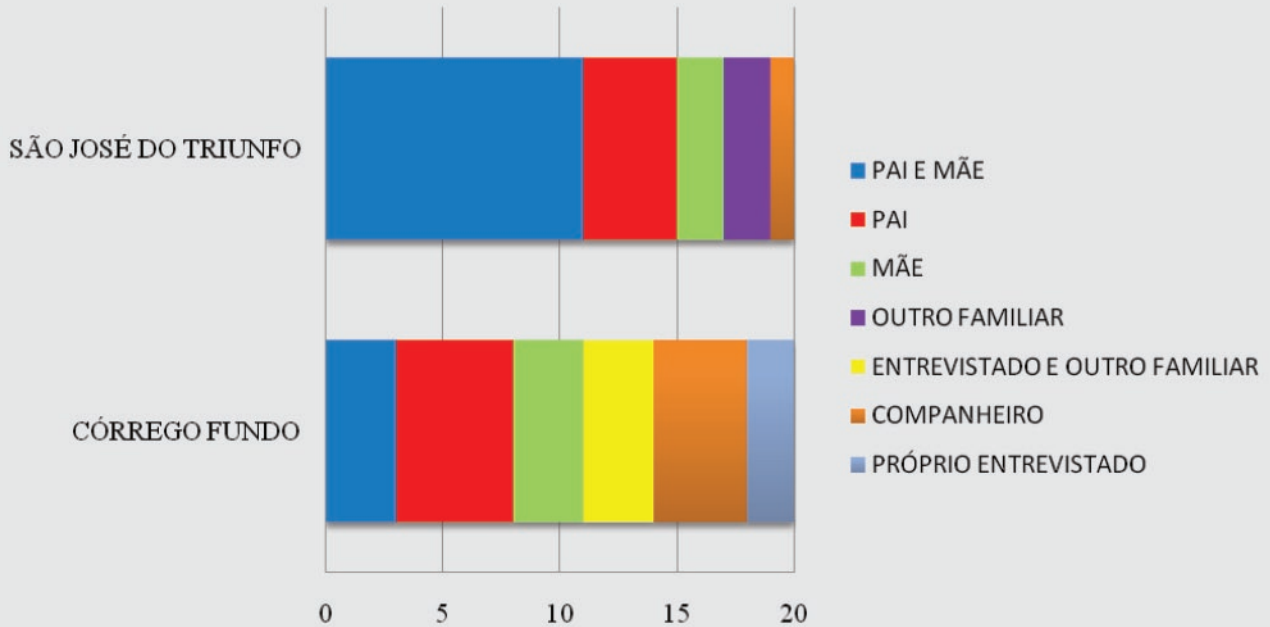


GRÁFICO 36*

Pergunta: Qual as principais finalidades de uso?

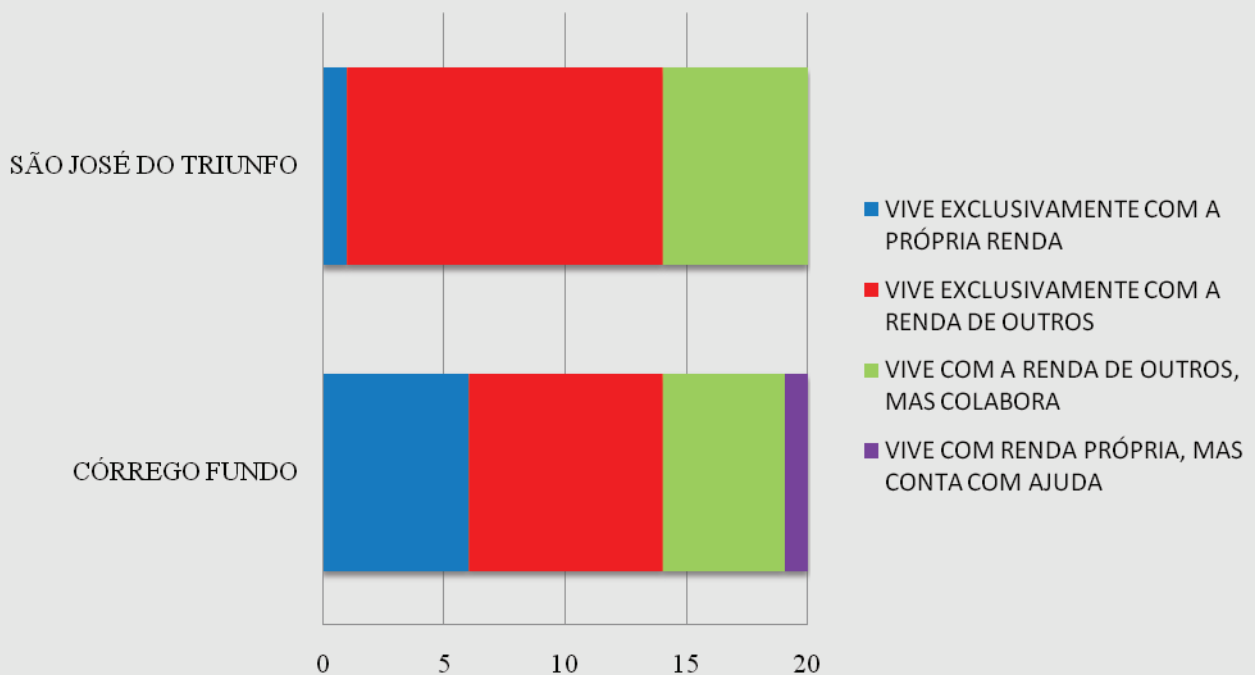
Quem mais contribui com a renda familiar dos jovens



Pergunta: Quem mais contribuí para a renda familiar?

GRÁFICO 37

Autonomia dos jovens em relação à renda



Pergunta: Pensando em sua renda pessoal, você diria que?

GRÁFICO 38

Trabalho e renda

Fonte de renda pessoal dos jovens

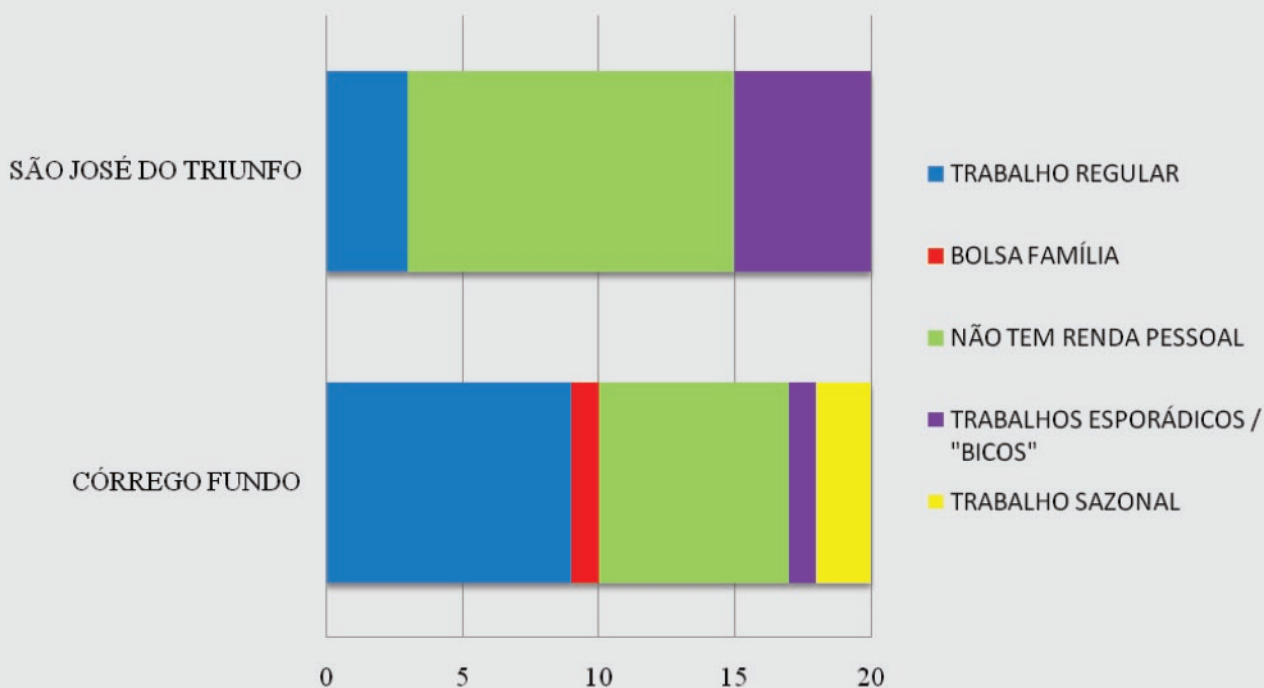


GRÁFICO 39

Pergunta: Qual é sua principal fonte de renda?

Situação dos jovens em relação ao trabalho

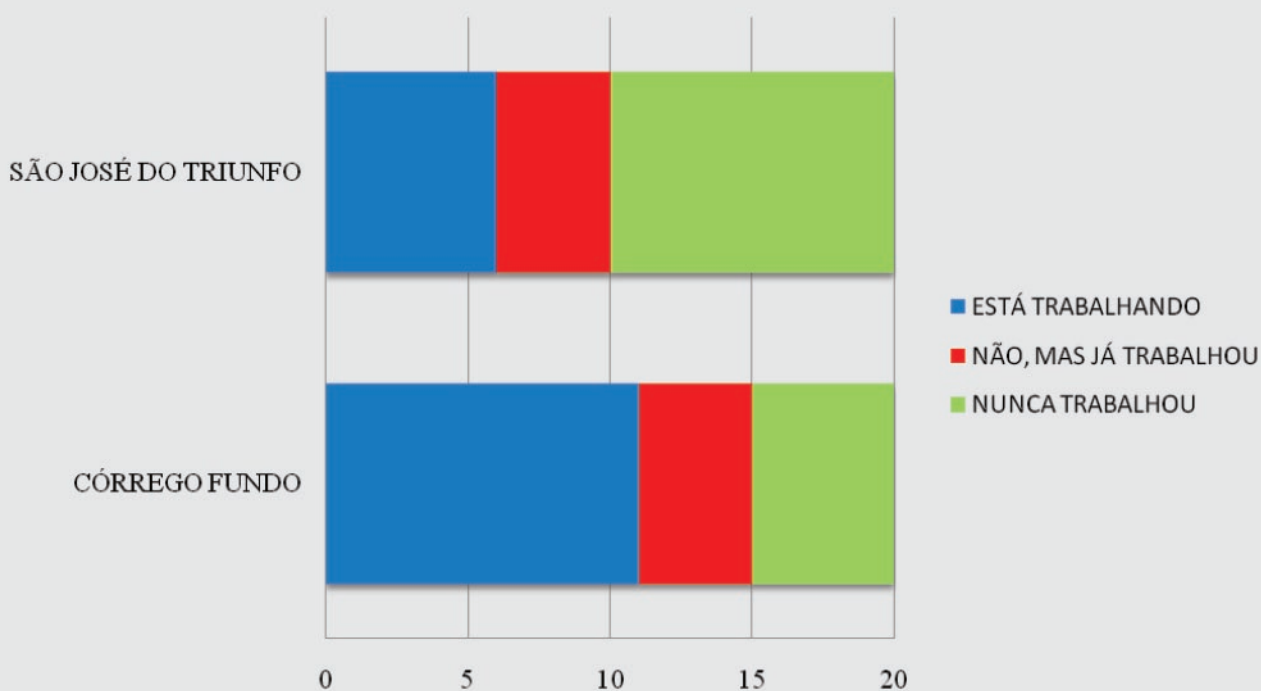


GRÁFICO 40

Pergunta: Está trabalhando atualmente?

Trabalho e renda

Relação da atividade que desempenha com os estudos

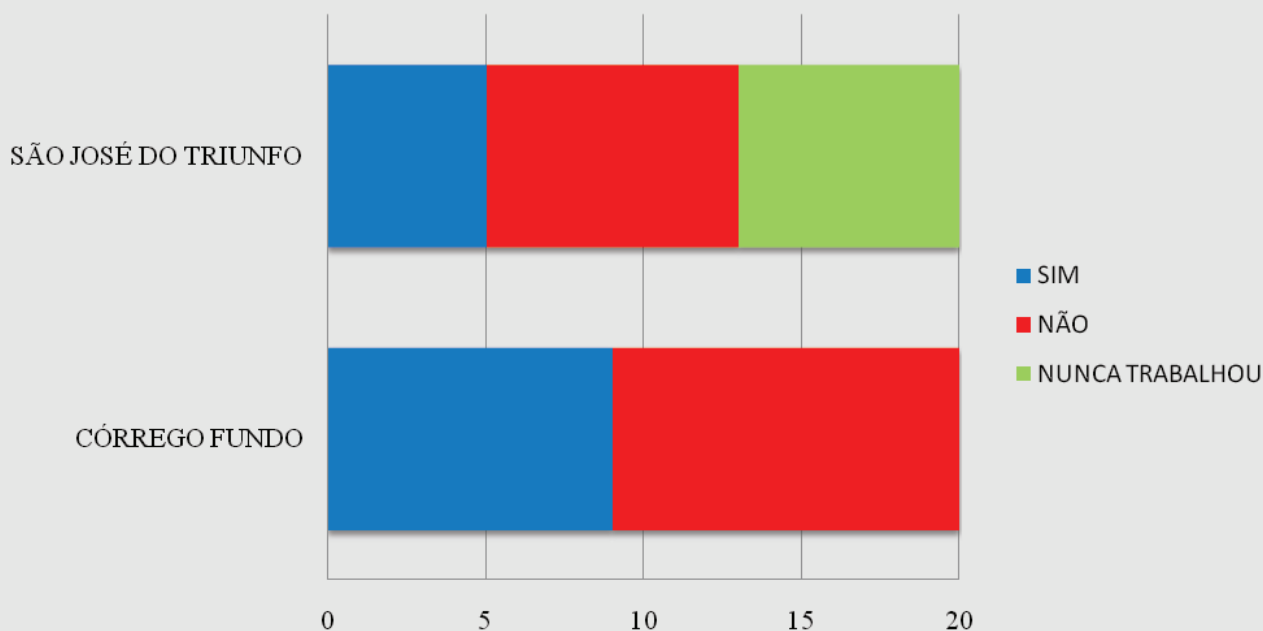


GRÁFICO 41

Pergunta: A atividade que você desempenha atualmente tem relação com o que estudou?

Distribuição dos jovens que trabalham ou auxiliam em alguma atividade agrícola

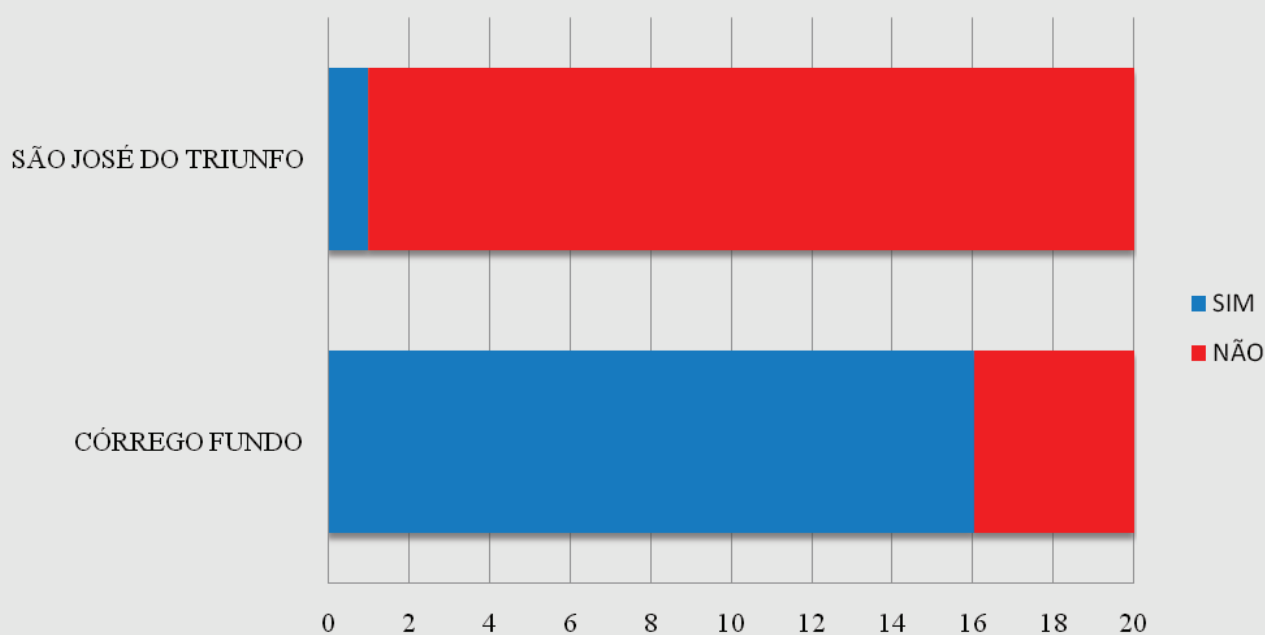


GRÁFICO 42

Pergunta: Você ajuda ou auxilia em alguma atividade agrícola?

Trabalho e renda

Distribuição dos jovens segundo função que ocupa em seu trabalho

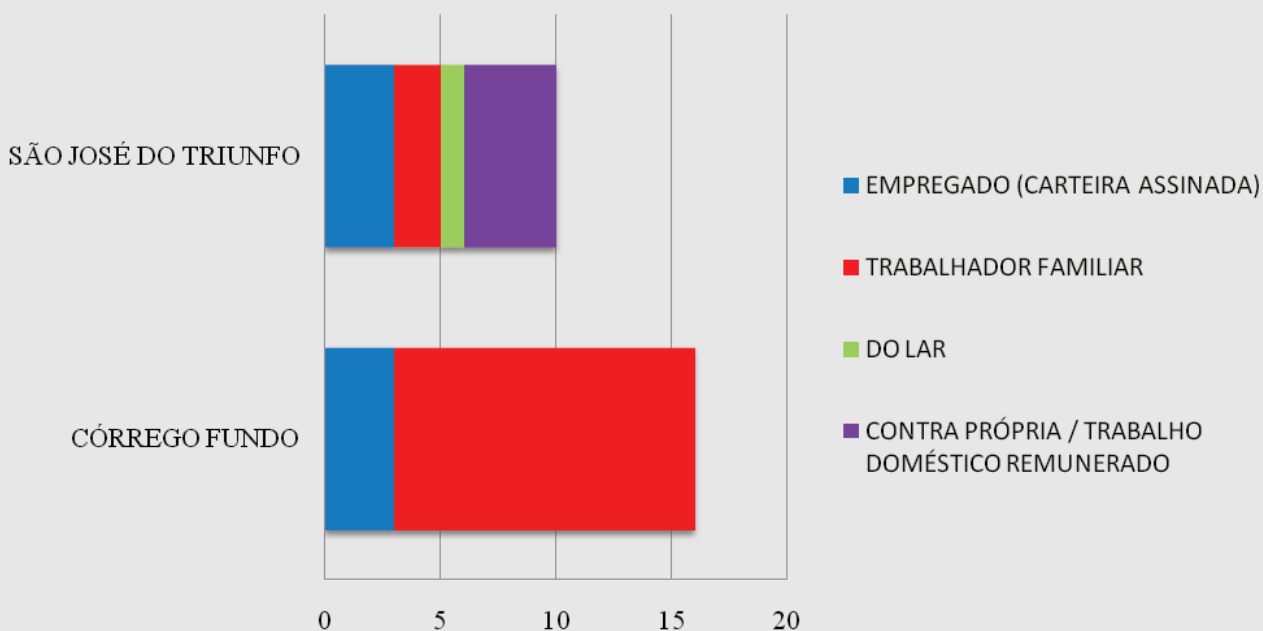


GRÁFICO 43

Pergunta: Que função desempenha na sua atividade?

Carga horária semanal de trabalho dos jovens

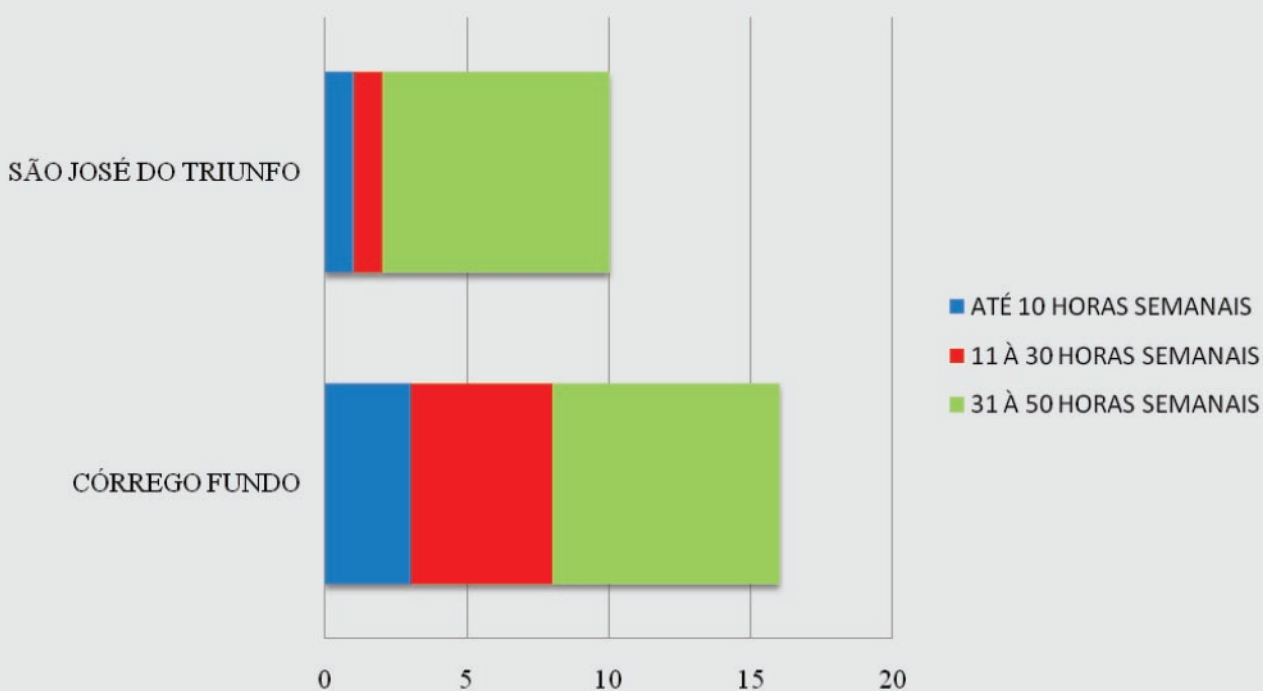


GRÁFICO 44

Pergunta: Quanto tempo dedica, em média, por semana a esta atividade?

Trabalho e renda

Distribuição dos jovens segundo indicação de estar procurando emprego

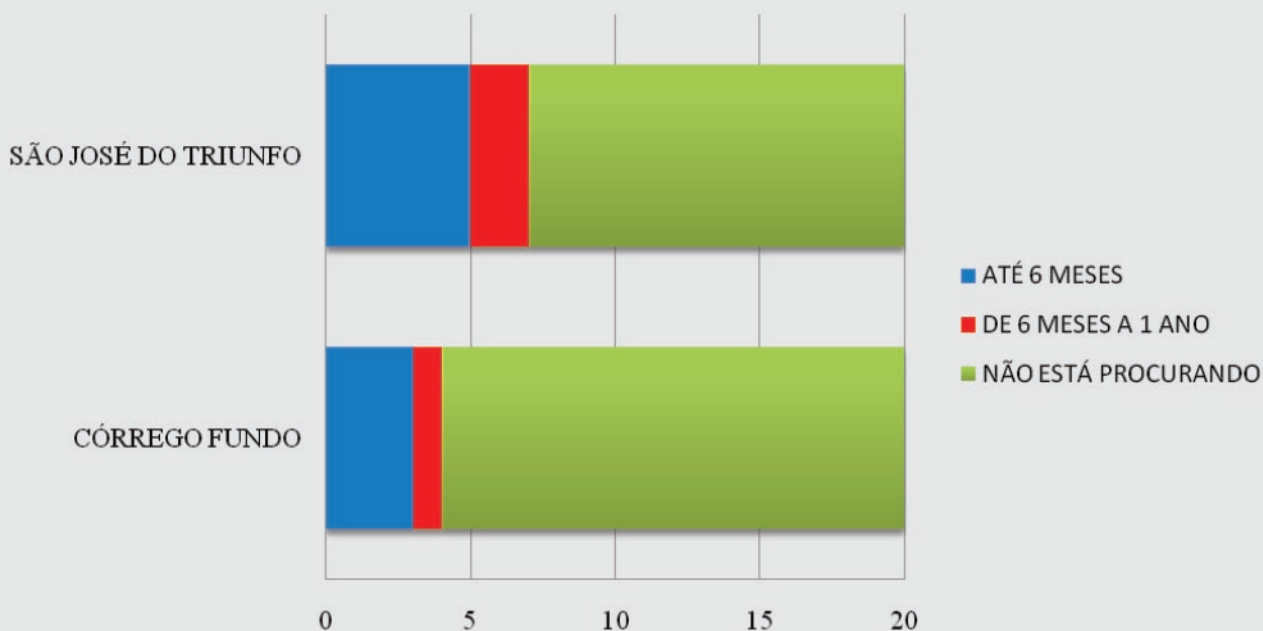


GRÁFICO 45

Pergunta: Atualmente, você está procurando emprego?

Características que os jovens apontam como principal para conseguir o emprego que desejam

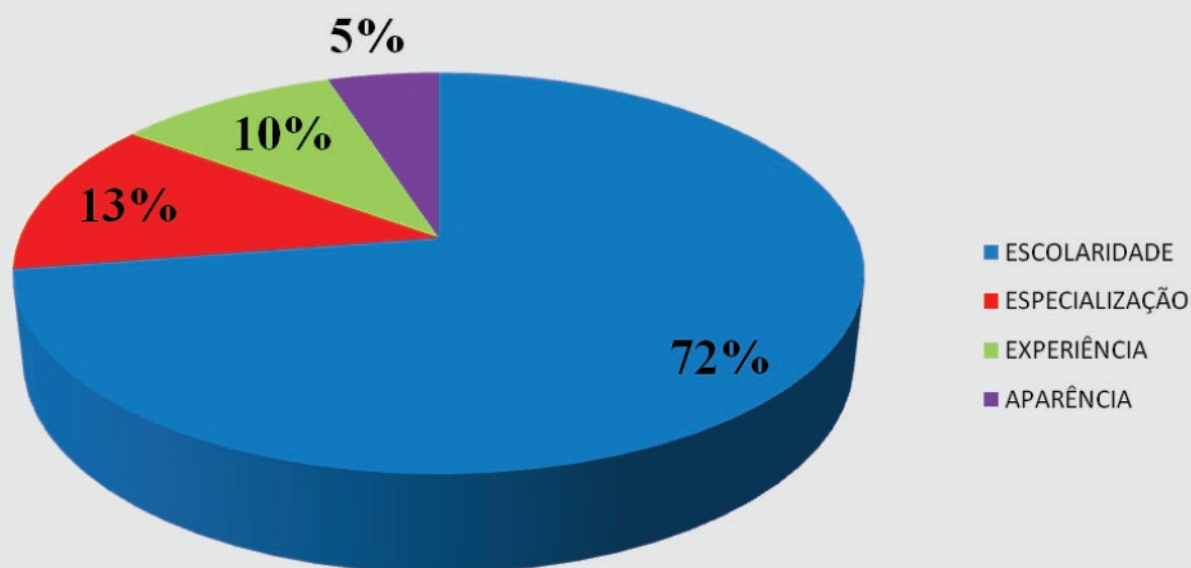


GRÁFICO 46

Pergunta: Qual é, em sua opinião, a principal característica para conseguir o emprego que deseja?

Distribuição dos jovens segundo posse de documentos em São José do Triunfo

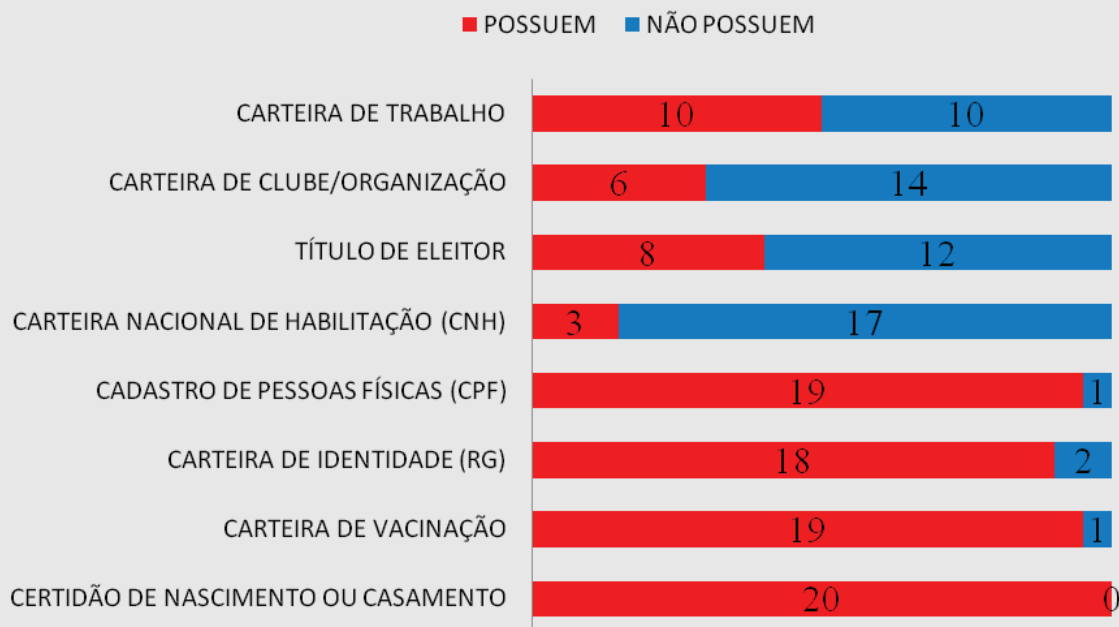


GRÁFICO 47

Pergunta: Dos documentos citados, qual você possui?

Distribuição dos jovens segundo posse de documentos em Córrego Fundo

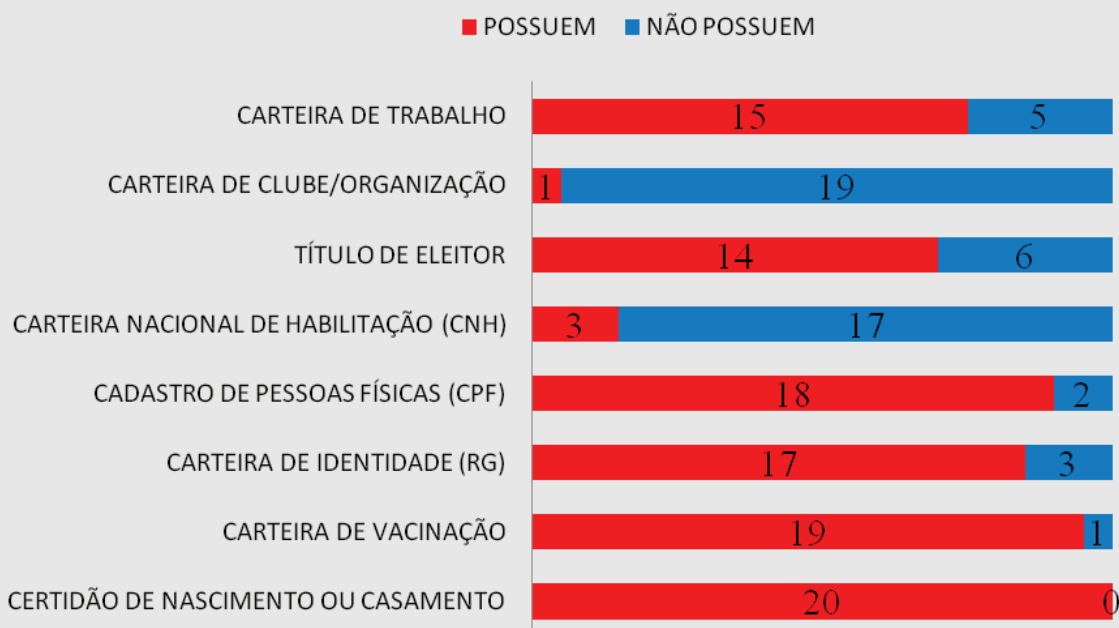


GRÁFICO 48

Pergunta: Dos documentos citados, qual você possui?

Democracia e cidadania

Jovens que possuem conta em banco

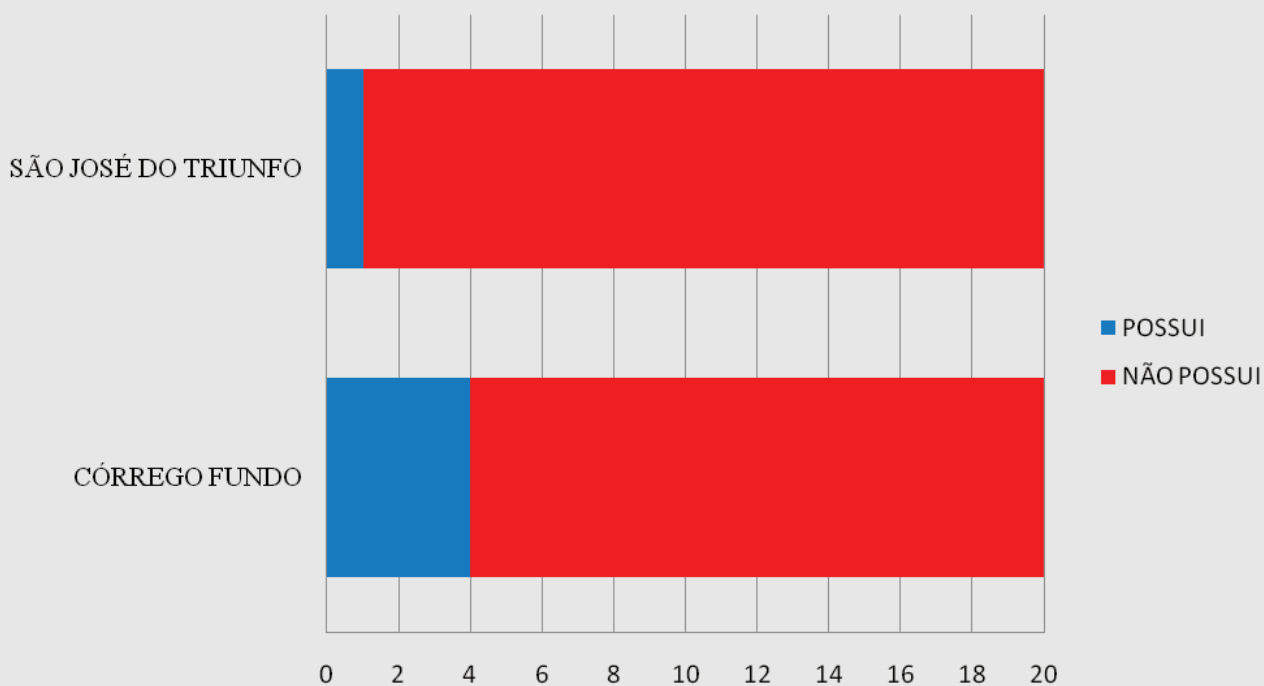


GRÁFICO 49

Pergunta: Você possui conta corrente ou poupança em algum banco?

Distribuição dos jovens segundo indicação de participação em organização social

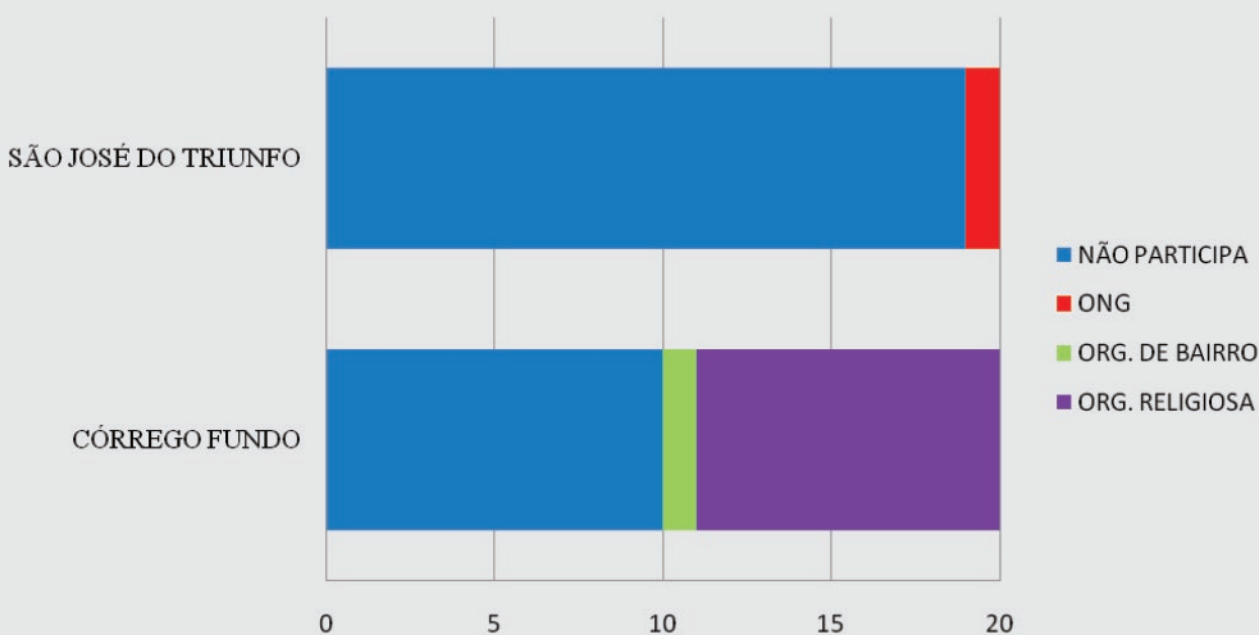


GRÁFICO 50

Pergunta: Você participa de alguma organização social? Qual?

Democracia e cidadania

Distribuição dos jovens segundo indicação de vontade de participar em alguma organização social

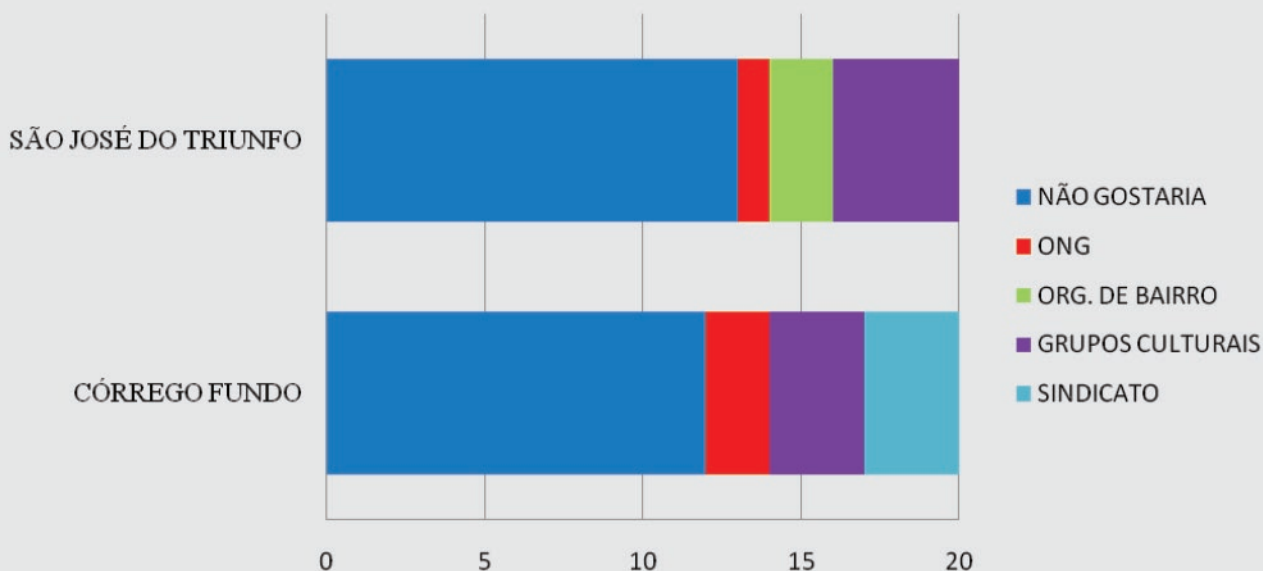


GRÁFICO 51

Pergunta: Você tem interesse em participar de alguma? Qual?

Opinião dos jovens a respeito da afirmação: "os jovens se preocupam com política"

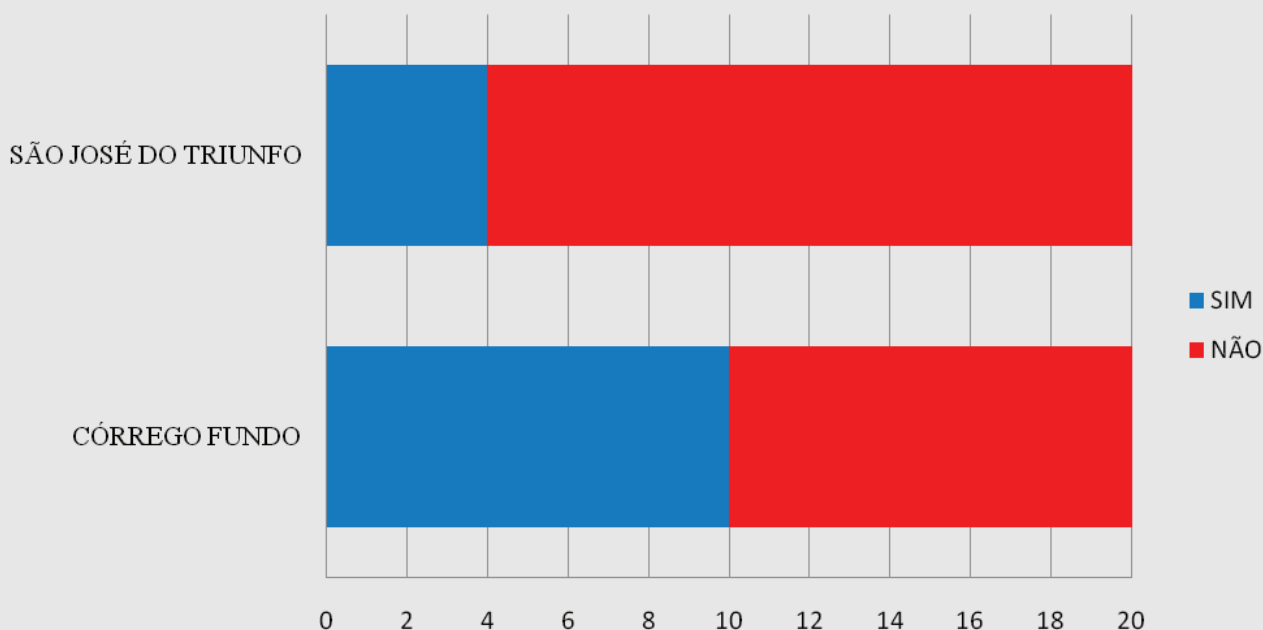


GRÁFICO 52

Pergunta: Você concorda com a afirmação "Os jovens se preocupam com política"? Por quê?

Valores éticos e percepções

Distribuição dos jovens segundo hábitos que geram conflitos - namorar

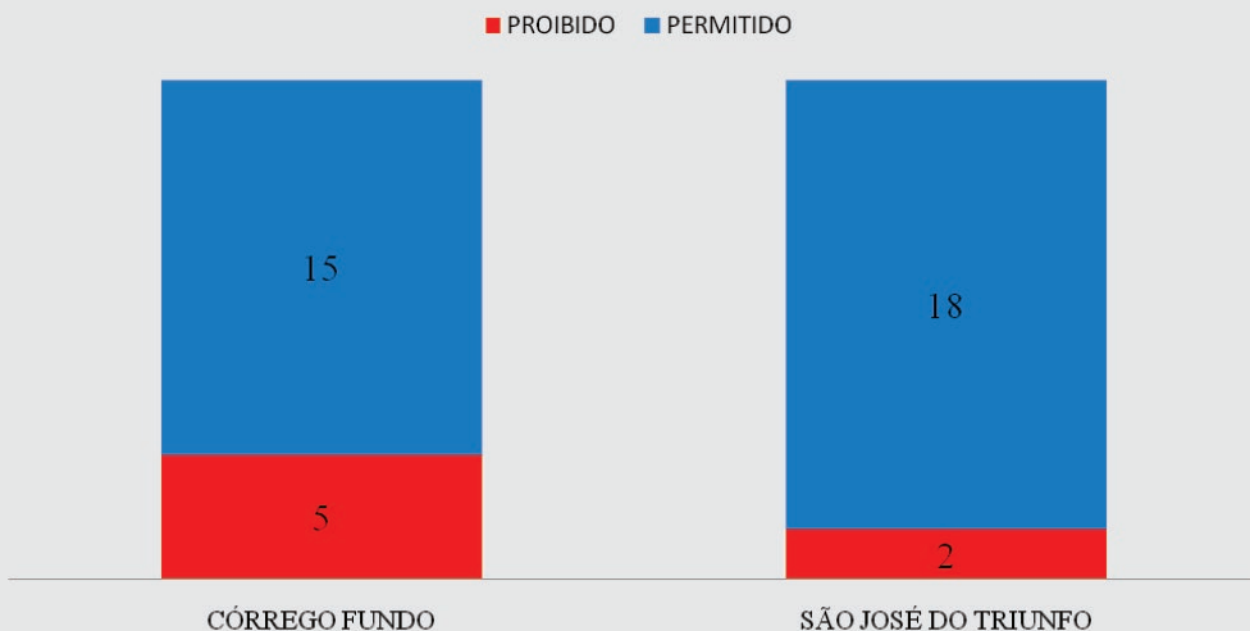


GRÁFICO 53

Pergunta: Que hábitos geram conflitos com seus pais / pessoas mais velhas? - Namorar

Distribuição dos jovens segundo hábitos que geram conflitos - fumar

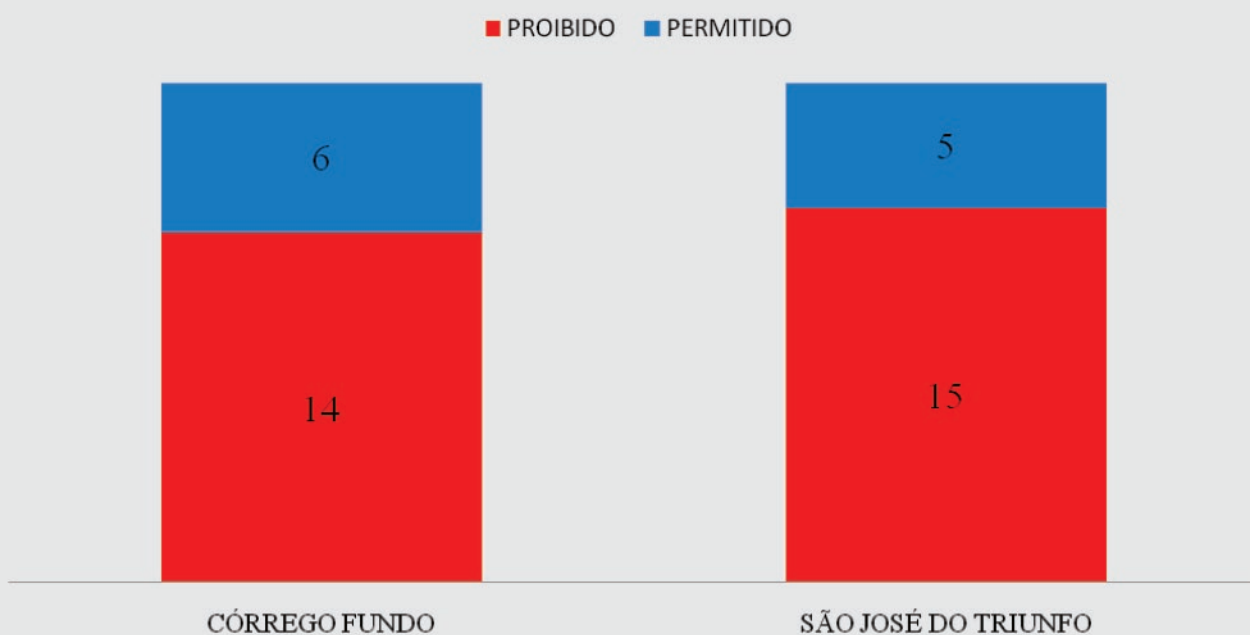


GRÁFICO 54

Pergunta: Que hábitos geram conflitos com seus pais / pessoas mais velhas? - Fumar

Valores éticos e percepções

Distribuição dos jovens segundo hábitos que geram conflitos - sair com amigos

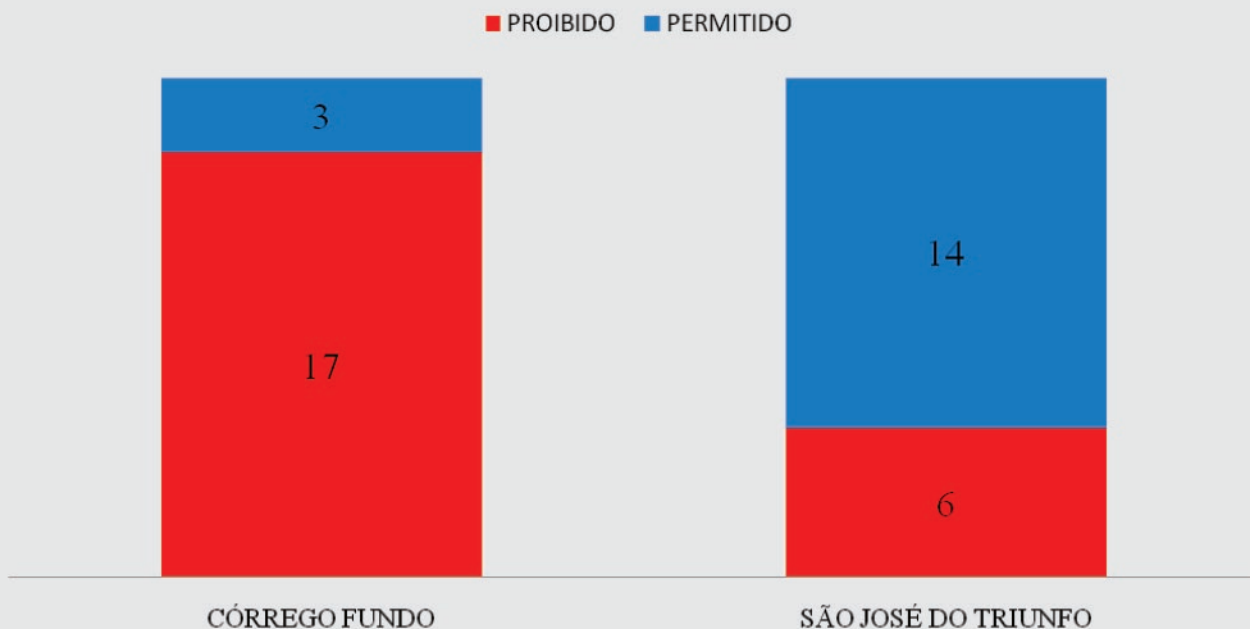


GRÁFICO 55

Pergunta: Que hábitos geram conflitos com seus pais / pessoas mais velhas? - Sair com amigos

Distribuição dos jovens segundo hábitos que geram conflitos - consumir bebida alcoólica

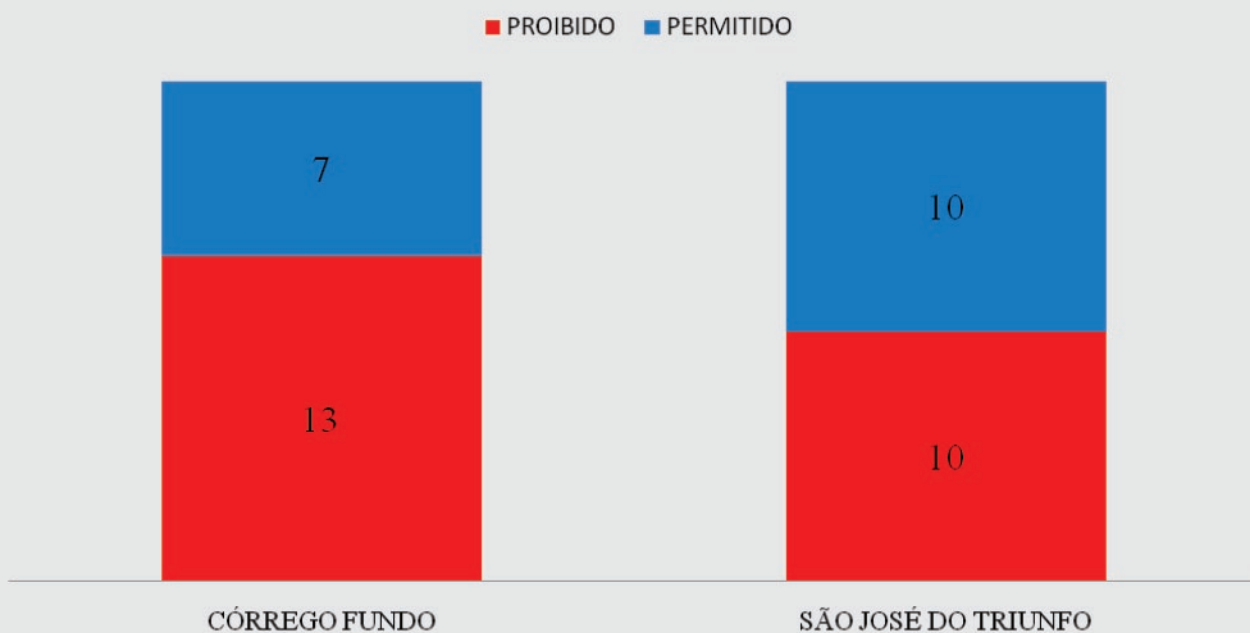


GRÁFICO 56

Pergunta: Que hábitos geram conflitos com seus pais / pessoas mais velhas? - Consumir bebida alcoólica

Valores éticos e percepções

Distribuição dos jovens segundo hábitos que geram conflitos - chegar tarde em casa

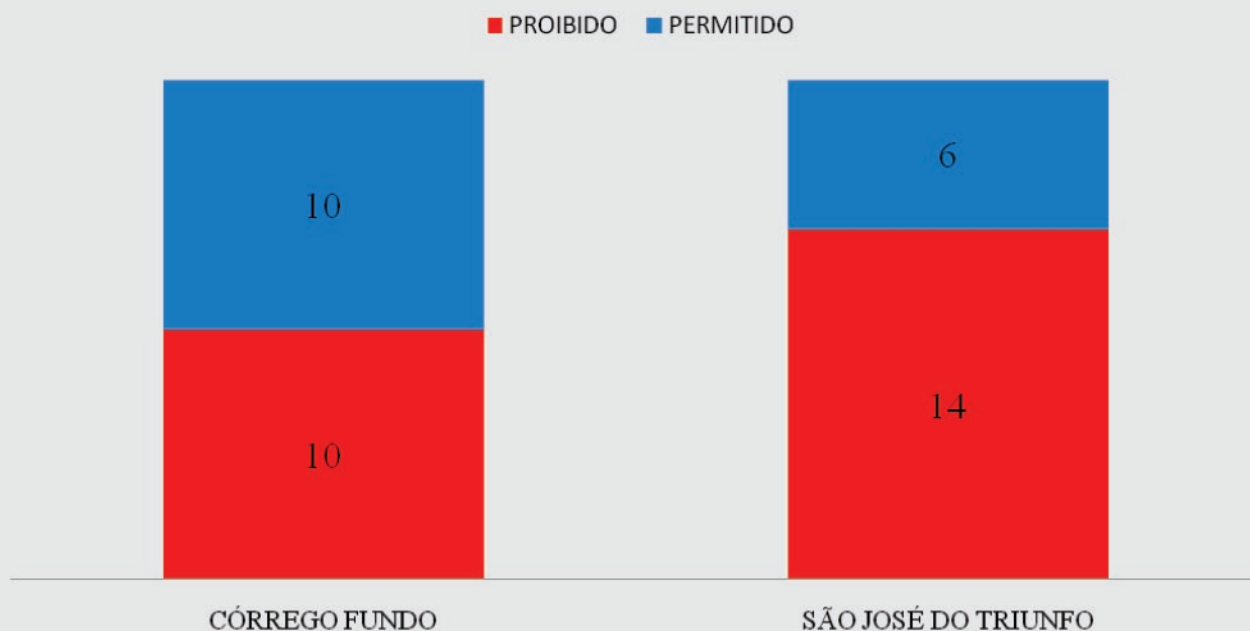


GRÁFICO 57

Pergunta: Que hábitos geram conflitos com seus pais / pessoas mais velhas? - Chegar tarde em casa

Distribuição dos jovens segundo hábitos que geram conflitos - dormir com namorado(a) em casa

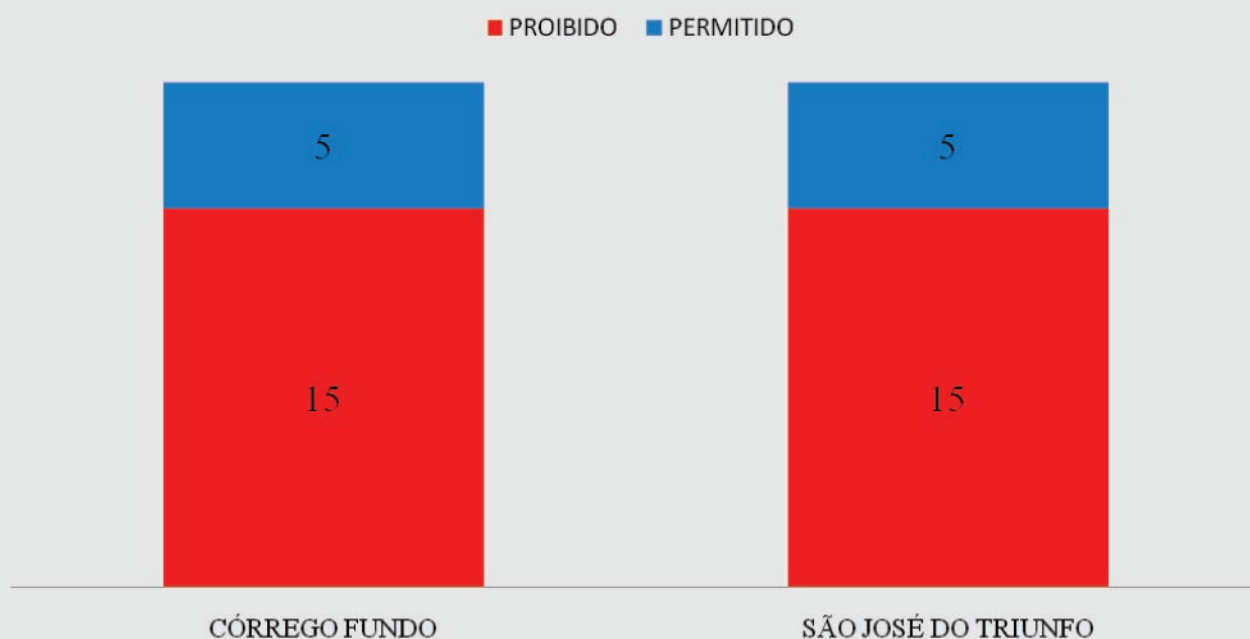


GRÁFICO 58

Pergunta: Que hábitos geram conflitos com seus pais / pessoas mais velhas? - Dormir com namorado(a) em casa

Valores éticos e percepções

Distribuição dos jovens segundo hábitos que geram conflitos - ficar muito tempo na TV ou no computador

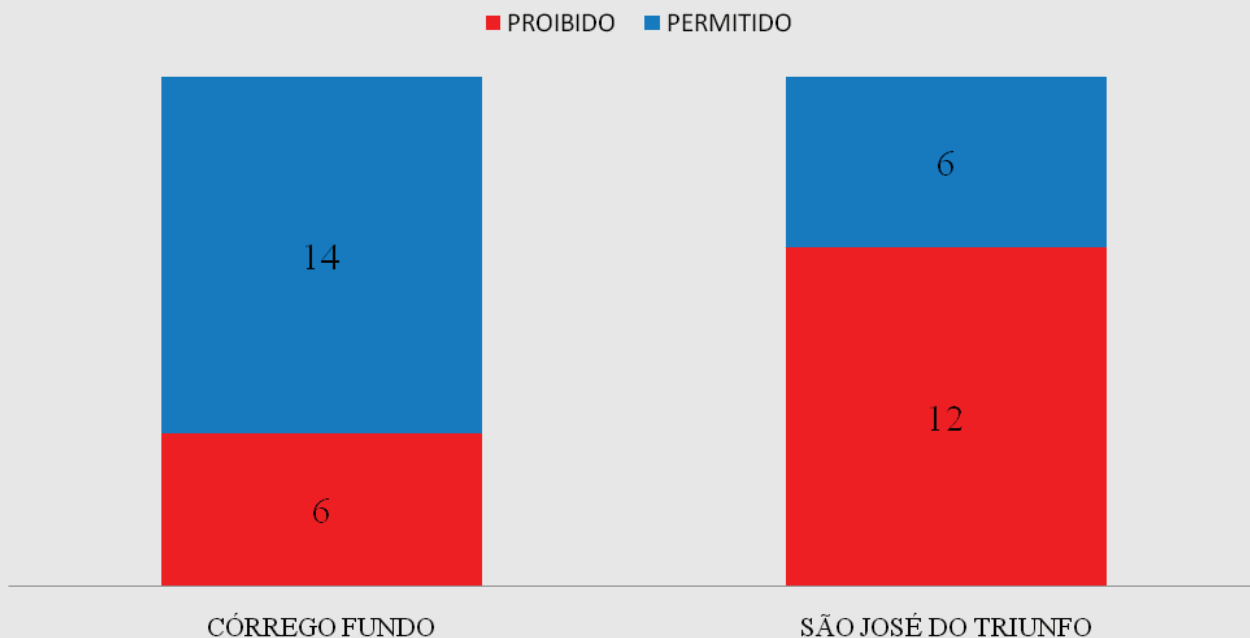


GRÁFICO 59

Pergunta: Que hábitos geram conflitos com seus pais / pessoas mais velhas? - Ficar muito tempo assistindo televisão ou no computador

Distribuição dos jovens segundo hábitos que geram conflitos - uso de drogas

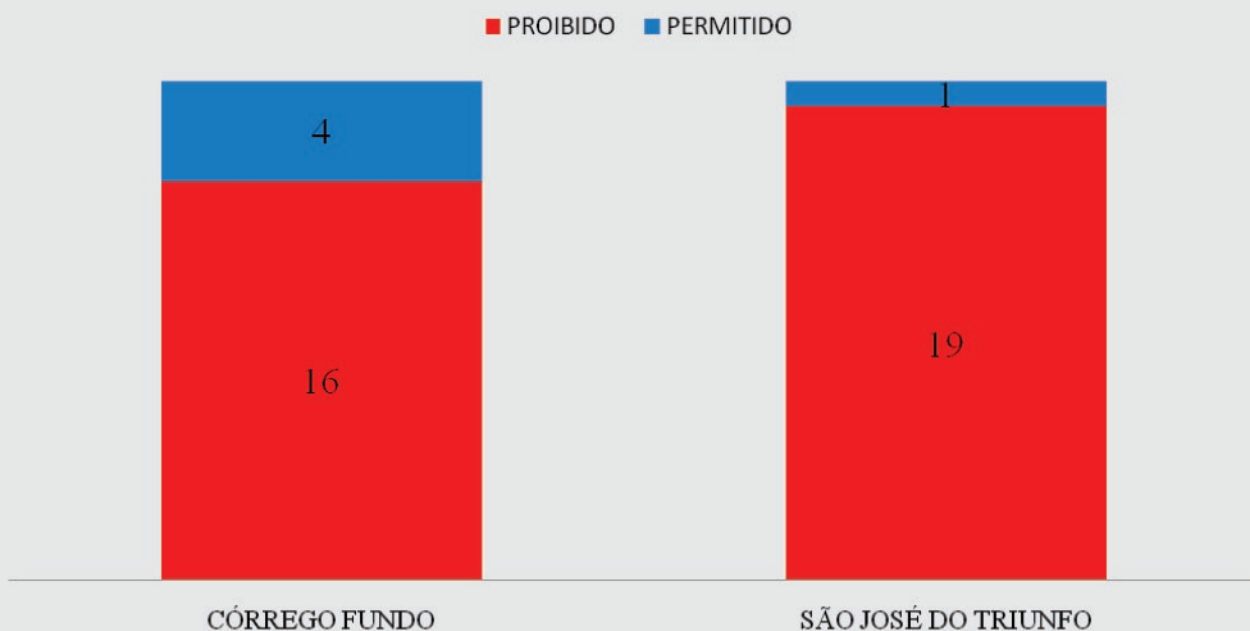


GRÁFICO 60

Pergunta: Que hábitos geram conflitos com seus pais / pessoas mais velhas? - Uso de drogas

Valores éticos e percepções

Distribuição dos jovens segundo hábitos que geram conflitos - falta de respeito

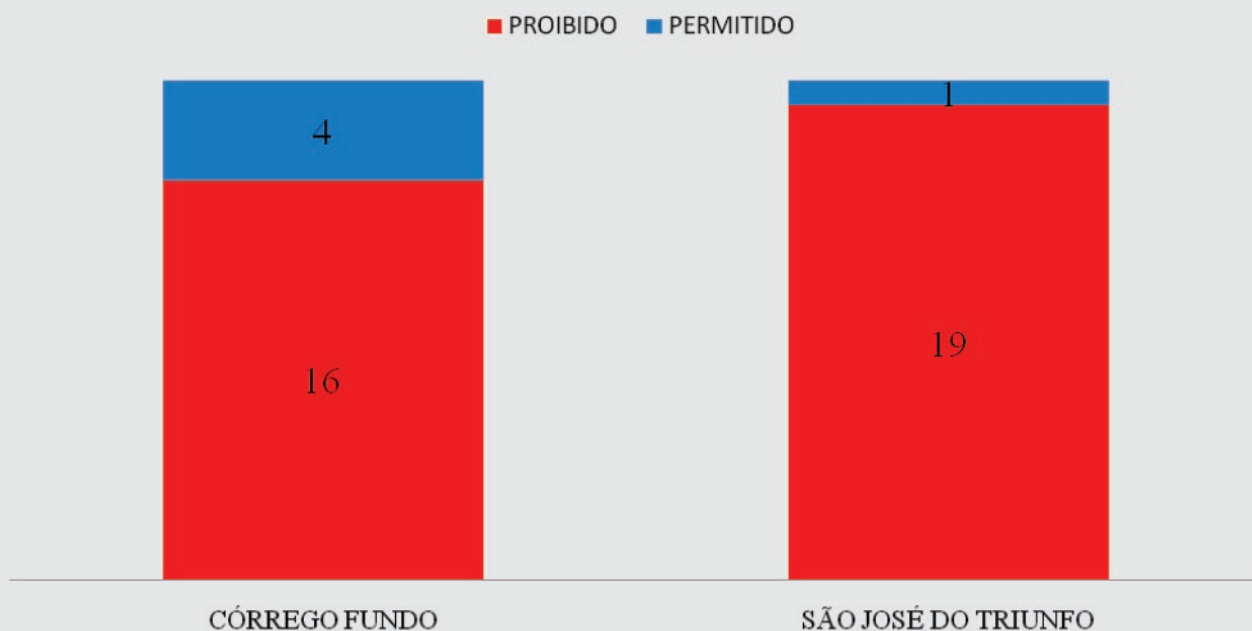


GRÁFICO 61

Pergunta: Que hábitos geram conflitos com seus pais / pessoas mais velhas? - Falta de respeito

Distribuição dos jovens segundo hábitos que geram conflitos - não trabalhar

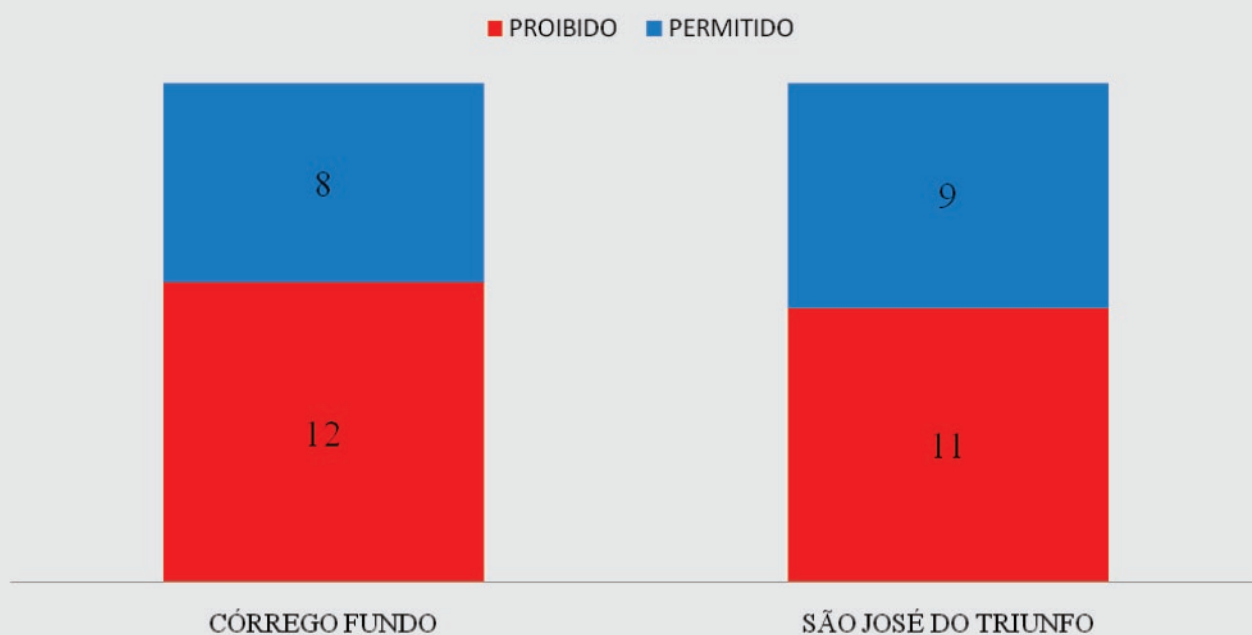


GRÁFICO 62

Pergunta: Que hábitos geram conflitos com seus pais / pessoas mais velhas? - Não trabalhar

Valores éticos e percepções

Distribuição dos jovens segundo hábitos que geram conflitos - querer se sair da comunidade

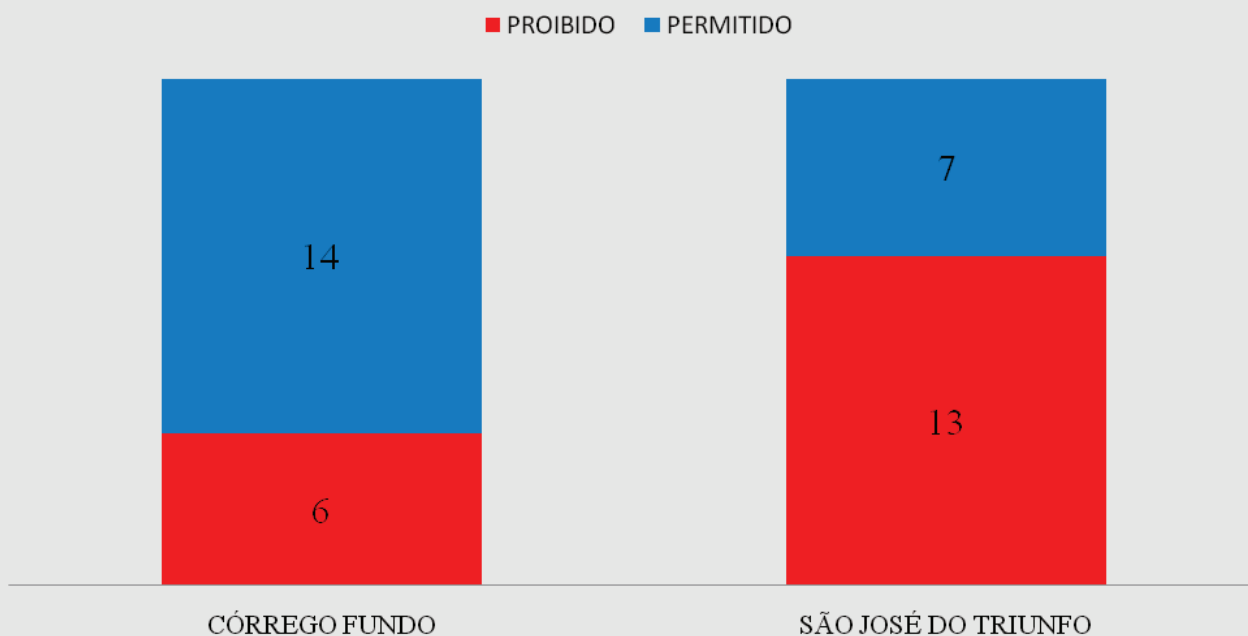


GRÁFICO 63

Pergunta: Que hábitos geram conflitos com seus pais / pessoas mais velhas? - Querer ir embora da comunidade

Percepção dos jovens a respeito do nível de preconceito na comunidade - Pessoas com AIDS

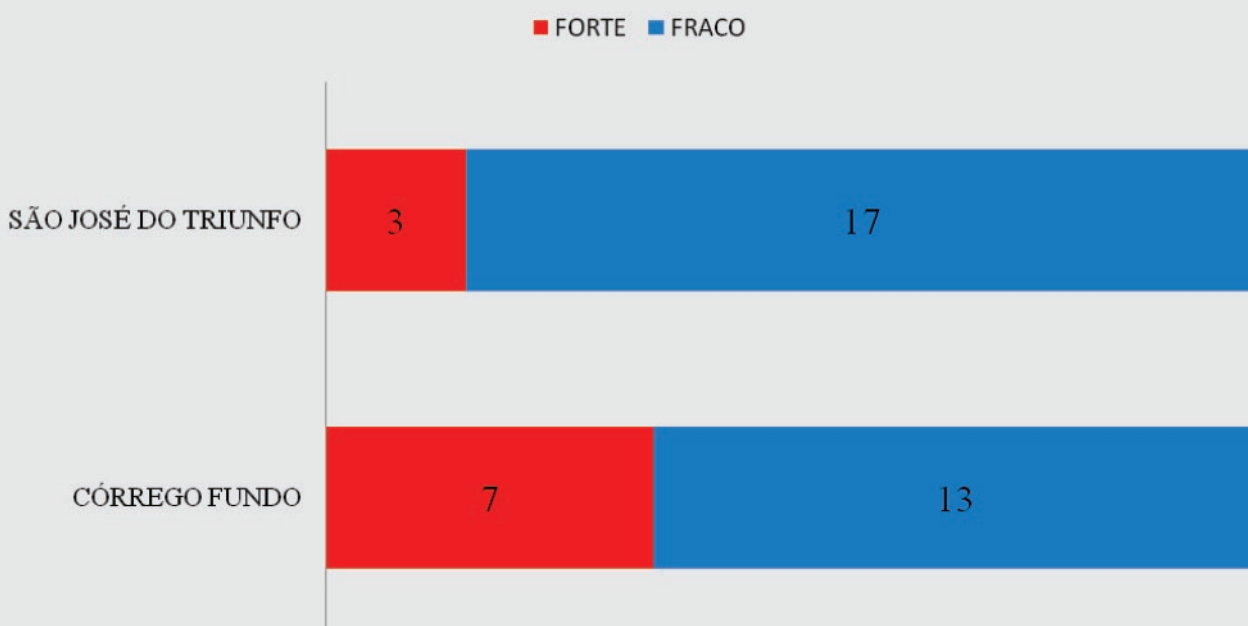


GRÁFICO 64

Pergunta: Que preconceitos você sente que são mais fortes na comunidade? - Pessoas com AIDS

Valores éticos e percepções

Percepção dos jovens a respeito do nível de preconceito na comunidade - Homossexuais

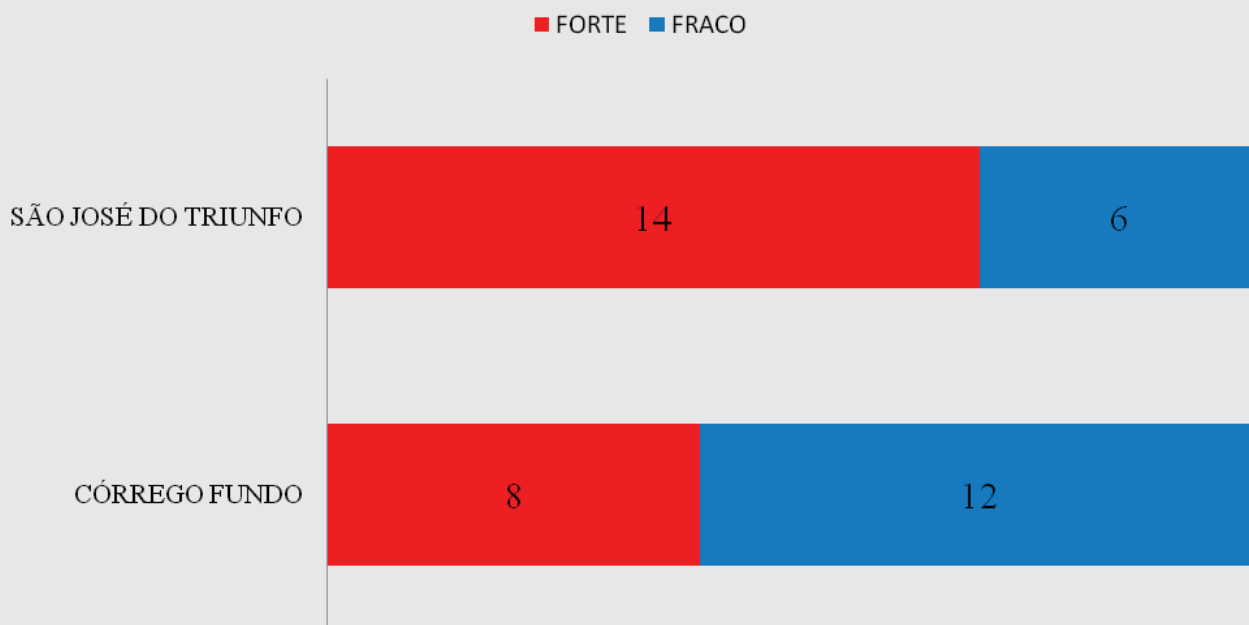


GRÁFICO 65

Pergunta: Que preconceitos você sente que são mais fortes na comunidade? - Homossexuais

Percepção dos jovens a respeito do nível de preconceito na comunidade - Viciados em drogas

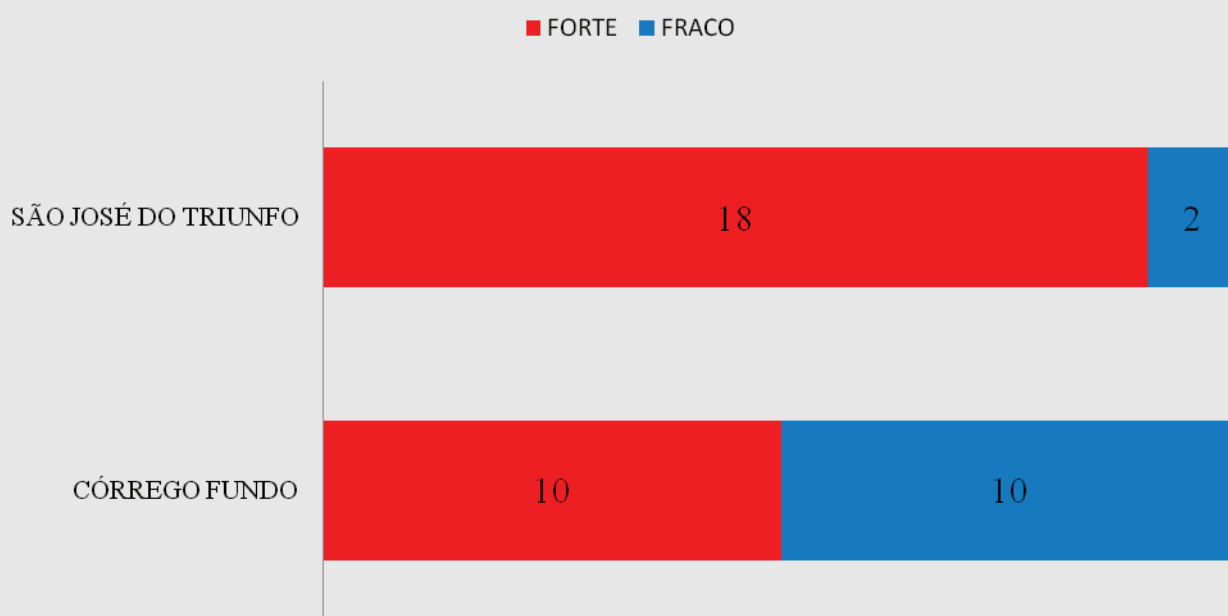


GRÁFICO 66

Pergunta: Que preconceitos você sente que são mais fortes na comunidade? - Viciados em Drogas

Valores éticos e percepções

Percepção dos jovens a respeito do nível de preconceito na comunidade - Alcoólatras

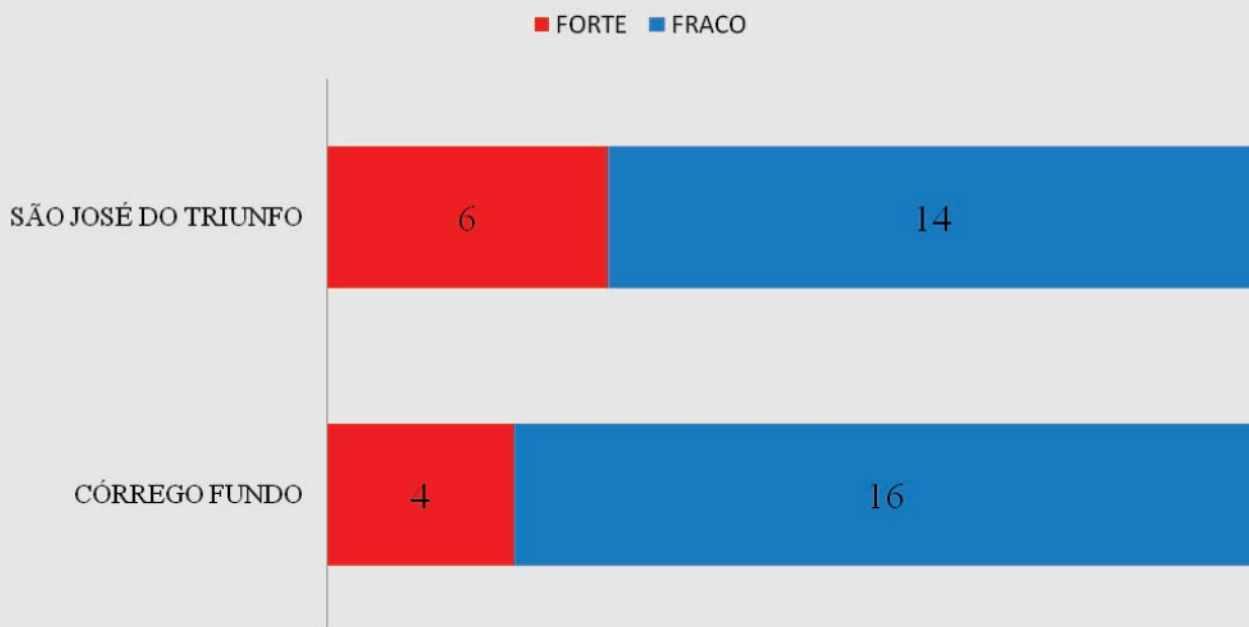


GRÁFICO 67

Pergunta: Que preconceitos você sente que são mais fortes na comunidade? - Alcoólatras

Percepção dos jovens a respeito do nível de preconceito na comunidade - Desempregados

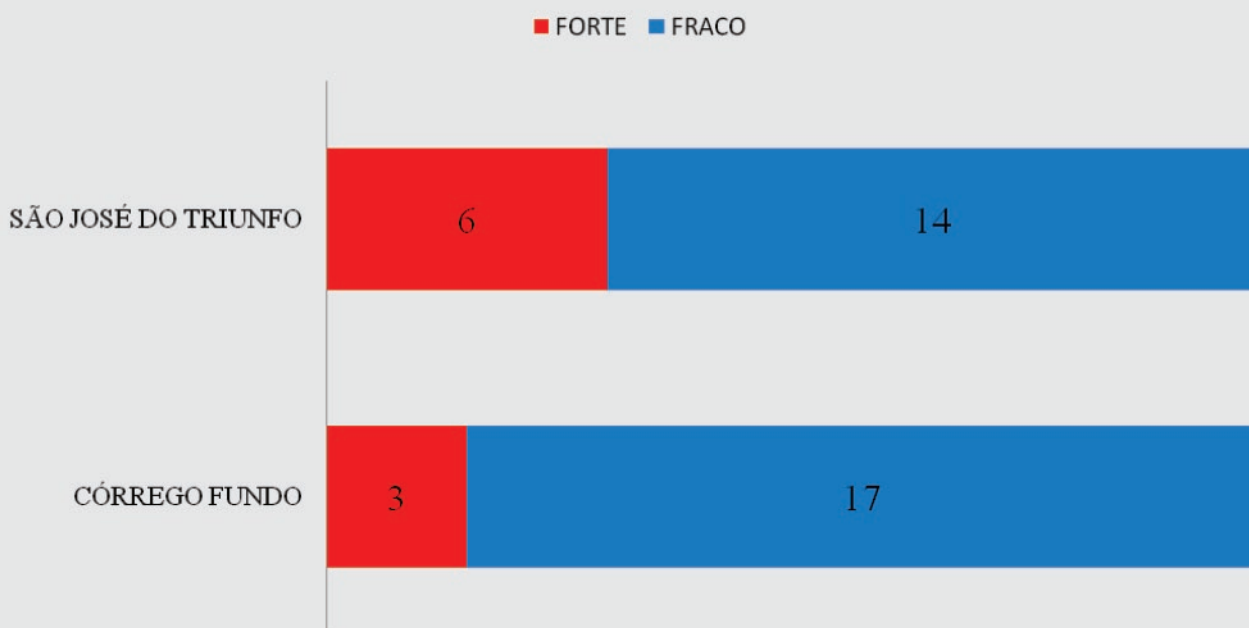


GRÁFICO 68

Pergunta: Que preconceitos você sente que são mais fortes na comunidade? - Desempregados

Valores éticos e percepções

Percepção dos jovens a respeito do nível de preconceito na comunidade - Pessoas "de fora"

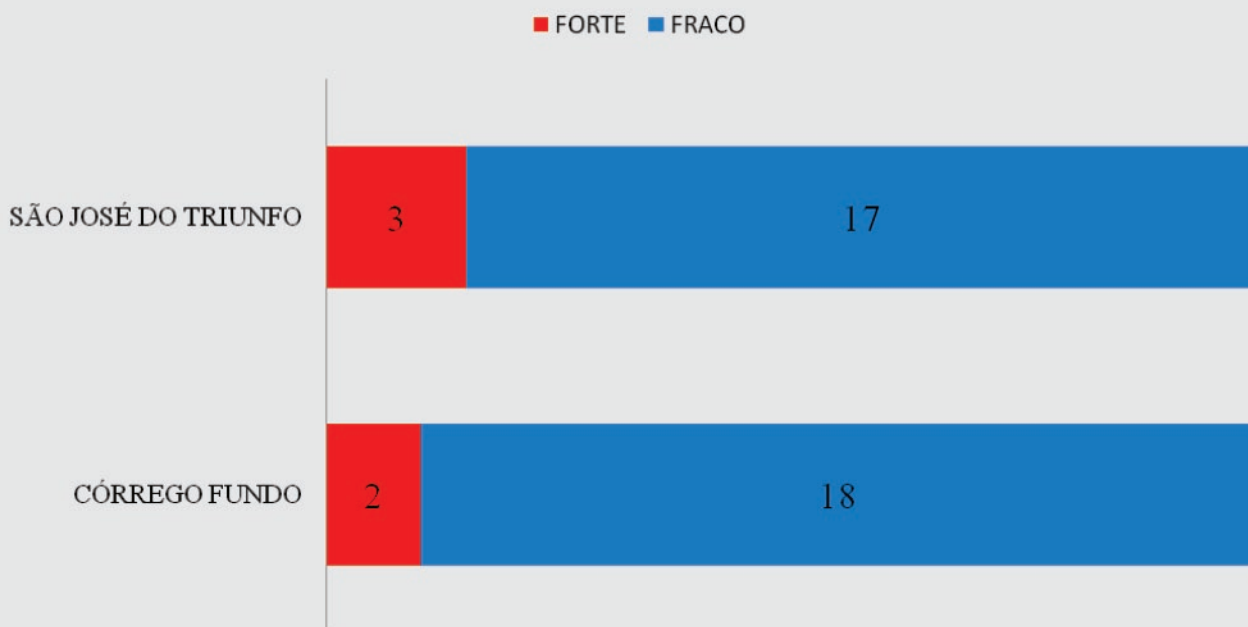


GRÁFICO 69

Pergunta: Que preconceitos você sente que são mais fortes na comunidade? - Pessoas "de fora"

Percepção dos jovens a respeito do nível de preconceito na comunidade - Outras etnias

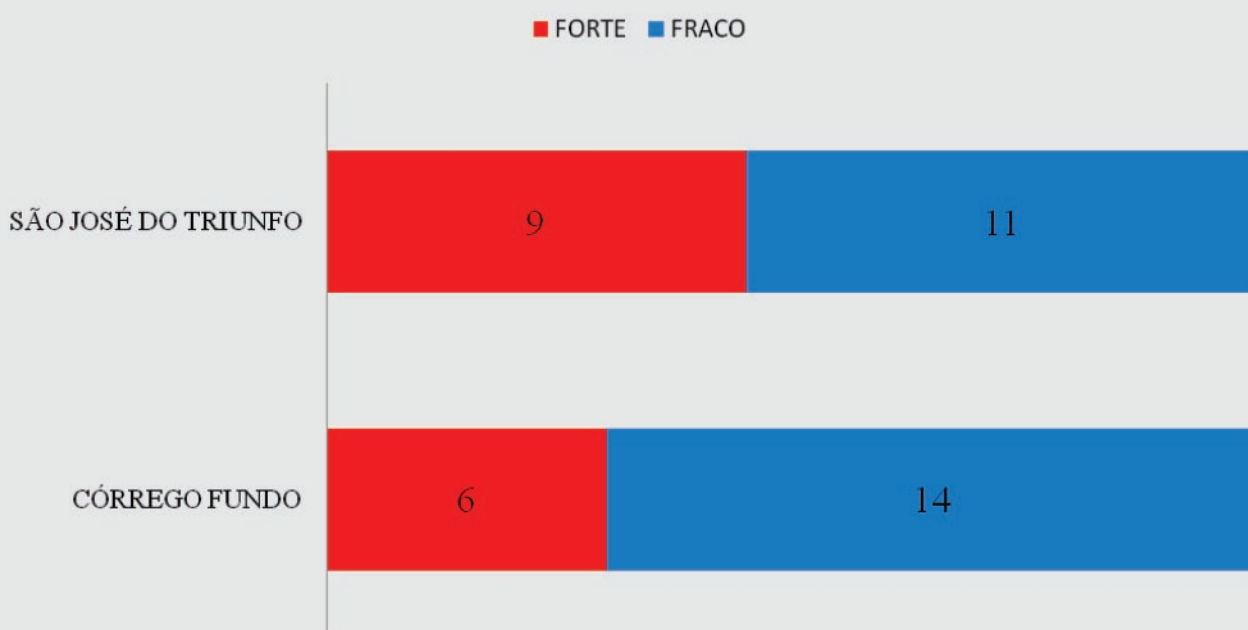


GRÁFICO 70

Pergunta: Que preconceitos você sente que são mais fortes na comunidade? - Outros grupos étnicos

Valores éticos e percepções

Percepção dos jovens a respeito do nível de preconceito na comunidade - Outras religiões

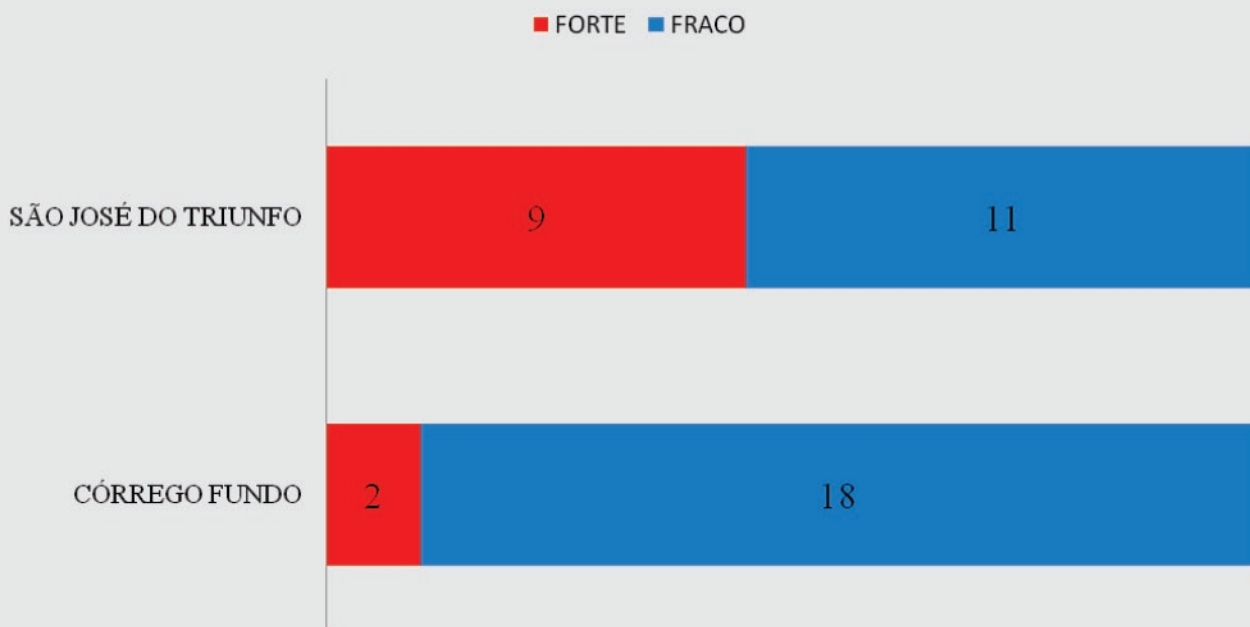


GRÁFICO 71

Pergunta: Que preconceitos você sente que são mais fortes na comunidade? - Preconceito religioso

Indicação dos jovens de São José do Triunfo a respeito da idade de transição da infância para a juventude

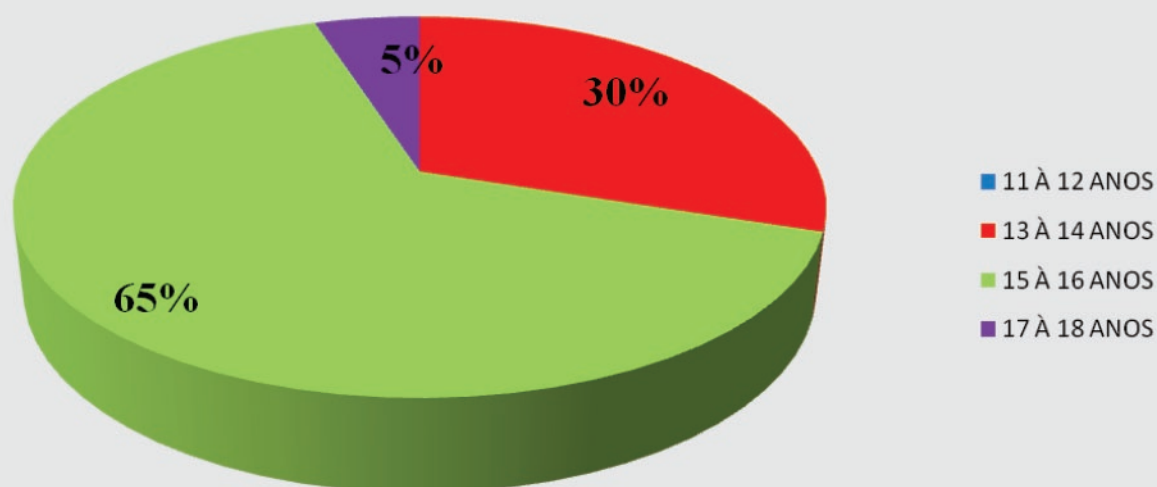


GRÁFICO 72

Pergunta: Em sua opinião, em que idade a pessoa deixa de ser criança e passa a ser jovem?

Valores éticos e percepções

Indicação dos jovens de Córrego Fundo a respeito da idade de transição da infância para a juventude

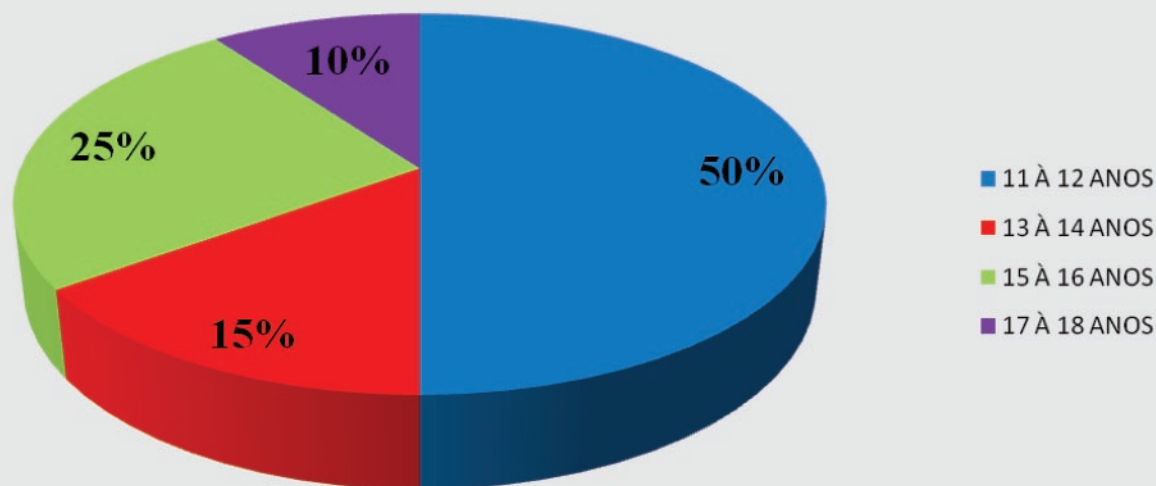


GRÁFICO 73

Pergunta: Em sua opinião, em que idade a pessoa deixa de ser criança e passa a ser jovem?

Indicação dos jovens de São José do Triunfo a respeito do fato que caracteriza a transição da juventude para vida adulta

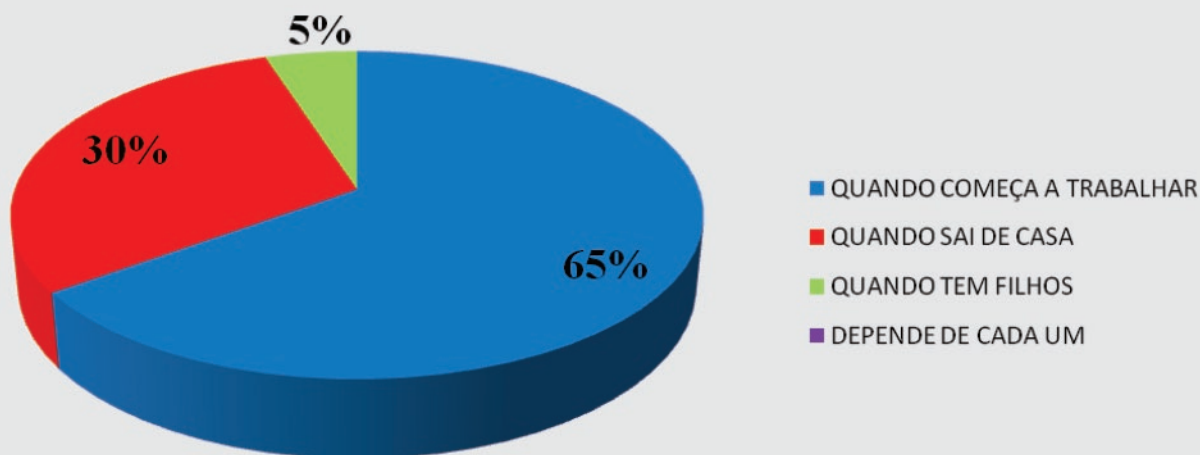


GRÁFICO 74

Pergunta: Em sua opinião, que fato da vida marca a transição para a vida adulta?

Valores éticos e percepções

Indicação dos jovens de Córrego Fundo a respeito do fato que caracteriza a transição da juventude para vida adulta

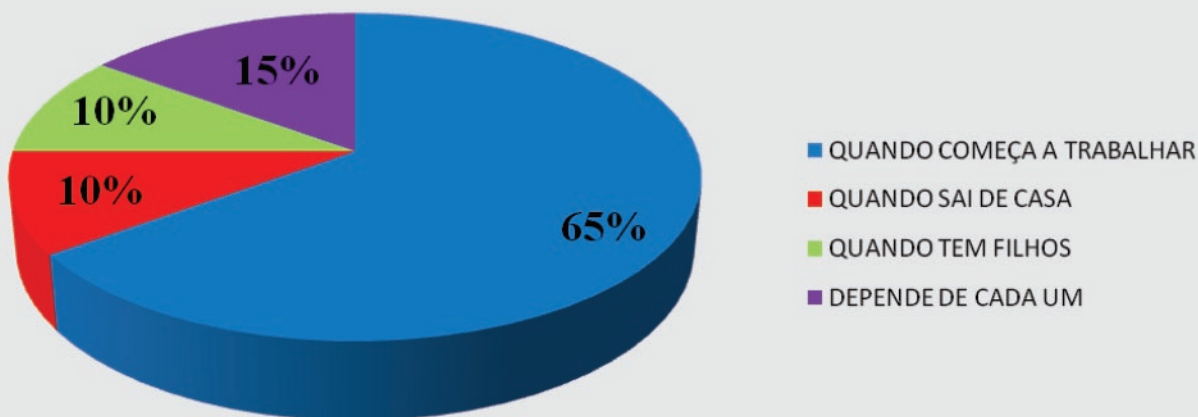


GRÁFICO 75

Pergunta: Em sua opinião, que fato da vida marca a transição para a vida adulta?

Distribuição dos jovens segundo percepção das características juvenis comuns em São José do Triunfo

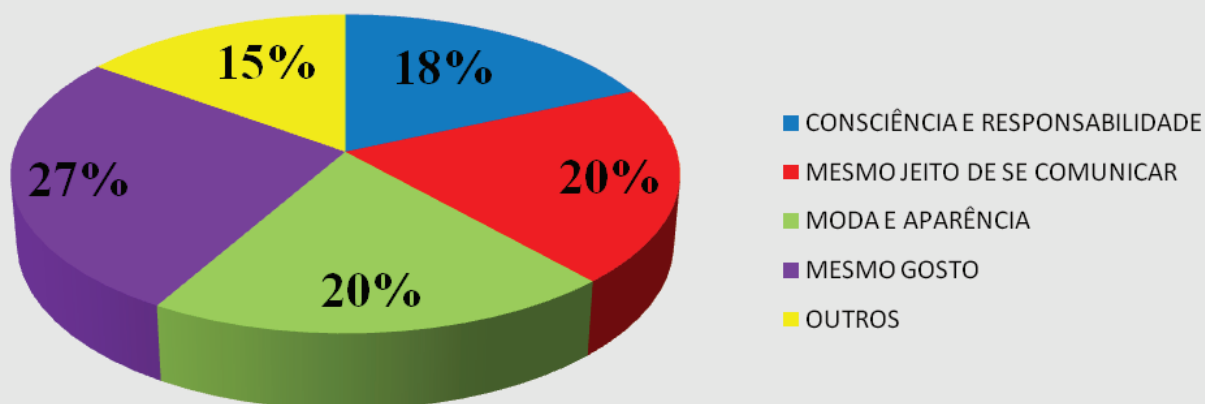


GRÁFICO 76*

Pergunta: Que características você acha mais marcante em pessoas da mesma idade que a sua?

Valores éticos e percepções

Distribuição dos jovens segundo percepção das características juvenis comuns em Córrego Fundo

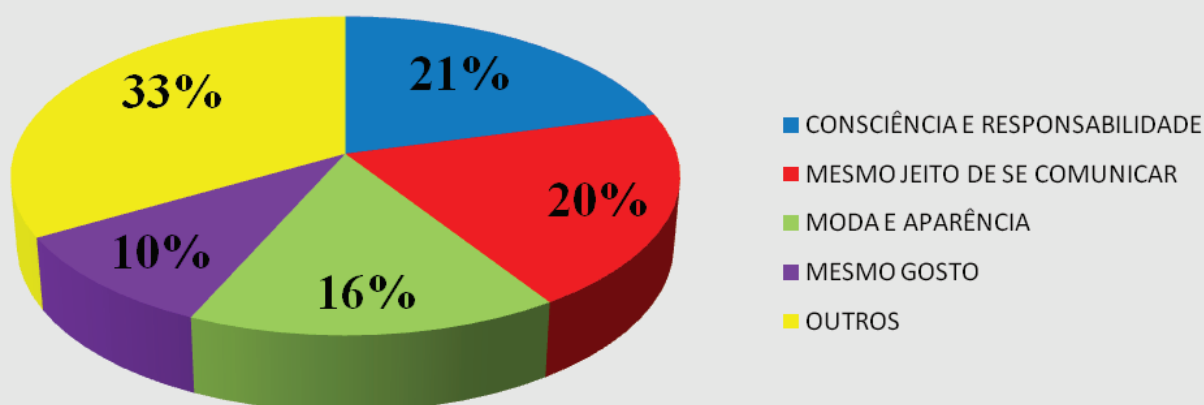


GRÁFICO 77*

Pergunta: Que características você acha mais marcante em pessoas da mesma idade que a sua?

Distribuição dos jovens segundo possibilidade de estudar dos jovens de hoje, comparada à geração dos seus pais

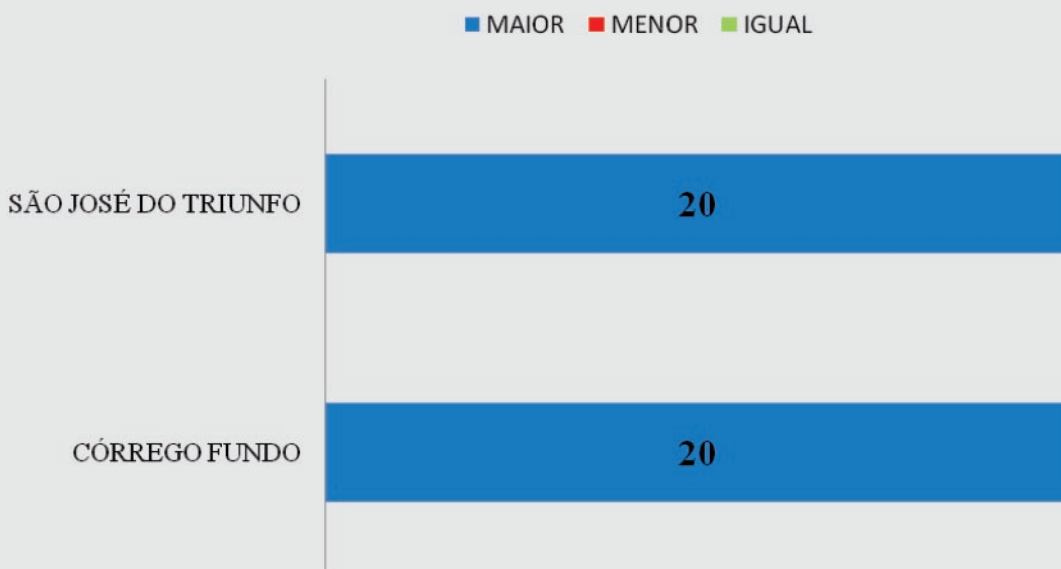


GRÁFICO 78

Pergunta: Comparando sua geração com a do seus pais, você acredita que a possibilidade de estudar está maior, menor ou igual?

Valores éticos e percepções

Distribuição dos jovens segundo possibilidade de trabalhar dos jovens de hoje, comparada à geração dos seus pais

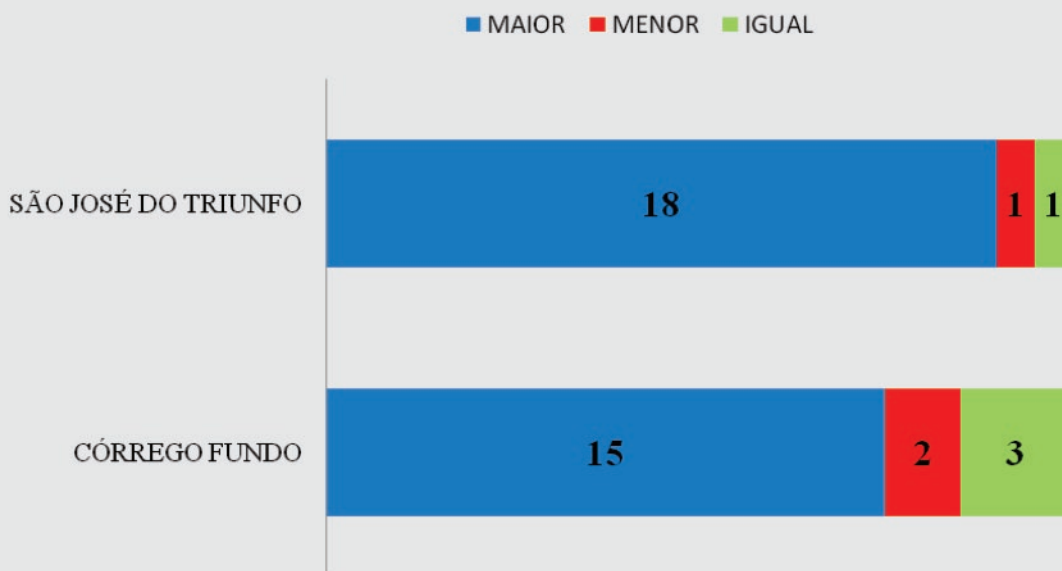


GRÁFICO 79

Pergunta: Comparando sua geração com a do seus pais, você acredita que a possibilidade de trabalhar está maior, menor ou igual?

Distribuição dos jovens segundo possibilidade de diversão dos jovens de hoje, comparada à geração dos seus pais

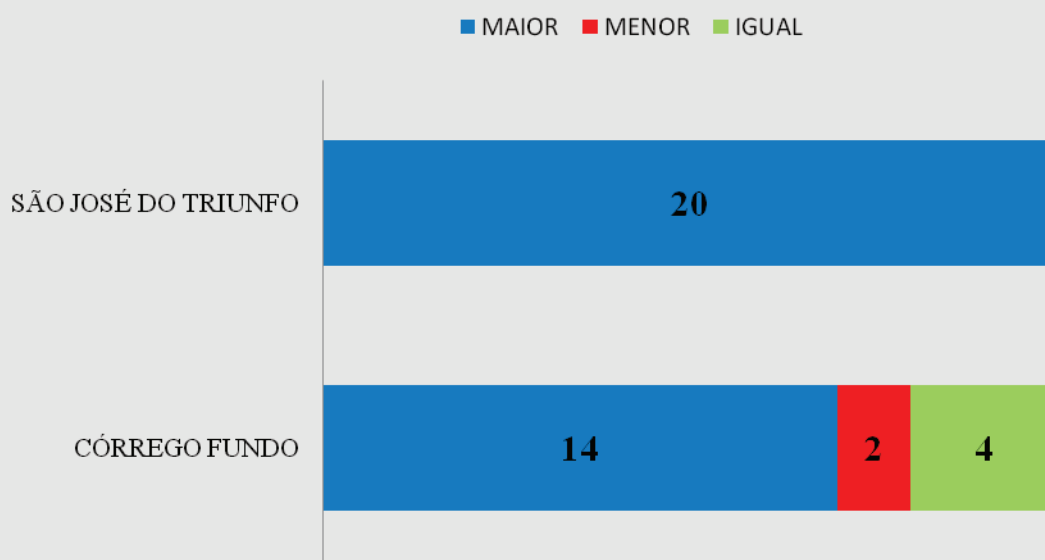


GRÁFICO 80

Pergunta: Comparando sua geração com a do seus pais, você acredita que a possibilidade de se divertir está maior, menor ou igual?

Valores éticos e percepções

Distribuição dos jovens segundo percepção de segurança dos jovens de hoje, comparada à geração dos seus pais

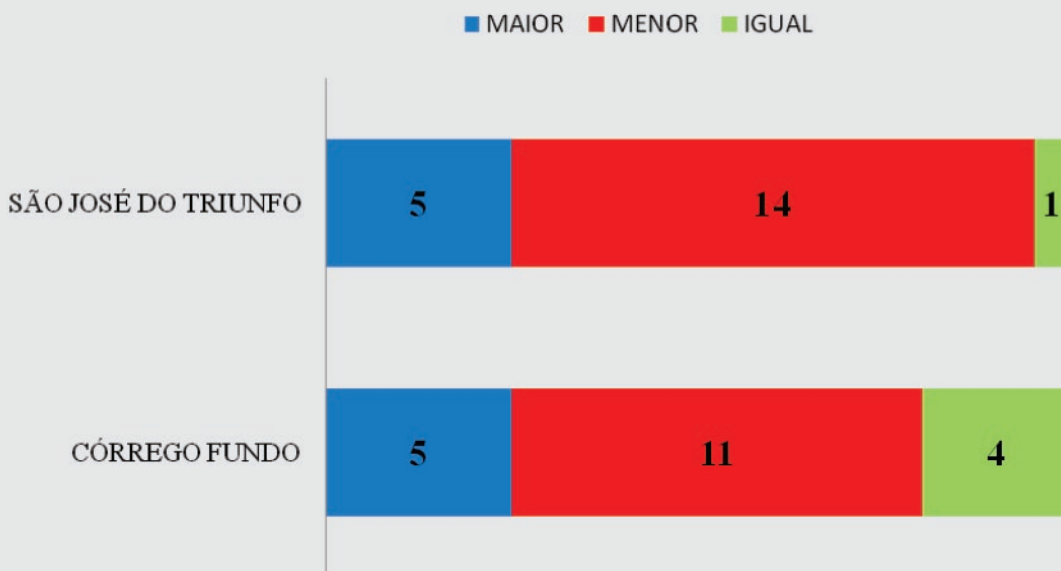


GRÁFICO 81

Pergunta: Comparando sua geração com a do seus pais, você acredita que a segurança está maior, menor ou igual?

Distribuição dos jovens segundo participação política dos jovens de hoje, comparada à geração dos seus pais

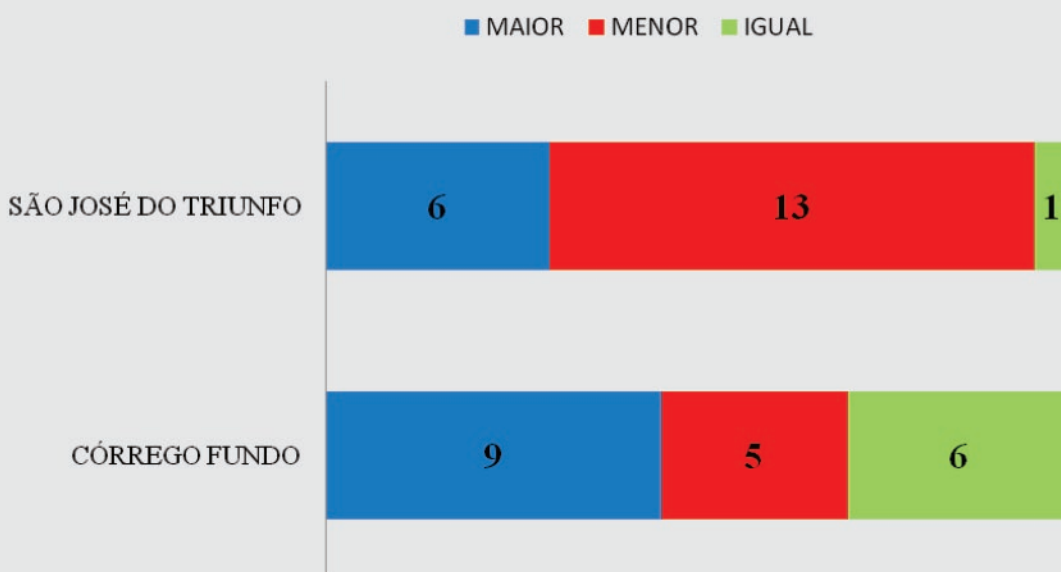


GRÁFICO 82

Pergunta: Comparando sua geração com a do seus pais, você acredita que a participação política está maior, menor ou igual?

Valores éticos e percepções

Distribuição dos jovens segundo liberdade sexual dos jovens de hoje, comparada à geração dos seus pais

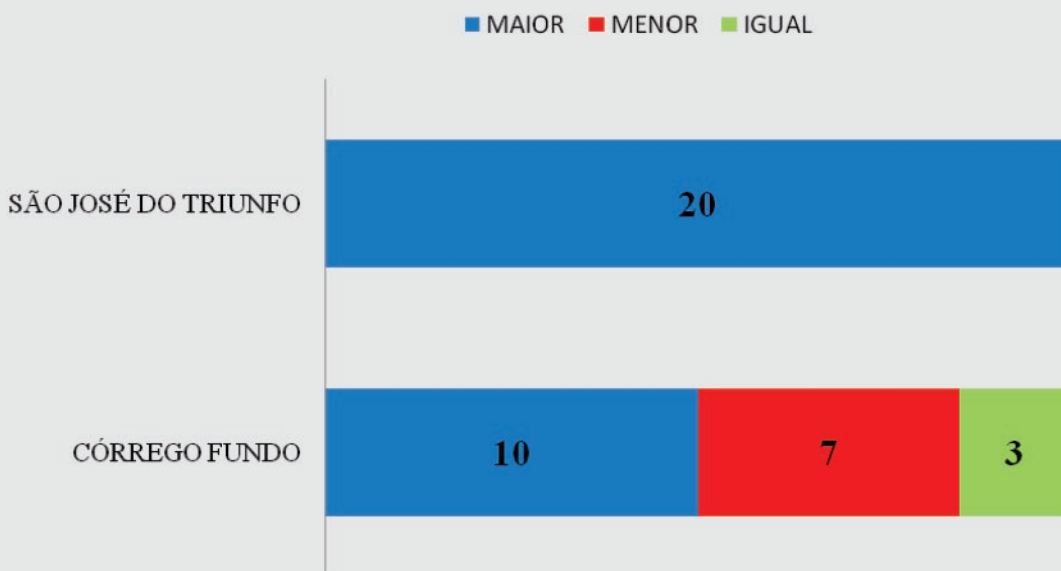


GRÁFICO 83

Pergunta: Comparando sua geração com a do seus pais, você acredita que a liberdade sexual está maior, menor ou igual?

Distribuição dos jovens segundo felicidade dos jovens de hoje, comparada à geração dos seus pais

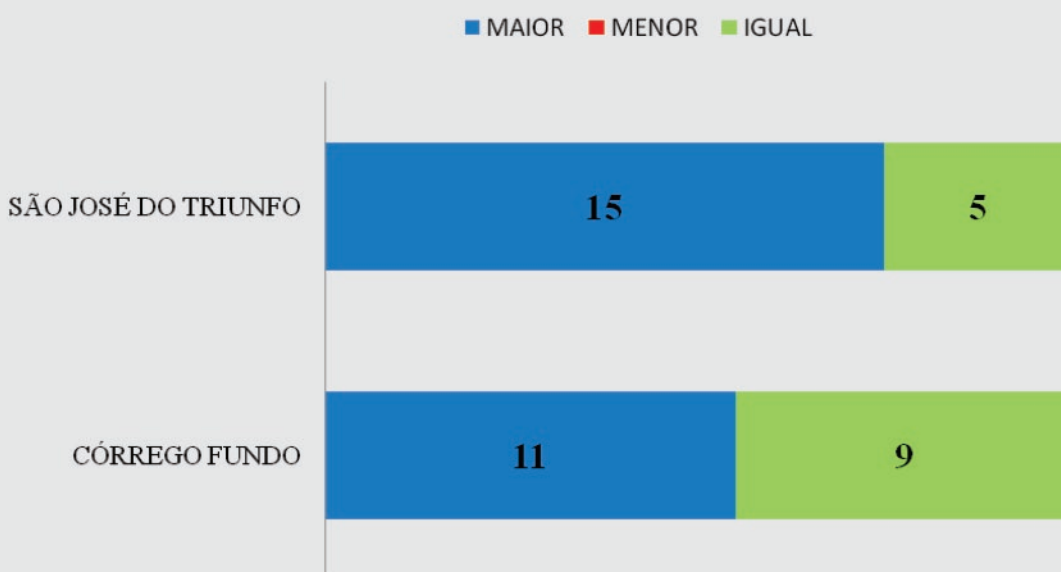


GRÁFICO 84

Pergunta: Comparando sua geração com a do seus pais, você acredita que a sua geração é mais, menos ou igualmente feliz?

Valores éticos e percepções

Distribuição dos jovens segundo estabilidade financeira dos jovens de hoje, comparada à geração dos seus pais

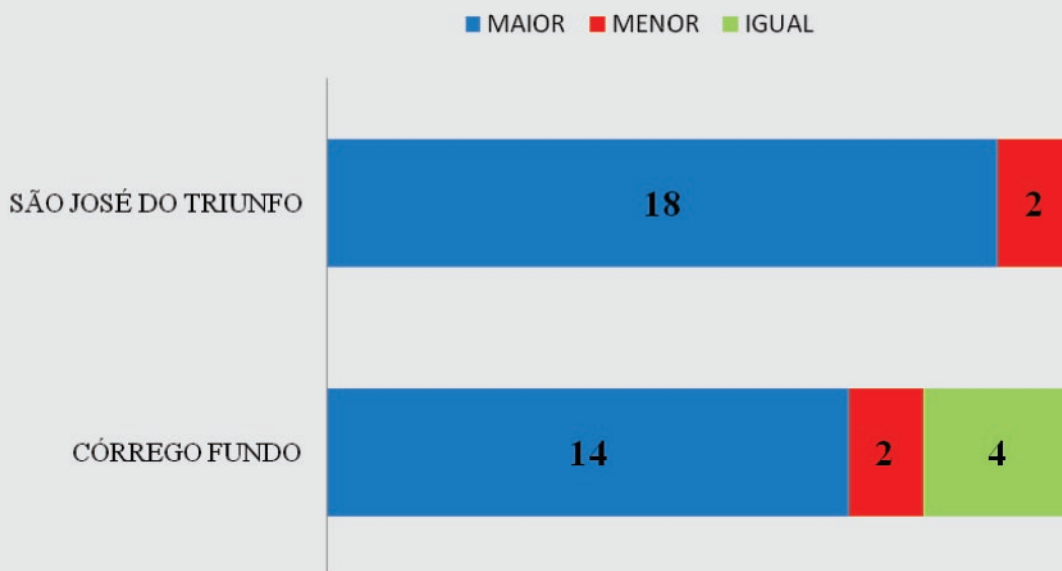


GRÁFICO 85

Pergunta: Comparando sua geração com a do seus pais, você acredita que a estabilidade financeira está maior, menor ou igual?

Indicador do comportamento sexual dos jovens nos últimos 12 meses

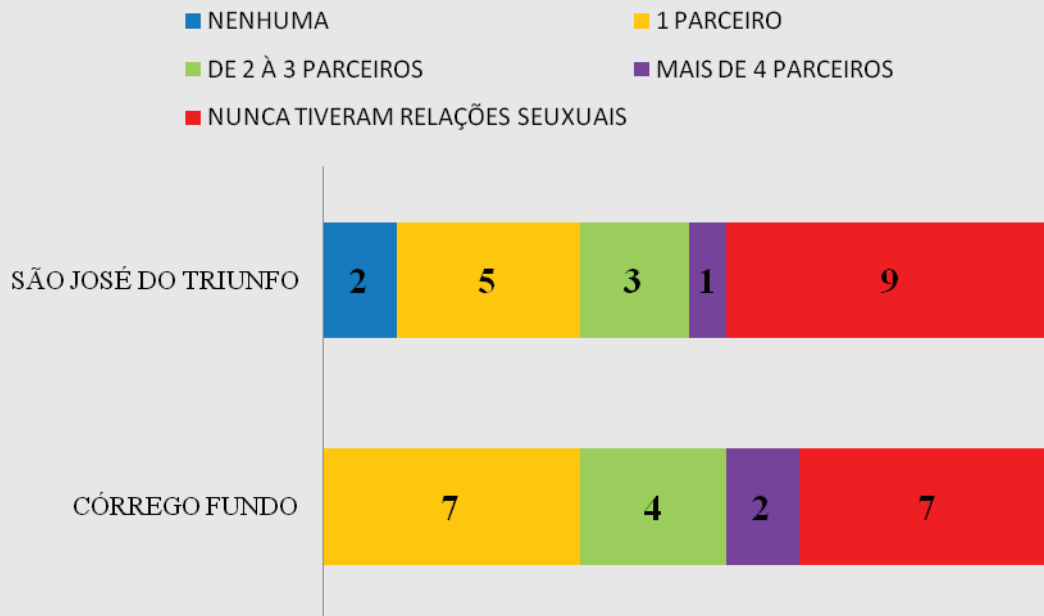


GRÁFICO 86

Pergunta: Você já teve relações sexuais? Pensando nos últimos 12 meses, aproximadamente quantos parceiros sexuais você teve?

Indicação dos jovens sexualmente ativos sobre a idade em que tiveram a primeira relação sexual

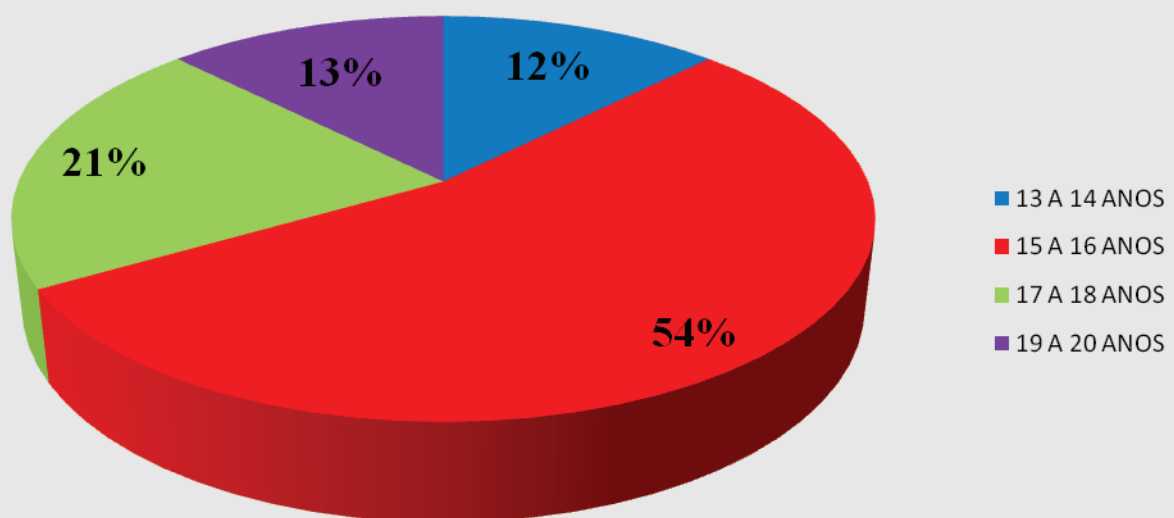


GRÁFICO 87

Pergunta: Com que idade teve sua primeira relação sexual?

Jovens e sexualidade

Distribuição dos jovens sexualmente ativos segundo histórico de gravidez

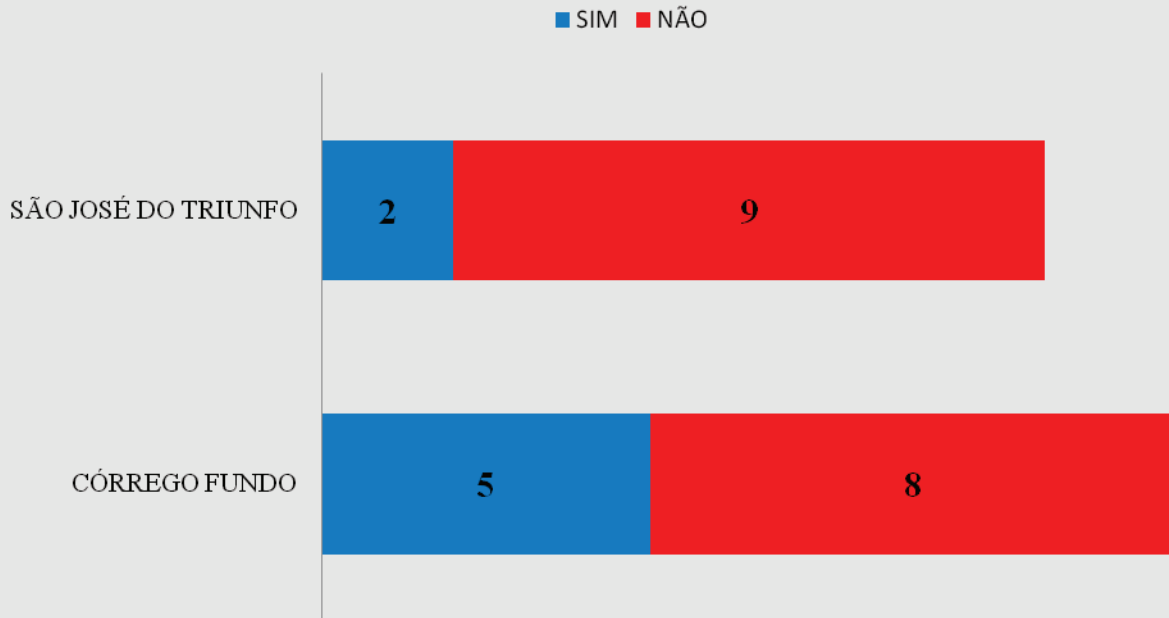


GRÁFICO 88

Pergunta: Alguma vez na vida você já ficou grávida / engravidou alguém?

Distribuição dos jovens segundo método contraceptivo utilizado

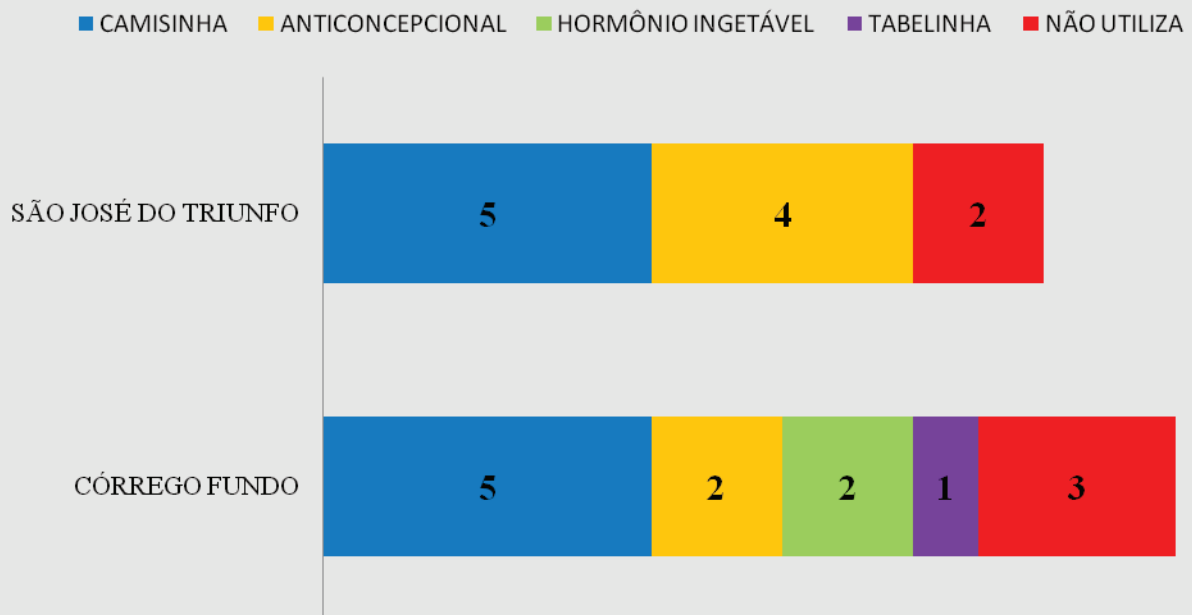


GRÁFICO 89

Pergunta: Você utiliza algum método contraceptivo? Qual?

Distribuição das atividades que os jovens de São José do Triunfo mais gostam de fazer em casa

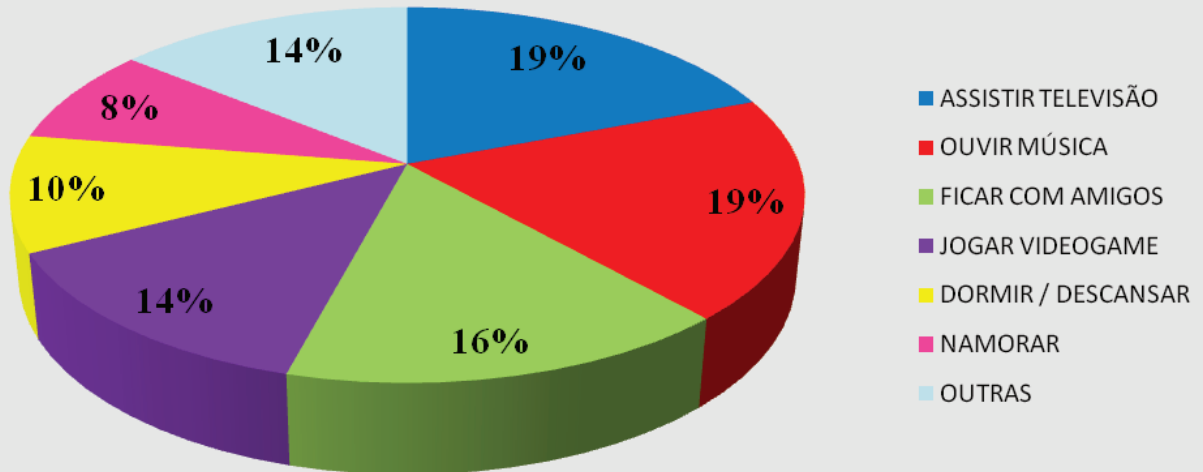


GRÁFICO 90*

Pergunta: No seu tempo livre, o que mais gosta de fazer quando está em casa?

Distribuição das atividades que os jovens de Córrego Fundo mais gostam de fazer em casa

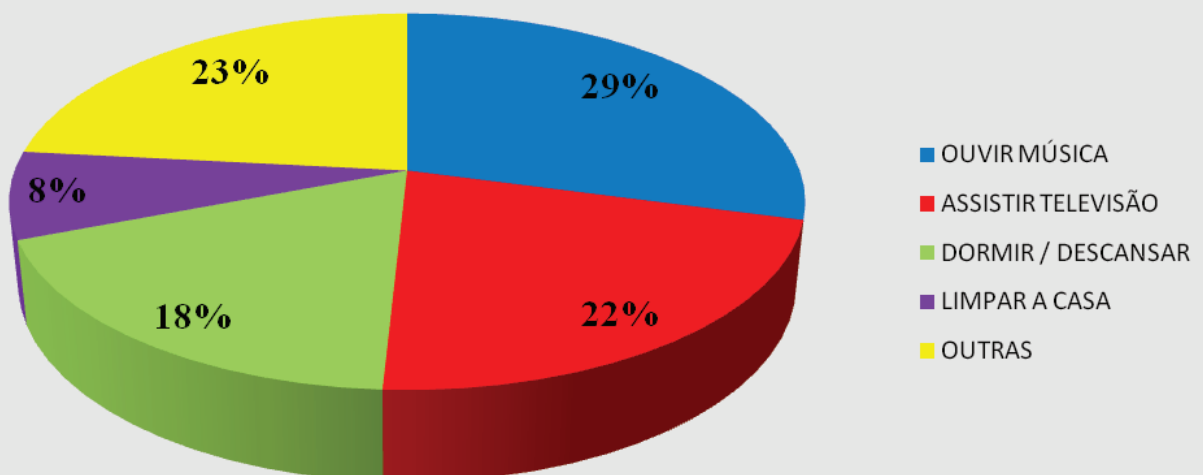


GRÁFICO 91*

Pergunta: No seu tempo livre, o que mais gosta de fazer quando está em casa?

Lazer e cultura

Distribuição das atividades que os jovens de São José do Triunfo mais gostam de fazer fora de casa

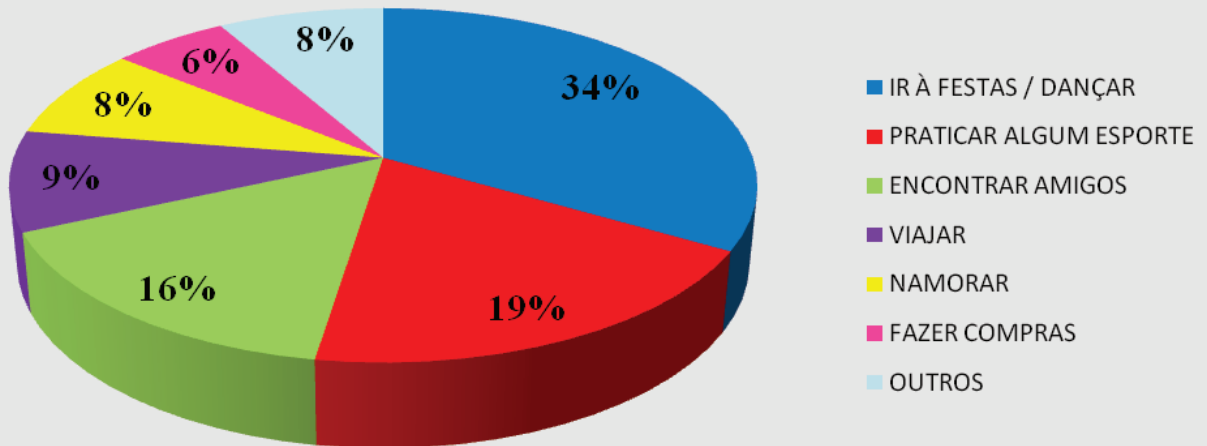


GRÁFICO 92*

Pergunta: E fora de casa, para se divertir, que atividades você prefere?

Distribuição das atividades que os jovens de Córrego Fundo mais gostam de fazer fora de casa

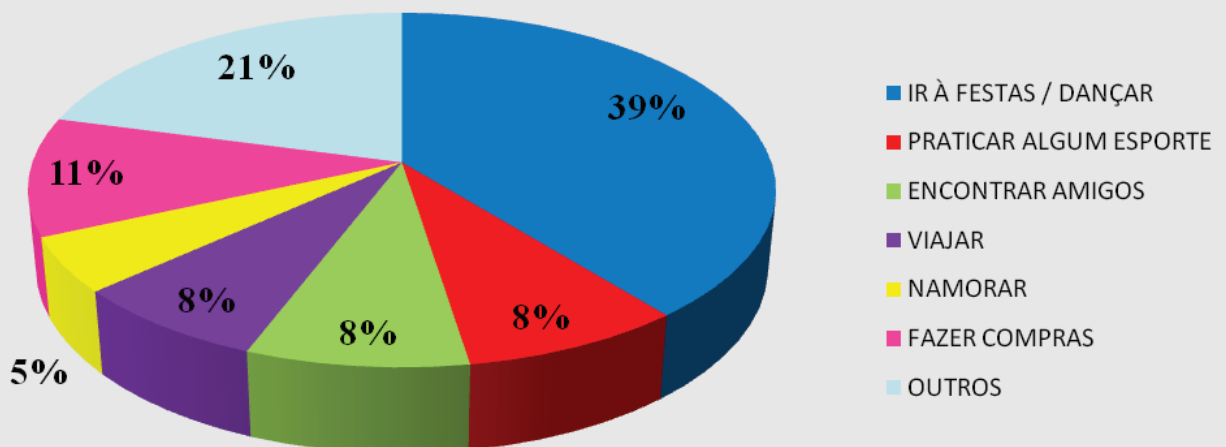


GRÁFICO 93*

Pergunta: E fora de casa, para se divertir, que atividades você prefere?

Lazer e cultura

Distribuição dos jovens segundo local que costumam se reunir com amigos

■ RUA ■ ESCOLA ■ CASA DE ALGUÉM ■ IGREJA ■ BAR

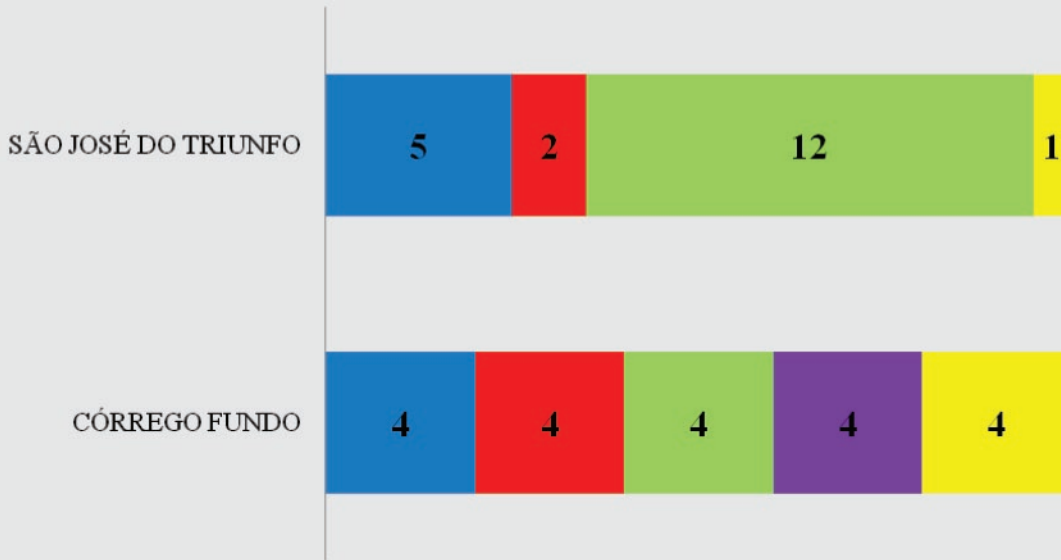


GRÁFICO 94

Pergunta: Em que local você costuma se reunir com seus amigos?

Distribuição dos jovens segundo gênero musical preferido

■ SERTANEJO ■ FORRÓ ■ FUNK ■ OUTROS

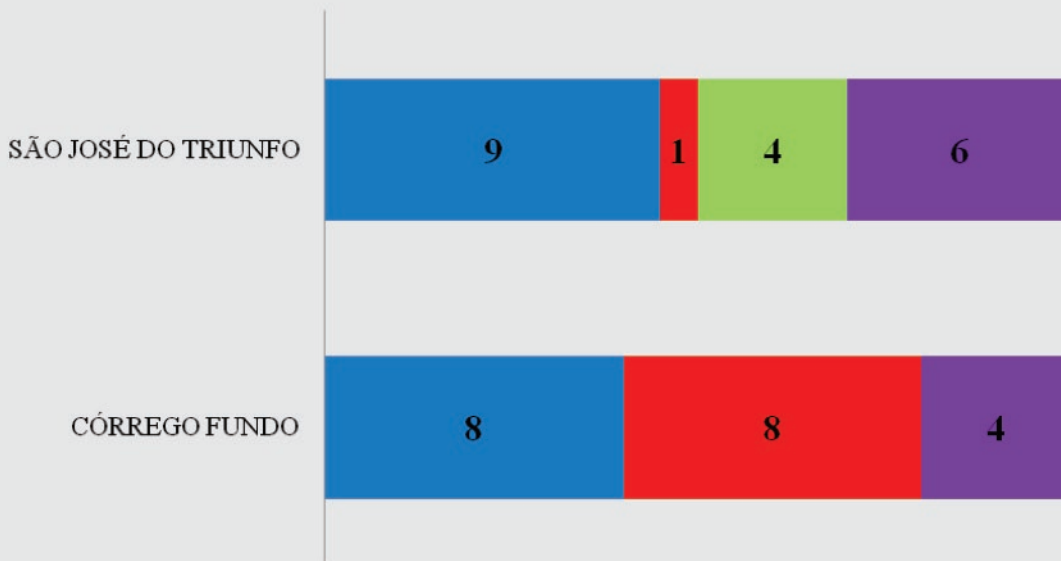


GRÁFICO 95

Pergunta: Qual seu gênero musical favorito?

OUTRAS: Pagode (2); Eletrônica (2); Rock (2); Hip Hop (1); Romântica (1); “Internacionais”(1); Pop (1)

Lazer e cultura

Distribuição dos jovens segundo frequência com que assistem televisão

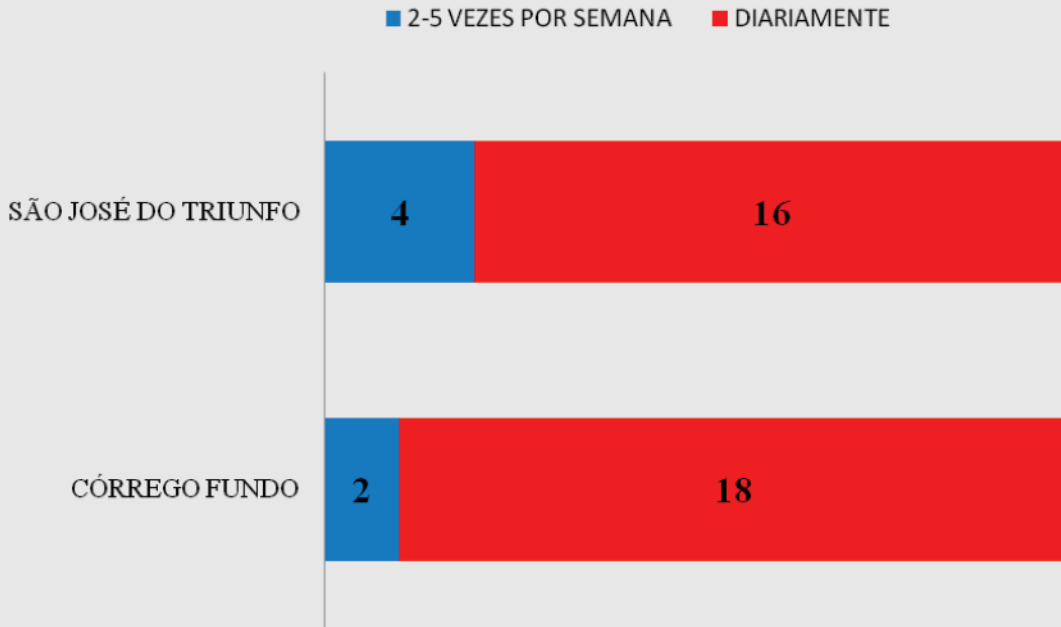


GRÁFICO 96

Pergunta: Com que frequência você assiste televisão?

Indicação dos programas de televisão preferidos pelos jovens em São José do Triunfo

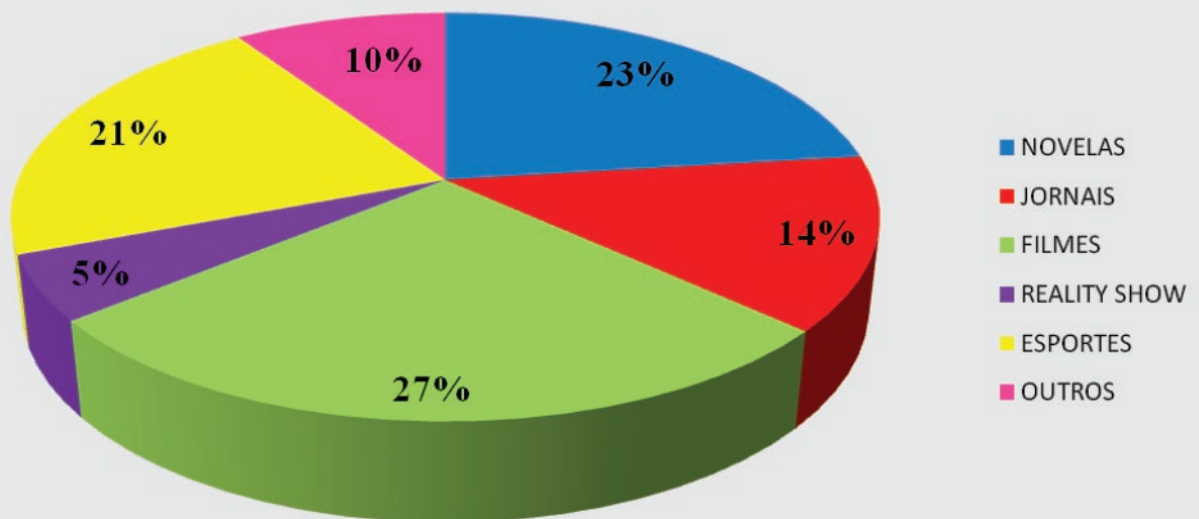


GRÁFICO 97*

Pergunta: E que programas você mais assiste?

OUTROS: Programas de entrevista; Desenhos animados; Programas de Humor e Programas Educativos

Lazer e cultura

Indicação dos programas de televisão preferidos pelos jovens em Córrego Fundo

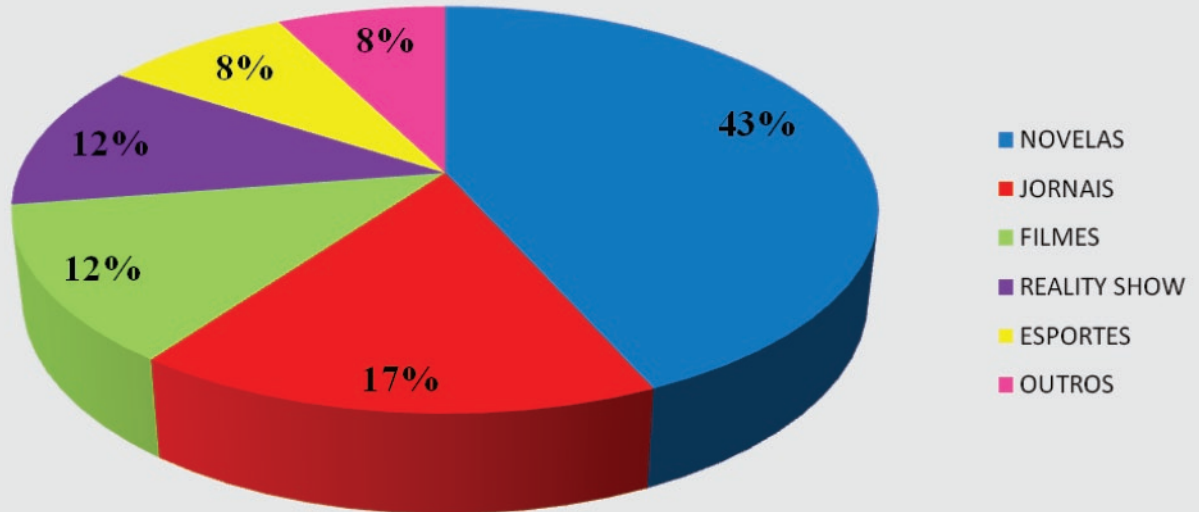


GRÁFICO 98*

Pergunta: E que programas você mais assiste?

OUTROS: Programas de entrevista; Desenhos animados; Programas de Humor e Programas Educativos

Distribuição dos jovens segundo modalidade esportiva que praticam

FUTEBOL FUTEBOLE JIU JITSU FUTEBOLE CICLISMO VÔLEI MUSCULAÇÃO NÃO PRATICAM

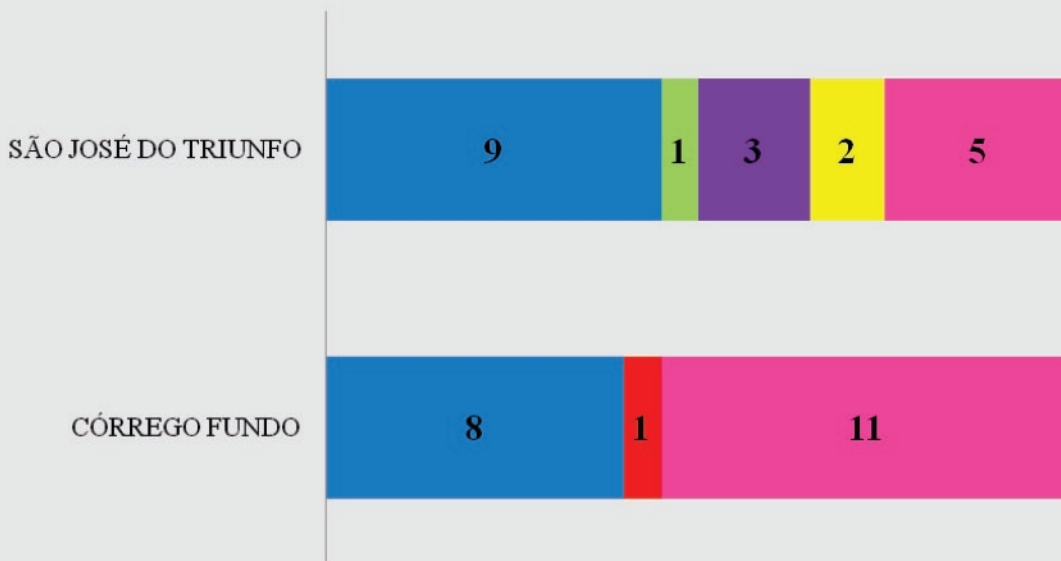


GRÁFICO 99

Pergunta: Você pratica alguma modalidade esportiva? Qual?

Indicação dos jovens da área em que há melhor atuação do governo em São José do Triunfo

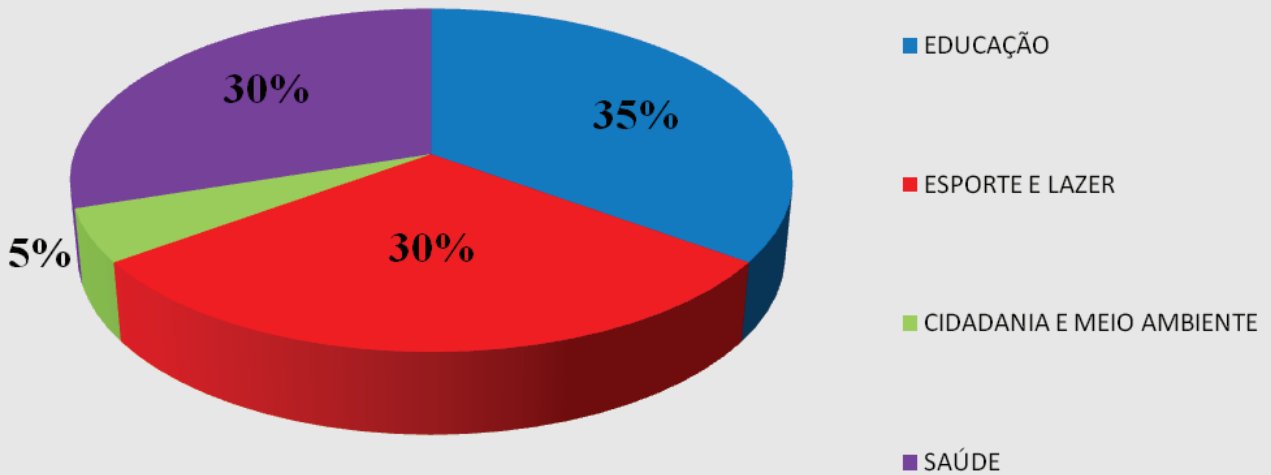


GRÁFICO 100

Pergunta: Em sua opinião, em que área há melhor atuação do governo aqui na comunidade?

Indicação dos jovens da área em que há pior atuação do governo em São José do Triunfo

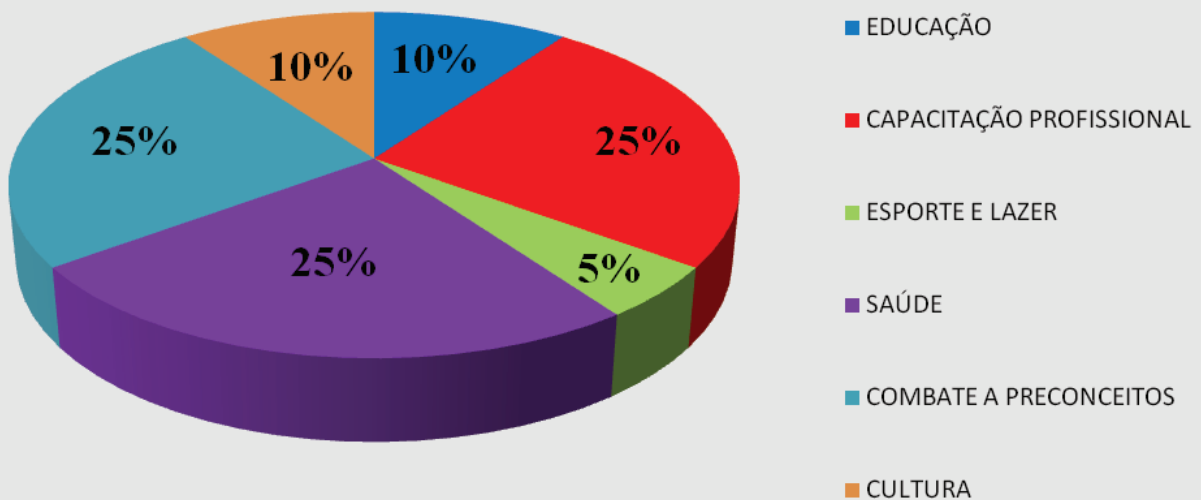


GRÁFICO 101

Pergunta: E em que área há menor atuação do governo / em que área a atuação é mais deficiente?

Juventude e política

Indicação dos jovens da área em que há melhor atuação do governo em Córrego Fundo

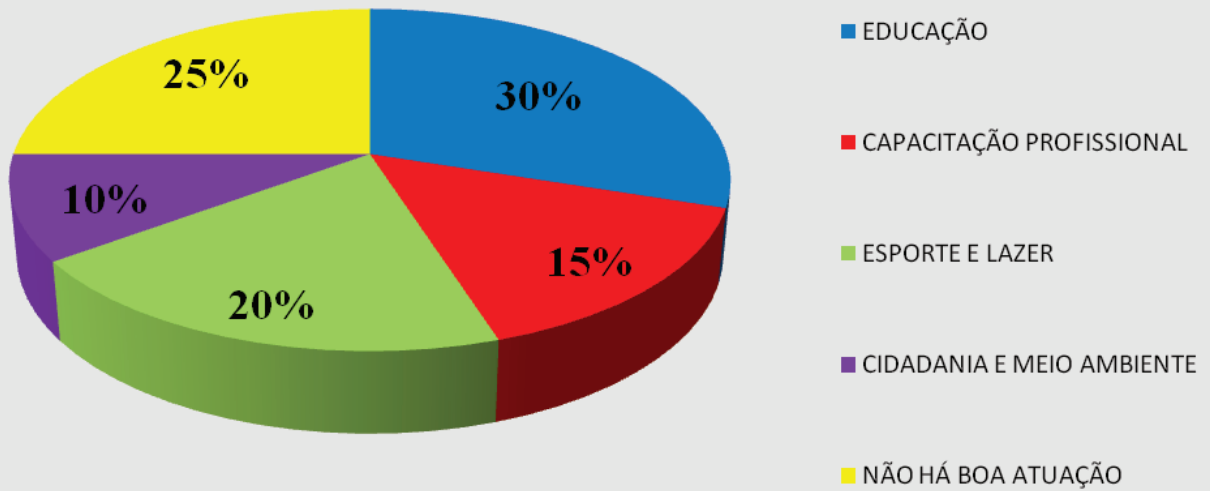


GRÁFICO 102

Pergunta: Em sua opinião, em que área há melhor atuação do governo aqui na comunidade?

Indicação dos jovens da área em que há pior atuação do governo em Córrego Fundo

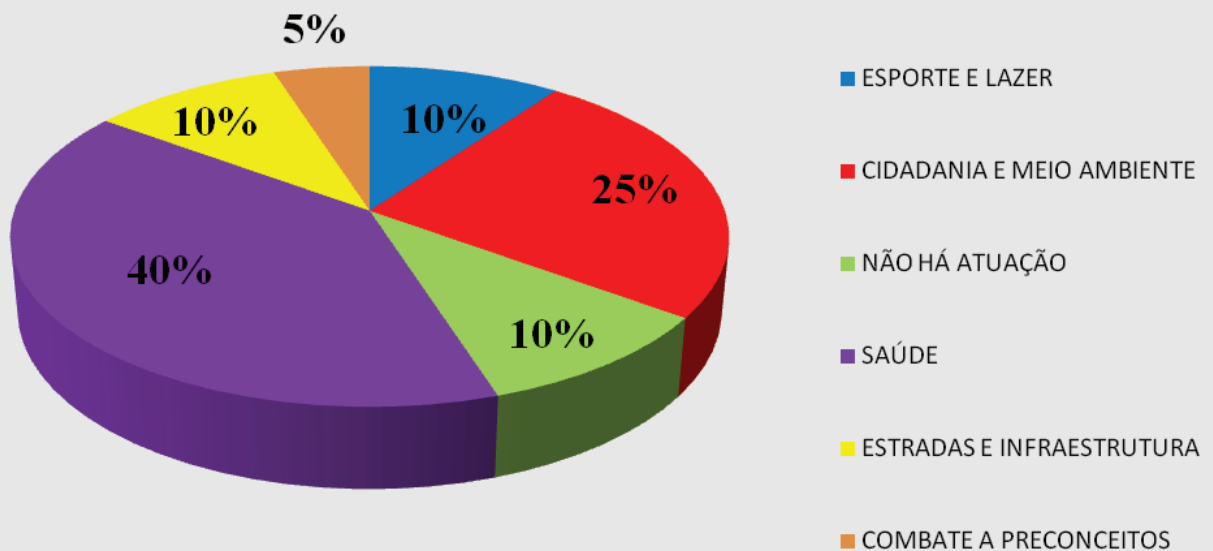


GRÁFICO 103

Pergunta: E em que área há menor atuação do governo / em que área a atuação é mais deficiente?

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. (coords.). **Juventude, juventudes: o que une e o que separa**. Brasília: UNESCO, 2006.

ABRAMOVAY, R.. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

ABRAMOVAY, R.; SILVESTRO, M. L.; CORTINA, N.; BALDISSERA, I. T., FERRARI, D. L.; TESTA, V. M.. **Juventude e agricultura familiar: desafio dos novos padrões sucessórios**. Brasília: UNESCO, 1998.

BEGNAMI, J. B.. Experiência das Escolas Famílias Agrícolas - EFAs do Brasil. In: **Pedagogia da Alternância: Formação em Alternância e Desenvolvimento Sustentável**. Brasília: UNEFAB, 2002.

BAJOIT, G.; FRANSSEN, A.. O trabalho, busca de sentido. In: UNESCO. **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

BERCOVICH, A.; MADEIRA, F.. A onda jovem e seu impacto na população economicamente ativa de São Paulo. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, v.1, n. 8, 1992.

BOURDIEU, P.. A "juventude" é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRANCO, P. P. M.. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: FPA / Instituto Cidadania, 2005.

BRANDÃO, E. R. Gravidez na adolescência: um balanço bibliográfico. In: HEILBORN, M. L.; AQUINO, E.; BOZON, M.; KNAUTH, D. **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sexuais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

BRASIL. Decreto nº 6.174, de 1º de agosto de 2007. Dispõe sobre a composição e funcionamento do Conselho Nacional de Juventude - CNJ. **Diário Oficial** (da República Federativa do Brasil), Brasília, n. 148, p. 2, 2 de ago. 2007.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. São Paulo: Cortez, 1990.

BRASIL. **Novo Código civil (Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002)**. Brasília: Câmara dos Deputados; Coordenação de Publicações, 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.490, de 14 de julho de 2005. Dispõe sobre a composição e funcionamento do Conselho Nacional de Juventude - CNJ. **Diário Oficial** (da República Federativa do Brasil), Brasília, n. 135, p. 1-2, 2 de ago. 2007.

BRASIL. **Guia de Políticas Públicas de Juventude**. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República, 2006.

BRUMER, A.. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CALIARI, R. O.. **Pedagogia da Alternância e Desenvolvimento Local**. Lavras, 2002. Dissertação (Mestrado em Administração) Universidade Federal de Lavras, 2002.

CÂMARA, M. M.; CRUZ, A. R.. Adolescência prolongada: o tempo que não se quer deixar passar. *Educar em Revista*, n.15, 1999.

CAMARANO, A. A.. Fertilidade e anticoncepção da população jovem. In: COMISSÃO NACIONAL DE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília: CNPD, 1998.

CAMARANO, A. A.; LEITÃO E MELLO, J.; KANSO, S. Do nascimento à morte: principais transições. In: CAMARANO, A. A. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição**. Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

CAMARANO, A. A.; LEITÃO E MELLO, J. Introdução. In: CAMARANO, A. A. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição**. Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

CANCLINI, N. G. **Consumidores y ciudadanos: conflictos multiculturales de la globalización**. México: Grijalbo, 1995.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguales y desconectados: Mapas de La interculturalidad**. Barcelona: Gedisa, 2004.

CARDOSO, R., SAMPAIO, H. (Orgs.). **Bibliografia sobre a juventude**. São Paulo: EDUSP, 1995.

CARNEIRO, M. J. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: FPA / Instituto Cidadania, 2005.

CARNEIRO, M. J. O ideal *rurbano*: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F. C. T. da; SANTOS, R.; COSTA, L. F. C. **Mundo rural e política**. Rio de Janeiro: Campus / Pronex, 1998. (Ensaio Interdisciplinares).

CARNEIRO, M. J.; MALUF, R. (Orgs.). **Para Além da Produção: multifuncionalidade e agricultura familiar**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

CASTRO, E. G. **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. Rio de Janeiro, 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) UFRJ, 2005.

CASTRO, Elisa Guaraná. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**. v. 7, n.1, 2009.

CASTRO, E. G. . Juventude: hierarquia social e relações de poder na luta pela construção de um ator político. In: PICCIN, M. (Org.). **A hora e a vez da juventude**. São Paulo: Página 13, 2010.

CASTRO, E. G.; MARTINS, M.; ALMEIDA, S. L. F.; RODRIGUES, M. E. B.; CARVALHO, J. G.. **Os Jovens estão indo embora?** - Juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad/ EDUR, 2009.

CONJUVE (CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE). **Reflexões sobre a Política Nacional de Juventude (2003-2010)**. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência de República; Secretaria Nacional de Juventude, 2011.

DAMASCENO, M. N.. A construção do saber social pelo camponês na sua prática educativa e política. In: THERRIEN, J., DAMASCENO, M. N. (Coords.). **Educação e escola no campo**. São Paulo: Papirus, 1993.

DEBERT, G. G.. Envelhecimento e Curso da Vida. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 1, p. 120-128, 1997.

DEBERT, G. G.. A Dissolução da Vida Adulta e a Juventude como Valor. **Horizontes Antropológicos**, v. 16, p. 49-70, 2010.

DOULA, S. M. ; FIUZA, A. L. de C.; COSTA, W. T.; SANTOS, A.. A Extensão Rural brasileira pós-paradigma do desenvolvimento agrário. In: Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura (IICA). **Seminario Extensión Rural en la Región Sur: diálogo de saberes. Memoria**. Buenos Aires: IICA, 2010.

DURSTON, J.. Juventude Rural, Modernidade e Democracia: desafio para os noventa. In: TAVARES, D.; LEMOS, N.. **Juventude e Desenvolvimento Rural no Cone Sul Latinoamericano**. Santiago de Chile: PROCODER/IICA/EMATER, 1994.

ESTEVES, L. C. G.. **Estar no papel**: cartas dos jovens do ensino médio. Brasília : UNESCO, INEP/MEC, 2005.

ESTEVES, L. C. G.; ABRAMOVAY, M.. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas. In: ABRAMOVAY, M. ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: MEC/UNESCO, 2007.

FORACCHI, Marialice M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Edusp, 1972.

FRANCA-BEGNAMI, M. J. ; MENEZES NETO, A. J. Juventudes, diversidade e desigualdades: um olhar sobre a educação e os jovens do campo. In:

ENCONTRO MINEIRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2009, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2009.

FRIGOTTO, G.. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidade, desafios e perspectivas. In: VANNUCHI, P.; NOVAES, R. (Orgs.). **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Fundação Perseu Ramos, 2004.

FUMES, R. C. P.. Entre o urbano e o rural: delineando uma nova abordagem. In: Encontro de Geógrafos de America Latina, 12, Montevideu. **Anais...** Montevideu: Easy planners, 2009.

GEERTZ, C.. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOLDANI, A. M.. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 91, nov., 1994.

GOLDANI, A. M.. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 1, n.1, 1993.

GOLDANI, A. M.. What Will happen to Brazilian fertility?. In: UNITED NATIONS. **Completing the fertility transition**. New York: UN; ESA, 2002.

GONZALEZ, Z. K.; GUARESCHI, N. M. de..Discursos sobre juventude e práticas psicológicas: a produção dos modos de ser jovem. Brasil. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 6, n. 2, 2008.

GROSSI, M. P.. O pai não está desaparecendo: o que temos é uma transformação de papéis. **IHU Online Revista Eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo-RS, v.7, n. 230, 2007.

HAAS, J. M. ; SULZBACHER, A. W. ; BOLTER, J. A. G. ; NEUMANN, P. S. . O complexo agroindustrial e a agricultura familiar: além das tradicionais fronteiras. **Informe GEPEC**, v. 14, 2010.

JADELET, D.. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

KEHL, M. R.. A Juventude como Sintoma da Cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

KERBAUY, M. T. M.. Políticas de juventude: políticas públicas ou políticas governamentais?. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 18, n. 19, 193-203, 2005.

LECCARDI, C.. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, v. 17, n.2, 2005.

LEON, A. L. P. de. Juventude, Juventudes: uma análise do trabalho e renda da juventude brasileira. In: ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. (coords.). **Juventude, juventudes: o que une e o que separa**. Brasília: UNESCO, 2006.

LÉVY, P.. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 1995.

MAGALHÃES, A. S.. Novos arranjos familiares. Qual é papel do pai na família contemporânea?. **IHU Online Revista Eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo-RS, v.7, n. 230, 2007.

MARODIN, M.; POLANCZICK, T. V.. Transformações na paternidade. Quem é o pai na família do século XXI?. **IHU Online Revista Eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo-RS, v.7, n. 230, 2007.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Estudos de Reordenamento Agrário Nº 1**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2007a.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Estudos de Reordenamento Agrário Nº 2**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2007b.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Estudos de Reordenamento Agrário Nº 3**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2007c.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Estudos de Reordenamento Agrário Nº 4**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2007d.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Estudos de Reordenamento Agrário Nº 5**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2007e.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Estudos de Reordenamento Agrário Nº 6**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2007f.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Estudos de Reordenamento Agrário Nº 7**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011.

MIZRAHI, B. G. P.. Pais: meros instrumentos do mercado?. **IHU Online Revista Eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo-RS, v.7, n. 230, 2007.

MOSCOVICI, S.. **Social Representations: Explorations in Social Psychology**. New York: New York University Press, 2001.

NOGUÉ i FONT, J.. El fenómeno neorrural. **Agricultura y Sociedad**, Madrid, n. 47, abr.-jun.,1988.

NOVAES, R. Políticas de juventude no Brasil: Continuidades e rupturas. In: UNESCO. **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

PAIS, J. M.. A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde & Sociedade**, v. 18, n. 3, 2009.

PAIS, J. M.. **Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. Porto: Âmbar, 2005.

PAULO, M. de A. L. de. O presente e o futuro no horizonte dos jovens rurais de Orobó. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA JUVENTUDE BRASILEIRA, 3, 2008, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UCG; UFG, 2008.

PAULO, M. de A. L. de. Juventude Rural e trabalho agrícola: pensando na dimensão da vergonha. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14, 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ; UERJ, 2009.

PROJETO JUVENTUDE; INSTITUTO CIDADANIA. **Perfil da Juventude Brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

RIBEIRO, R. J.. Política e Juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

RODRÍGUEZ, E. Políticas públicas de juventud em América latina: avances concretados y desafíos a encarar em el Marco del Año Internacional de La Juventud. **Debates SHS (ciências sociais y humanas)**, Brasília; Santiago do Chile, n. 1, maio, 2010.

RUA, M. das G.. As políticas públicas e a juventude nos anos 90. In: COMISSÃO NACIONAL DE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília: CNPD, 1998.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Edusp, 1993.

SARTI, C. A.. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHNEIDER, S.. A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no Sul do Brasil. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 16, abr., 2001.

SCHNEIDER, S.. **A Pluriatividade na Agricultura Familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

SCHNEIDER, S.. Teoria Social, Agricultura Familiar e Pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 51, fev., 2003.

SECRETARIA DE REORDENAMENTO AGRÁRIO. **Painel de indicadores da Secretaria de Reordenamento Agrário**. Brasília: MDA; SRA; Coordenação-Geral de Planejamento, Monitoramento e Avaliação, 2011. (Boletim n. 17/2011).

SEM, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEYFERTH, G.. Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso). **Anuário Antropológico**, Brasília, 1993.

SHEEHY, G.. **Novas passagens: Um roteiro para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

SIGARAN, C. V. S.. A mudança nos paradigmas da família reflete-se nos vínculos de parentalidade. **IHU Online Revista Eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo-RS, v.7, n. 230, 2007.

SILVA, M. C. Discursos sobre a juventude rural participante de Clubes 4-S (1959-1977). **Esboços**, Chapecó/SC, v.9, n.9, p. 143-156, 2001.

SILVA, A. R. O. da; RODRIGUES, L. L. M. ; MOREIRA E. de R. F.. O papel da Juventude Rural na construção de territórios de esperança. In: Jornada do Trabalho, 10, 2009, Presidente Prudente. **A importância da teoria para a transformação social e a imprescindibilidade da pesquisa para a materialização da práxis emancipadora da classe trabalhadora no século XXI**. Presidente Prudente: UNESP, 2009.

SILVA, V.. Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 22, n. 57, Ago. 2002.

SILVA, L. H.. **As Experiências de Formação de Jovens do Campo: Alternância ou Alternâncias?** Viçosa, MG: Editora UFV, 2003.

SILVA, H.; JAMBEIRO, O.; LIMA, J.; BRANDÃO, M. A.. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n.1, jan.-abr., 2005.

SILVESTRO, M. L.; ABRAMOVAY, R.; MELLO, M. A. de; DORIGON, C.; BALDISSERA, I. T.. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural / Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

SINGER, P.. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SOARES, M. D. O.. **As contradições do Turismo no Espaço Rural**: vida, trabalho, renda e exclusão. Campinas. Tese (Doutorado em Engenharia Agrícola), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SOARES, M. D. O.; FAGNANI, M. A.; BERGAMASCO, S. M. P. P.. Características do turismo no espaço rural em municípios de regiões serranas no estado de São Paulo, Brasil. In: CARMO, R. L. do; TRIMIÑO, G. J. C. (orgs.). **Población y medio ambiente en Latinoamérica y el Caribe**: Cuestiones recientes y desafíos para el futuro. Río de Janeiro: ALAP, 2009.

SPOSITO, M. P. (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R.. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. n. 24, set.-dez., 2003.

STROPASOLAS, V. L. Juventude Rural: uma categoria social em construção. In: Congresso Brasileiro de Sociologia, 12, 2005, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2005.

STROPASOLAS, V. L. **O mundo rural no horizonte dos jovens**: o caso dos filhos (as) de agricultores familiares de Ouro/SC. Florianópolis. Tese (Doutorado em Ciências Humanas, Sociedade e Meio Ambiente) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

UNESCO. **Políticas de/para/com Juventudes**. Brasília: UNESCO, 2004.

UNESCO. **Juventudes Brasileiras**. Brasília: UNESCO, 2004.

URNAU, L. C. **Juventude e Arte**: os sentidos da mediação artística para jovens participantes de projetos sociais. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

VERDI, M. S. V.. Os papéis de pai e mãe são muito relevantes. **IHU Online Revista Eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo-RS, v.7, n. 230, 2007.

WANDERLEY, M. de N. B.. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o "rural" como espaço singular e ator coletivo. **Revista Estudos, Sociedade e Agricultura**, n. 15, out., 2000a.

WANDERLEY, M. de N. B.. A valorização da agricultura e a reivindicação da ruralidade no Brasil. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n.2, 2000b.

WANDERLEY, M. de N. B. Jovens rurais em pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

WANDERLEY, M. de N. B. (coord.) **Juventude rural**: vida no campo e projetos para o futuro. Recife, 2006. (Relatório de pesquisa).

WANDERLEY, M. de N. B.. Morar, trabalhar: o ideal camponês dos assentados de pitanga (estudo de caso no Nordeste). In: MARTINS, José de Souza. (org.) **Travessias**. A vivência da reforma agrária nos assentamentos. Editora da UFRG: Porto Alegre, 2003.

ZAMBRANO, E.. Homoparentalidade: novas concepções de família. **IHU Online Revista Eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo-RS, v.7, n. 230, 2007.